



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Larissa Caroline Souza da Silva

**A securitização da anexação da Crimeia e os interesses da Federação Russa
no espaço pós-soviético**

Rio de Janeiro

2022

Larissa Caroline Souza da Silva

**A securitização da anexação da Crimeia e os interesses da Federação Russa no espaço
pós-soviético**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Política Internacional.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Jana Tabak

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CCS/A

S586 Silva, Larissa Caroline Souza da.
A securitização da anexação da Crimeia e os interesses da federação Russa no espaço pós-soviético / Larissa Caroline Souza da Silva. – 2022.
129 f.

Orientadora: Jana Tabak.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Rússia – Relações exteriores – Teses. 2. Crimeia (Ucrânia) – Teses. 3. Securitização – Teses. 4. Rússia (Federação) – Teses. I. Tabak, Jana. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDU 327 (47)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Larissa Caroline Souza da Silva

**A securitização da anexação da Crimeia e os interesses da federação Russa no espaço
pós-soviético**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Política Internacional.

Aprovado em 14 de abril de 2022.

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Jana Tabak (Orientadora)
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

Prof. Dr^ª. Layla Ibrahim Abdallah Dawood
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

Prof. Dr. Fabiano Pellin Mielniczuk
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Rio de Janeiro

2022

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, preciso agradecer ao Ser maior do universo, pois sem Ele não teria conseguido finalizar esta pesquisa e nem teria chegado até aqui. Gratidão;

Aos meus pais, por terem me apoiado, me amado, me consolado, me confortado nos momentos que mais precisei e por nunca terem me deixado desistir. Essa é para vocês!;

A minha irmã, pelas risadas, pelos abraços, pelas lágrimas enxugadas, pelos puxões de orelha, pelas horas de conversa e pela parceira de vida;

A minha família, obrigada pelo apoio, pelo incentivo e por sempre terem acreditado em mim mesmo quando eu não acreditei;

A minha orientadora Jana Tabak, obrigada por ter aceitado esse desafio, por sempre estar disposta a me ajudar, pela atenção, pela compreensão, pela gentileza e pela troca que sempre edifica e ensina;

Aos professores e professoras do PPGRI-UERJ, por toda troca, ensinamentos e vivência e a PPGRI-UERJ, por ter sido minha casa nos últimos três anos e por ter me proporcionado momentos maravilhosos. Aproveito para agradecer aos coordenadores e coordenadoras por terem me ajudado quando precisei;

A o secretário Marcos, por toda atenção e ajuda ao longo desses três anos;

A banca, pela troca, pela disponibilidade e pelos insights;

A minha psicóloga, pois sem ela eu não teria chegado até aqui e não teria finalizado esta pesquisa;

A Escola de Guerra Naval, pela possibilidade de fazer parte de um grupo tão incrível quanto do Laboratório Simulação e Cenários, em especial ao sub-grupo de segurança espacial que me acolheu e me permitiu falar de Rússia nos últimos dois anos;

Aos meus amigos, obrigada! Drey, Bela, Camilla, Carolina, Isabela, Jéssica. Laryssa, Pedro, Manu, Natalia e todos os outros por não largarem a minha mão nunca, por estarem comigo nos momentos de alegria e de tristeza e pelo “ tudo vai ficar bem”. Vocês me ajudaram a acreditar em mim mesma. E aos amigos que fiz no PPGRI-UERJ, obrigada pelas trocas, pelos cafés, pelas risadas, por dividirem as alegrias e os anseios do mundo acadêmico;

A todos que me apoiaram, me ouviram, me desejaram sorte e me acompanharam ao longo dessa jornada. Essa vitória também é de vocês!

“Este amor aos concidadãos, ou às pessoas com quem crescemos, nos criamos e vivemos é o segundo amor à pátria, moral, tão comum quanto o primeiro, local ou físico, porém mais forte em algumas idades, pois o tempo reafirma o hábito. É preciso ver dois conterrâneos que se encontram em uma terra estrangeira: com que prazer se abraçam e se apressam em desafogar a alma em conversas sinceras!”

(Karamzin, 1802)

RESUMO

SILVA, Larissa Caroline Souza da. **A securitização da anexação da Crimeia e os interesses da federação Russa no espaço pós-soviético**. 2022. 129 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

A anexação da Crimeia pela Rússia, no ano de 2014, transformou a península em um dos principais temas geopolíticos daquele ano e em um destaque, pois a primeira vez que a Federação Russa anexou de fato um território ao seu. O território da Crimeia possui ligações históricas, culturais e linguísticas com os russos e essas ligações foram mobilizadas para construir um argumento pelo governo russo de que a população da região estava em insegurança devido aos acontecimentos na Ucrânia que provocaram a queda do presidente Viktor Yanukovich, em fevereiro de 2014. Tendo esses episódios como base, a presente dissertação tem como objetivo principal compreender o movimento de securitização feito pelo governo russo atrelando a identidade política dos compatriotas com a ideia de ameaça para justificar a anexação da Crimeia. A partir da análise de conteúdo dos discursos proferidos pela elite política russa, e da teoria da securitização, se busca compreender como o governo construiu essa ideia de insegurança e analisar se a audiência aprovou ou não esse movimento feito pelo governo russo. Além disso, a dissertação também analisará a política externa russa para o espaço pós-soviético, o papel dos compatriotas dentro dessa e entender como o governo russo enxerga a expansão da OTAN e da União Europeia.

Palavras-chave: Federação Russa. Espaço pós-soviético. Crimeia. Compatriotas. Securitização.

ABSTRACT

SILVA, Larissa Caroline Souza da. **A securitização da anexação da Crimeia e os interesses da federação Russa no espaço pós-soviético.** 2022. 129 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

The annexation of Crimea by Russia in 2014 made the peninsula one of the main geopolitical themes of that year and a highlight, as it was the first time that the Russian Federation annexed a territory of its own. The territory of Crimea has historical, cultural and linguistic links with the Russians and these links were mobilized to build an argument by the Russian government that the population of the region was in insecurity due to the events in Ukraine that brought about the fall of President Viktor Yanukovich, in February 2014. Based on these episodes, the main objective of this dissertation is to understand the securitization movement carried out by the Russian government, linking the political identity of compatriots with the idea of threat to justify the annexation of Crimea. Based on the content analysis of the speeches given by the Russian political elite, and on the theory of securitization, we seek to understand how the government built this idea of insecurity and analyze whether the audience approved this move made by the Russian government. In addition, the dissertation will also analyze Russian foreign policy for the post-Soviet space, the role of compatriots within it and understand how the Russian government sees the expansion of NATO and the European Union.

Keywords: Russian Federation. Post-Soviet Space. Crimea. Compatriots. Securitization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Esquema do processo de securitização e dessecuritização	34
Figura 2 – Mapa com os países membros da União Europeia no ano de 2022	52
Figura 3 – Mapa da expansão da União Europeia desde 1952	53
Figura 4 – Mapa da expansão da OTAN desde a sua criação	58
Figura 5 - Mapa da Península da Crimeia	76
Figura 6 – Cartaz na Crimeia com a suástica dentro do mapa da Crimeia	109
Figura 7- Cartaz em Sebastopol sobre o referendo.....	110
Figura 8 - Pare o fascismo	111
Figura 9 – A Crimeia é Nossa: cartaz.....	112
Figura 10 – A Crimeia é nossa!.....	112
Figura 11 – Estádio Luzhniki no dia 18 de março de 2022	115

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Conteúdo analisado nos discursos de Vitaly Churkin	93
Tabela 2 – Conteúdo analisado nos discursos de Vladimir Putin.....	100
Tabela 3 – Você apoia a unificação da Crimeia com a Rússia .;.....	103
Tabela 4 – Por que você apoia a unificação da Crimeia com a Rússia?	103
Tabela 5 – Você aprova, desaprova ou não aprova nem desaprova a maneira como Vladimir Putin está exercendo seu trabalho como presidente?	104
Tabela 6 - Quando se trata da Ucrânia, você diria que, exceto a Crimeia, há muitas partes que pertencem à Rússia por direito, algumas partes que pertencem à Rússia ou não há partes que pertencem à Rússia	105
Tabela 7- A questão do idioma russa e ucraniano dentro da Ucrânia	106
Tabela 8 - O resultado do referendo deve ser aceito?	107
Tabela 9 – Kiev deveria ou não deveria reconhecer o resultado do referendo da Crimeia?.....	108

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AP -	Associated Press
BSF -	Black Sea Flet
CEI -	Comunidade dos Estados Independentes
CSNU -	Conselho de Segurança das Nações Unidas
GUAM -	Georgia-Ukraine-Azerbaijan-Moldavia Organization for Democracy and Economic Development
NATO -	North Atlantic Treaty Organization
ONU -	Organização das Nações
OTAN -	Organização do Tratado do Atlântico Norte
PR -	Pew Research
RI -	Relações Internacionais
SI	Sistema Internacional
UE -	União Europeia
ONU -	Organização das Nações Unidas

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	14
1	O CAMINHO PARA INVESTIGAR A ANEXAÇÃO DA CRIMEIA E A PROTEÇÃO DOS COMPATRIOTAS RUSSOS NA PENÍNSULA	26
1.1	Expansão do conceito de segurança e a Escola de Copenhague	27
1.2	A teoria da Securitização e as unidades envolvidas na análise de segurança ..	32
1.3	Os setores de segurança da Escola de Copenhague	37
1.4	Considerações finais sobre o capítulo	42
2	O AVANÇO DO OCIDENTE EM DIREÇÃO ÀS FRONTEIRAS RUSSAS E A CHAMADA POLÍTICA DE COMPATRIOTAS	44
2.1	De Kiev Rus ao colapso da União Soviética: a origem comum da Rússia e da Ucrânia	45
2.2	O governo Yeltsin, a expansão da União Europeia e o espaço pós-soviético ...	50
2.3	A Era Putin e a política externa russa: o espaço pós-soviético e a expansão do Ocidente	55
2.4	A política de compatriotas da Rússia: quem são aqueles que precisam ser protegidos	62
2.5	Considerações finais sobre o capítulo	69
3	A ANEXAÇÃO DA CRIMEIA E A CONSTRUÇÃO DA AMEAÇA NO DISCURSO DO GOVERNO RUSSO	71
3.1	A crise ucraniana e a anexação da península	72
3.2	A importância da Crimeia e sua ligação histórica-militar com a Rússia	75
3.3	A securitização da questão da Crimeia e a análise de conteúdo dos discursos do representante russo no Conselho de Segurança das Nações Unidas	81
3.3.1	<u>A análise de conteúdo dos discursos de Vitaly Churkin</u>	82
3.4	A securitização da questão da Crimeia e a análise de conteúdo dos discursos do presidente russo Vladimir Putin	94
3.5	A securitização da identidade política dos compatriotas e a anexação da Crimeia foi bem sucedida?	101
3.5.1	<u>A recepção da audiência russa e da Crimeia, as pesquisas do Levada Center, do AP-NORC e do Pew Research</u>	101
3.5.2	<u>A propaganda na península da Crimeia e o apoio popular</u>	109

3.6	Considerações finais sobre o capítulo	113
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	115
	REFERÊNCIAS.....	123

INTRODUÇÃO

O colapso da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) em 1991 acarreta mudanças sistêmicas e regionais que reverberam até hoje. Naquele momento, setenta anos de comunismo terminava na região, quinze Estados emergiram no mapa entre a Europa e a Ásia tornando, assim, o tabuleiro geopolítico da região ainda mais complexo. Ao mesmo tempo, algo em torno de 25 milhões de russos dormiam na União Soviética e acordavam em outros Estados, com outras fronteiras geopolíticas (PIEPER, 2018).

Nesse ínterim, a Rússia se torna a sucessora legítima da União Soviética ocupando seu lugar no Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU) e herda seu arsenal nuclear. Entretanto, o país estava economicamente em frangalhos e buscava reconstruir seu relacionamento com o Ocidente¹ e com os países do espaço pós-soviético. O conceito de espaço pós-soviético define a realidade dos recém-formados países que fizeram parte da União Soviética. Essa definição parte de uma combinação da origem soviética comum desses Estados e o elemento “pós” que apresenta a ideia de algo novo, distinto de alguma maneira da situação anterior (TOMÉ, 2007, p. 3).

A Federação Russa, no início dos anos de 1990, sob o comando de Boris Yeltsin, em termos de política externa, tenta se aproximar dos Estados Unidos e almeja passar uma imagem de que não busca reconstruir nem reviver o passado soviético. Com isso, o país passa a se aproximar das Organizações Internacionais e chega, inclusive, a assinar uma parceria com a Organização do Tratado do Atlântico Norte (PECEQUILO, LUQUE, 2016, p. 4). Nesse primeiro momento, o que fica conhecido como exterior próximo russo (near abroad) não é uma pauta prioritária em termos de política externa, mas continua a ser um ponto importante para as ambições geopolíticas russas que incluem a ideia de voltar a ser uma grande potência internacional com uma área de influência (SEGRILLO, 2014).

A política externa mais pró-ocidente contribui para uma relação mais amigável com os países do espaço pós-soviético como a Ucrânia já que os russos, naquele momento, não possuíam grandes ensejos sobre o seu entorno regional (BERSTEIN, MILZA, 2007). Entretanto, essa situação muda na segunda metade da Era Yeltsin (1991-1999). Nesse sentido, vale ressaltar que o país não recebe os fundos que busca junto ao Fundo Monetário

¹ Nesta dissertação, o termo Ocidente se refere aos Estados Unidos, a União Europeia, ao Canadá e as instituições internacionais criadas e mantidas por eles.

Internacional, sendo que uma das poucas concessões que recebe é a transformação do G-7 em G-8 (PECEQUILO, LUQUE, 2016, p. 4). Além disso, a Rússia assiste à expansão da OTAN rumo ao Leste e ao bombardeio da Sérvia, pela OTAN, durante a Guerra da Bósnia (SEGRILLO, 2014). Esses acontecimentos promovem mudanças em termos de política externa como o afastamento do discurso de proximidade com o ocidente e a criação dos Cinco de Xangai, em 1996, que será a base para a Organização da Cooperação de Xangai (OCX) e uma aproximação com os países da Ásia Central e da Ásia (PECEQUILO, LUQUE, 2016)

Assim, durante a chamada Era Putin (2000), a Federação Russa passa a colocar seu entorno regional como uma prioridade na agenda de política externa e a defini-lo como uma área de influência russa que precisa ser priorizada. A administração Putin também fortalece a Comunidade dos Estados Independentes (CEI) e condena a entrada dos vizinhos em instituições como a OTAN e a União Europeia (SEGRILLO, 2014). Além disso, ainda no primeiro ano de governo da nova gestão, em 2000, a Rússia lança um Novo Conceito de Política Externa (Foreign Policy Concept) que tem como uma das principais mudanças em relação aos conceitos anteriores a descrição sobre o Sistema Internacional (SI). O SI agora é apresentado como multipolar e com entendimento de que os russos precisam, devido ao caráter do sistema, agir de uma forma condizente com essa situação. O Novo Conceito de Política Externa também apresenta a ideia de que a Federação Russa é uma potência do cenário internacional e deve agir na defesa dos seus interesses e daquilo que considera como sua zona de influência dos agentes externos: o espaço pós-soviético (FEDERAÇÃO RUSSA, 2000; SEGRILLO, 2014).

Enquanto isso, internamente, nos primeiros anos de Putin como presidente o país vivencia um crescimento econômico por causa do boom dos preços do petróleo e do gás, o que possibilita algumas mudanças internas como o pagamento da aposentadoria e a retomada de empresas pelo governo. Nesse momento, o governo também busca solucionar os problemas ligados à luta pela soberania dos chechenos e inicia um processo de consolidação do poder de Moscou sob a política interna russa, através de leis rígidas contra o terrorismo e minando a atuação dos oligarcas e governadores (SEGRILLO, 2014).

Em quesito de política externa, o governo liderado por Putin busca se aproximar dos Estados Unidos no âmbito da agenda acerca do combate ao terrorismo internacional com o objetivo de enquadrar a guerra na Chechênia como parte da luta contra o terrorismo. Essa aproximação com os norte-americanos ocorre através do apoio à invasão ao Afeganistão e na defesa da existência de uma guerra contra o terrorismo internacional. Contudo, a cooperação se desfaz em pouco tempo dando lugar a um relacionamento tenso entre os dois países por causa

das chamadas Revoluções Coloridas². Essas ocorrem em países próximos ao território russo como a Revolução Rosa na Geórgia em 2003; a Laranja na Ucrânia em 2004 e da Tulipa no Quirguistão em 2005. Após essas revoluções, o governo Putin passa a afirmar que o Ocidente está por trás dessas mudanças de regime. Por isso, depois desses acontecimentos, Moscou adota uma retórica diferente para o seu entorno próximo e começa a agir de forma mais assertiva para garantir seus interesses e influência na região (SEGRILLO, 2014; PECEQUILO, LUQUE 2016; SANTOS, 2017).

O alargamento da OTAN em direção às fronteiras russas e a entrada dos países Bálticos na União Europeia também contribuem para a mudança de geopolítica e política externa de Moscou (PECEQUILO, LUQUE, 2016). Um maior destaque para o entorno regional passa a ser perceptível também nos documentos estratégicos da Rússia. Nesses documentos, o espaço pós-soviético é apresentado como uma área de influência “natural” e importante para o projeto russo de grande potência internacional (SEGRILLO, 2014; TOAL, 2016). Além da ênfase no exterior próximo, os documentos e discursos da administração Putin incluem cada vez mais a diáspora russa, que vive em territórios da antiga União Soviética (LARUELLE, 2015; GRIGAS, 2016; TOAL, 2016). Essa diáspora, então reconstruída politicamente por Moscou como compatriotas russos, torna-se instrumento para ação externa em países vizinhos, segundo Grigas (2016, p. 14).

Durante um discurso perante à Assembleia Federal Russa, no ano de 2005, Vladimir Putin aponta que “[...] the collapse of the Soviet Union was a major geopolitical disaster of the century. As for the Russian nation, it became a genuine drama”³ (PUTIN, 2005, s/p.). O desastre para a nação russa é, principalmente, o fato de que milhões de concidadãos, russos étnicos e falantes da língua russa, encontram-se fora do território da Rússia e longe da governança de Moscou. Essa diáspora é citada em documentos do governo de Boris Yeltsin – como o Guidelines on State Policy regarding Compatriots Living Abroad, lançado em 1994, e no Declaration on Support of the Russian Diaspora and Protection of Russian Compatriots que data

² O termo russo *tsvetnoy revolyutsii* (revolução colorida), utilizado para se referir às revoluções que propiciaram mudanças de regimes no leste europeu, está etimologicamente ligado à palavra russa *tsvet*, que pode ser traduzida para o português como flor. Inicialmente o termo significava algo como revoluções floridas já que as revoluções na Sérvia, em 2000, e na Geórgia, em 2003, receberam o nome de flores. Além disso, o ministro das relações exteriores da Rússia, Sergei Lavrov, em 2005, se referiu a essas revoluções como revoluções floridas (RIA, 2005). Com o passar dos anos e a revolução na Ucrânia, as cores passaram a ser utilizadas também e existe a possibilidade de que o termo passou a ser utilizado como revoluções coloridas depois do nome que recebeu a revolução ucraniana.

³ “[...] O colapso da União Soviética foi o maior desastre geopolítico do século. Quanto à nação russa, tornou-se um verdadeiro drama”

de 1995 (GRIGAS, 2016) - porque alguns russos étnicos não obtêm cidadania dos países onde se estavam. Por isso, o governo russo passa a adotar políticas de distribuição de passaportes para todos que querem a cidadania russa e assina acordos com países como o Tadjiquistão para dar dupla cidadania a quem quiser (IDEM, pp. 52-54)

Durante os anos de Putin no poder, os russos fora do território estatal russo são denominados de compatriotas pelo governo. Essa denominação abarca não só os russos étnicos, mas os falantes da língua russa e os indivíduos com laços culturais. Dessa forma, o governo utiliza o termo compatriota como um rótulo muito mais abrangente, inclui falantes de russo, russos étnicos e indivíduos que manifestam laços culturais com a pátria russa (PIEPER, 2018, p. 5).

A questão da diáspora também passa a ser mencionada de forma explícita nos Conceitos de Política Externa da Federação Russa a partir dos anos 2000, e documentos como a Federal Law No. 67 F-Z On Russian Federation Citizenship de 2002, e a diretrizes como Basic Guidelines for Support of Compatriots Abroad by Russian Federation for 2002-2005, também de 2002, são assinados pelo presidente (GRIGAS, 2016, p. 90). Além disso, agências governamentais são criadas para conectar essa diáspora à Rússia. Por exemplo, a Rossotrudnichestvo, criada com o objetivo de manter a influência russa na Comunidade dos Estados Independentes (CEI) e promover os laços de amizade para o avanço dos interesses políticos e econômicos da Rússia em países estrangeiros junto a Fundação Russkiy Mir (GRIGAS, 2016, p. 49-51). Hoje a organização se encontra em outros países para além das ex-repúblicas soviéticas.

É importante investigar a questão dos compatriotas russos porque, segundo Toal (2016, p. 71), a forma como Moscou define a identidade dos russos e os seus compatriotas gera implicações significativas e diretas para os seus vizinhos como a ideia de proteção dos russos em outros territórios justificando ações em áreas próximas à Rússia. Afinal, muitos desses concidadãos estavam e estão presentes em países como Ucrânia, Geórgia, Armênia, Belarus ou em áreas que apresentam conflitos congelados⁴. Ademais, a definição da diáspora como compatriotas fabrica um dever no Kremlin de defender esses indivíduos mesmo que eles estejam fora das fronteiras da Rússia. E essa proteção é evocada em situações de conflito e de guerra que se desenrolam no espaço pós-soviético.

⁴ Talvez seja interessante colocar uma notinha explicando o que são conflitos congelados e porque dessa denominação.

A prerrogativa de proteger os compatriotas foi utilizada em 2014 como uma das justificativas para a anexação da Crimeia em 2014. A anexação da Crimeia ocorre durante a chamada crise ucraniana que começou no final de 2013 quando o então presidente da Ucrânia, Viktor Yanukovich, se recusou a assinar um acordo que estava negociando com a UE e optou por um compromisso com os russos (MEARSHEIMER, 2014; MIELNICZUK, 2014). Apesar da assinatura do acordo entre Kiev e Moscou, o Kremlin interpretou a atitude da União Europeia e os acontecimentos em solo ucraniano como uma tentativa do Ocidente de diminuir a presença russa no país visto que após a deposição de Yanukovich, o novo presidente possuía um posicionamento mais pró-Washington e pró-Ocidente do que um perfil mais próximo a Moscou (MEARSHEIMER, 2014; TOAL, 2016; LOFTUS, 2019).

É nesse contexto de deposição de Viktor Yanukovich da presidência da Ucrânia que a anexação da Crimeia pela Rússia se insere. Nos discursos dos atores da elite política russa, os moradores da Crimeia e os compatriotas russos são evocados como aqueles que precisam ser protegidos e estão em uma situação de insegurança. A atuação dos russos na anexação da península e a evocação dos falantes de russo e dos compatriotas nesta situação demonstram o papel que esses estão ganhando no discurso político de Moscou e na geopolítica russa para o espaço pós-soviético. É justamente a partir dessa ideia de insegurança na Crimeia e na Ucrânia após os acontecimentos de 2013 e 2014 e sobre a atuação russa na anexação da Crimeia que esta dissertação se debruça. Essa dissertação busca analisar o papel dos compatriotas russos na anexação da Crimeia, como os discursos da elite política russa construíram a securitização da identidade política desses compatriotas e se a audiência russa aprovou ou não esse processo de securitização.

PERGUNTA DE PARTIDA E HIPÓTESE

Entendido por alguns autores, como Agnias Grigas (2016) e John Mearsheimer (2014), como uma resposta ao que ocorreu na Ucrânia, a anexação da Crimeia foi justificada pelo presidente Vladimir Putin, ainda no ano de 2014, principalmente como uma forma de proteger os compatriotas russos que estavam, na visão de Moscou, em perigo na Ucrânia devido à crise que lá se desenrolava e em função do novo governo ucraniano considerado ultranacionalista e radical (PUTIN, 2014a). Devido à anexação do território da Crimeia e das justificativas apresentadas por Putin, surgiu a pergunta que guia esta dissertação é: De que forma a identidade

política dos compatriotas russos na Crimeia opera como justificativa para a anexação do território pelo governo russo?

A partir da teoria da securitização, a hipótese levantada é de que a identidade política dos compatriotas russos na Crimeia foi mobilizada e articulada nos discursos dos atores políticos russos de forma que o novo governo ucraniano fosse entendido como uma ameaça existencial aos compatriotas russos na península. Essa ameaça leva ao governo a reivindicar e agir da única forma defendida como possível para proteger esses cidadãos russos na península, isto é, que é anexando o território.

Conforme destaca a teoria da securitização, o ator securitizador (que nesse caso é o Estado russo e seus atores políticos) securitizam a questão da identidade política dos compatriotas russos na Crimeia de forma que o governo ucraniano, denominado pelo ator securitizante de ultranacionalista, é apresentado e construído discursivamente como ameaça existencial à identidade política dos compatriotas russos que vivem na Crimeia. Por meio dessa construção discursiva, a única forma do governo russo proteger essa população é agindo de maneira não convencional e excepcional, ou seja, anexando o território da Crimeia.

A identidade política dos compatriotas russos é utilizada, então, de forma a proporcionar uma identificação entre os russos que estão dentro das fronteiras geográficas do Estado russo e os russos falantes da língua russa na península da Crimeia. A partir dessa identificação, o governo russo justifica a necessidade de proteção dos compatriotas russos que vivem na Crimeia e que tinham sua segurança, segundo o governo russo, comprometida naquele momento em função dos acontecimentos políticos na Ucrânia.

Enfim, é através dessa identidade política dos compatriotas russos falantes da língua russa que o governo fornece uma base de proximidade entre os falantes de língua russa na península e os russos dentro do Estado russo. Com isso, a audiência tende a aceitar a anexação visto que seus iguais (os falantes de língua russa, os russos étnicos, aqueles com ligações culturais) estavam em perigo enquanto permanecessem sob a jurisdição do governo ucraniano. E esse sentimento de aproximação entre os russos dentro da Rússia e aqueles na Crimeia é fomentado pelo governo russo e por ideias, por exemplo, de que a Crimeia e a Rússia compartilham uma trajetória história comum.

OBJETIVOS

Assim, o objetivo principal desta dissertação é compreender o movimento de securitização feito pelo governo russo atrelando a identidade política dos compatriotas com a

ideia de ameaça para justificar a anexação da Crimeia. A fim de cumprir o objetivo geral serão analisados os discursos do representante do governo russo no Conselho de Segurança das Nações Unidas e pelo presidente Vladimir Putin para explorar como a identidade política dos compatriotas russos na Crimeia foi construída como “um risco”. E, por fim, discutirei se a securitização da anexação da Crimeia foi aceita ou não pela audiência, isto é, se o processo de securitização foi bem-sucedido. Ao longo da dissertação, busca-se compreender como o governo russo conduziu sua política externa no espaço pós-soviético tendo em vista a expansão da OTAN e da União Europeia.

QUADRO TEÓRICO

Para investigar a hipótese levantada, o aporte teórico escolhido para esta dissertação foi a teoria da securitização, uma contribuição aos estudos de segurança feita pelos autores da chamada Escola de Copenhague. A teoria da securitização é melhor apresentada e trabalhada no capítulo 1 da dissertação, porém, nesse momento, abordaremos ela brevemente para apresentar qual quadro teórico foi escolhido.

A Escola de Copenhague tem como uma das principais contribuições para o campo das Relações Internacionais a ideia de securitização que permite um entendimento mais amplo do que é segurança. No livro de 1998 chamado *Security: new framework for analysis*, Barry Buzan, Ole Wæver e Japp Wilde (1998, pp. 1-5) afirmam que o objetivo da obra é estabelecer uma nova estrutura abrangente para os estudos de segurança que vá além das questões de segurança tradicionais e que incorpora outros setores como ambiental, societal e econômico para as análises das Relações Internacionais.

“Instead, we want to construct a more radical view of security studies by exploring threats to referent objects, and the securitization of those threats, that are nonmilitary as well as military. We take seriously the traditionalists’ complaint about intellectual incoherence but disagree that the retreat into a military core is the only or the best way to deal with such incoherence”⁵(BUZAN, WAEVER, WILDE, 1998, pp. 4-5)

A ideia da securitização foi apresentada por Ole Wæver (1995, p. 55) e se refere ao processo pelo qual uma questão é rotulada como um problema de segurança por um ator (de

⁵ “Em vez disso, queremos construir uma visão mais radical dos estudos de segurança explorando ameaças a objetos de referência e a securitização dessas ameaças, tanto não militares quanto militares. Levamos a sério a reclamação dos tradicionalistas sobre a incoerência intelectual, mas discordamos que a retirada para um núcleo militar seja a única ou a melhor maneira de lidar com essa incoerência.”

elite). Esse processo move uma questão da esfera política normal para a esfera securitária e confere o status de ameaça para um evento ou situação através de um ato de fala.

Essa ameaça tem que ser encenada como uma ameaça existencial por um ator securitizador, então, a securitização se estrutura a partir de uma interpretação sobre um determinado problema que pode ser ou não uma ameaça real. Afinal, como os próprios Buzan, Waeber e Wilde destacam que “[...] securitizar como ameaça não tem nada a ver com a realidade dela, mas sim com o uso do discurso para defini-la como tal” (BUZAN, WAEVER, WILDE, 1998. p 29, tradução livre).

Assim, securitizar um tema permite tratar o assunto como excepcional, portanto, autoriza o uso de meios extraordinários já que é um tema que afeta a vida política e a segurança de um determinado ator. Dessa forma, por ser uma questão diferenciada das outras e colocar em perigo a existência de um Estado ou de um determinado ator, aquele que profere a securitização pode desencadear uma ação estatal, por exemplo, pontual e não convencional para lidar com a ameaça performada. Esta dissertação utiliza exatamente este argumento para compreender como ocorre a anexação da Crimeia e a atuação russa no espaço pós-soviético.

O governo russo transformou a anexação da Crimeia em um tema securitizado ao apresentar o que ocorria na Ucrânia – e poderia chegar até a península – como uma ameaça tanto à integridade dos compatriotas russos que viviam na região e quanto ao próprio Estado russo. Ao mover o assunto para uma ameaça securitária de caráter emergencial e existencial, o governo age de forma não convencional ao anexar um território que até então pertencia a outro país.

É preciso ressaltar que esta pesquisa não se aprofunda ou busca confirmar se realmente o governo ucraniano e os acontecimentos naquele país eram uma ameaça real ou não ao Estado russo e aos compatriotas. Contudo, baseado nos argumentos de Buzan, Wæver e Wilde, se entende que o governo russo – sob o comando de Putin – apresentou tal acontecimento e situação como uma ameaça à segurança da população russa naquele território e como uma ameaça ao próprio Estado russo.

JUSTIFICATIVA

O marco temporal desta pesquisa começa no início da chamada Era Putin, nos anos 2000, até o final de 2014, no período pós-anexação da Crimeia. Além disso, este trabalho identifica, com base na teoria da securitização, o governo russo (através da sua elite política) como o ator securitizador que securitiza a identidade política dos compatriotas russos e a

situação da Crimeia. Como já mencionado, essas explicações e a teoria da securitização serão melhor apresentadas e trabalhadas no capítulo 1 desta dissertação.

Esta dissertação busca, então, contribuir com as discussões acerca da segurança internacional, a anexação da Crimeia e as relações e interesses da Federação Russa com o espaço pós-soviético. A relevância de produzir um estudo como este decorre da atualidade e do destaque do tema nas Relações Internacionais Contemporânea e no fato de que a Rússia, apesar de ter perdido poder no cenário internacional, ainda possui a capacidade de ser um país que exerce influência sobre os países vizinhos e está presente em diversas disputas internacionais envolvendo não apenas a Ucrânia, a Geórgia e a Ásia Central, mas também na Síria.

Com a anexação da Crimeia, a ideia de proteção dos russos fora do território da Rússia foi utilizada para anexar um território que pertencia a outro país e jogou luz internacionalmente ao que se chama de política de compatriotas desenvolvida pela Rússia. Agnia Grigas, em seu livro *Beyond Crimea: the new russian empire* (2016), ressaltou que muito se produziu sobre política externa russa e os interesses russos no exterior próximo, mas pouca atenção foi dada à questão dos compatriotas, sua instrumentalização por Moscou e como esses são utilizados pelo governo para atingir objetivos específicos. Por isso, esta dissertação busca abordar tal assunto atrelando-o não apenas aos acontecimentos na Crimeia, mas dentro de uma discussão sobre segurança russa e os interesses da Rússia nos países do espaço pós-soviético, nos vizinhos que compõem seu exterior próximo.

Somando a isso, utilizar a teoria da securitização para abordar a anexação da Crimeia joga luz não apenas aos discursos produzidos pelo governo russo durante a anexação da península e a crise ucraniana de 2014, mas também como a elite política do governo russo construiu as inseguranças nessa área através do discurso e como ele buscou mobilizar a sua audiência para que aceitasse a anexação. Além disso, compreender as questões securitárias e analisar os discursos nos permite pensar acerca das dinâmicas de segurança envolvendo a Rússia e o espaço pós-soviético e como o governo russo compreende a expansão do Ocidente para as suas fronteiras.

METODOLOGIA

Visando, assim, analisar a hipótese apresentada anteriormente, esta dissertação fez uma análise de conteúdo dos discursos da elite política do governo russo para compreender como o discurso de securitização da anexação da Crimeia foi construído e apresentado para a audiência. Os discursos analisados nesta dissertação, especificamente no capítulo 3, foram proferidos pelo

representante russo no Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU), Vitaly Churkin, e pelo presidente Vladimir Putin.

Os discursos de Vitaly Churkin foram proferidos em reuniões do CSNU entre o início de março e abril de 2014 em reuniões que discutiram sobre a situação da Ucrânia e de Donbass. Através da análise desses discursos podemos compreender qual era o argumento desenvolvido por Moscou para defender a anexação da Crimeia, que até então pertencia a outro país, como a Rússia apresentava os eventos políticos que ocorriam na Ucrânia e em que medida esses acontecimentos ameaçavam os compatriotas russos.

Por exemplo, em uma das falas de Churkin, poucos dias após a retirada de Viktor Yanukovich da presidência da Ucrânia, o representante russo declarou que os extremistas ucranianos não podiam assumir o poder, que eles deveriam ser impedidos de assumir o controle do país por meios ilegítimos e através do uso da violência e do terror (CHURKIN, 2014a, p. 2). Devido a essa violência e o uso do terror, os falantes e cidadãos russos que estavam na Ucrânia se encontravam ameaçados. Dessa forma, o governo russo deveria agir e protegê-los.

Em outro discurso, Vitaly Churkin, poucos dias antes da anexação da Crimeia, salienta explicitamente que o novo governo ucraniano, liderado pelo partido Svoboda, considerado ilegítimo pela Rússia, era anti-russo, antisemita, xenófobo e que representava um risco para os falantes de russo não só na Ucrânia, mas na Crimeia, pois a qualquer momento esses russos poderiam ter seus direitos negados (CHURKIN, 2014b, p. 15). Novamente a ideia de insegurança é apresentada e usada como justificativa para a ação e o interesse russo na região.

Essas falas, e os outros discursos de Churkin, alimentam a narrativa de que os cidadãos russos e os falantes de russo estavam em perigo, naquele momento na Ucrânia e, principalmente, na península da Crimeia, em função do novo governo ucraniano ultranacionalista. Era, assim, obrigação do governo russo tomar uma posição e proteger seus cidadãos, já que está escrito na constituição russa que é dever do Estado russo proteger os russos que vivem dentro e fora da Rússia.

Já os discursos proferidos por Vladimir Putin advêm de uma entrevista concedida a jornalistas antes da anexação da Crimeia, no início do mês de março de 2014, em que o presidente se expressou sobre a situação da Ucrânia, da Crimeia e da Rússia. O segundo discurso analisado de Vladimir Putin foi o discurso de anexação da Crimeia, realizado no dia 18 de março de 2014. Todos esses discursos foram analisados em inglês para manter a coerência da pesquisa e foram escolhidos por terem sido proferidos após a deposição de Viktor

Yanukovych e por acompanharem todo o período desde essa situação até a anexação da Crimeia.

A análise de conteúdo se dá por meio de várias técnicas, a partir das quais se busca descrever o conteúdo emitido no processo de comunicação, seja ele por meio de falas ou de textos (BARDIN, 2007 apud CAVALCANTE, CALIXTO, PINHEIRO, 2014, p. 14). Com isso, [...] a análise de conteúdo compreende técnicas de pesquisa que permitem, de forma sistemática, a descrição de mensagens e das atitudes atreladas ao contexto da enunciação, bem como as inferências sobre os dados coletados [...] (CAVALCANTE, CALIXTO, PINHEIRO, 2014, p. 14)

A escolha pela análise de conteúdo advém do fato da teoria da securitização compreender que o processo discursivo é importante para dramatizar ou encenar uma questão como uma questão de segurança de suprema prioridade para o governo, por exemplo. Por isso, optamos nesta dissertação por analisar esse processo discursivo através da análise de conteúdo focando em como o governo russo apresentou a situação da Crimeia, como os compatriotas (os russos, os falantes de russo) são mencionados nesses discursos, como o Ocidente é representado e como a crise ucraniana é dramatizada pela elite política do governo russo.

DIVISÃO DOS CAPÍTULOS

Esta dissertação está dividida em três capítulos, além desta introdução e das considerações finais. O primeiro capítulo apresenta o arcabouço teórico que permite construir o argumento que rege esta dissertação. Assim, o intuito desse primeiro capítulo é apresentar a escola de copenhague e a teoria da securitização bem como desenvolver como ela permite analisar a securitização da anexação da Crimeia.

O segundo capítulo discute a expansão da OTAN e da União Europeia em direção às fronteiras russas e como o governo russo articula tal movimento como ameaça não só para a sobrevivência do Estado russo, mas também como uma ameaça aos compatriotas visto que o Ocidente, segundo o governo, promove apoio ao novo governo ultranacionalista ucraniano. Além disso, este capítulo analisa quem são os compatriotas russos, como eles se tornaram um instrumento de política externa da federação Russa e porque eles precisam ser protegidos.

Por fim, o terceiro capítulo busca apresentar e analisar o processo de securitização da anexação da Crimeia através dos discursos proferidos pela elite política russa e dos acontecimentos que levaram a tal situação. Além disso, o capítulo busca avaliar se o processo de securitização foi ou não aceito pela audiência ao analisar dados de pesquisa de opiniões do

Levada Center, do AP-NORC e do pew Research aliado às imagens disponibilizadas em cartazes na península da Crimeia antes da realização do referendo sobre a anexação.

1 O CAMINHO TEÓRICO PARA INVESTIGAR A ANEXAÇÃO DA CRIMEIA E A PROTEÇÃO DOS COMPATRIOTAS RUSSOS

No dia 18 de março de 2014, o presidente russo Vladimir Putin fez um discurso reconhecendo a anexação da Crimeia pelo Estado russo após a condução de um referendo na região. Esse acontecimento resulta em sanções, principalmente de cunho econômico, para a Rússia por parte dos Estados Unidos e da União Europeia, e promove um maior estremecimento das relações entre russos e ucranianos.

Constantine Pleshakov, em seu livro *The Crimean Nexus: Putin's War and the Clash of Civilizations* de 2017, ao discorrer sobre a história da península da Crimeia, constrói uma paráfrase da fala de Winston Churchill sobre os Balcãs, mas se referindo à importância da península. O autor destaca que a Crimeia produziu mais história do que pode consumir e, como nos Balcãs, o excesso gerou conflitos. Uma luta perpétua pela Crimeia deu à península uma influência mítica como uma espécie de “paraíso perdido” para uma surpreendente gama de culturas (PLESHAKOV, 2017, p. 5). E uma dessas culturas é a russa que enxerga a península como um ponto importante da sua história e de grande importância cultural.

Em termos culturais, a Crimeia é o lugar de batismo do príncipe Vladimir e tem, assim, uma importância para a cultura russa e para a igreja ortodoxa. Já em termos geopolíticos, a península é a porta de entrada para o que o geógrafo britânico Halford Mackinder denominou em seus trabalhos de coração da Eurásia. Quem quer que governe a Crimeia, segundo Pleshakov, comanda o Mar Negro e quem comanda o Mar Negro comanda as rotas comerciais continentais entre os Balcãs e a China (PLESHAKOV, 2017). Contudo, a importância da região se estende por outras áreas. A Crimeia também é importante para a rota do gás e se tornou um eixo de segurança de relevância na Eurásia que, no argumento do governo russo, estava ameaçada pelos acontecimentos na Ucrânia após os manifestos na praça Maidan em 2013 (MEARSHEIMER, 2014; PLESHAKOV, 2017).

Esse eixo de segurança, segundo o governo russo e seus representantes, estava ameaçado pelo novo governo ucraniano e, nesse contexto, os compatriotas russos que vivem na região também estariam em risco e em uma situação de insegurança. Nesta dissertação, argumentamos que o governo russo securitizou a identidade política dos compatriotas russos

(que abrange os falantes de língua russa, os russos étnicos) que moram na península da Crimeia afirmando que esses se encontravam ameaçados pelo novo governo ucraniano que destituiu o então presidente ucraniano eleito Viktor Yanukovych. Ao securitizar tal tema, o governo russo retira a situação da Crimeia da esfera política e permite que a situação seja tratada de forma excepcional e por meios que fogem dos modelos tradicionais de resolução de conflitos - como acordos políticos com o novo governo que abarcasse a região e os compatriotas que ali residem.

Para explicar o argumento de que o governo russo securitizou a questão da identidade política dos compatriotas russos na Crimeia e conduziu a anexação da península através desse caminho, é necessário antes explicar a perspectiva teórica adotada neste trabalho que nos permite construir esta ideia. Assim, o intuito deste capítulo é explorar o caminho teórico de forma a apresentar a Escola de Copenhague e como a teoria da securitização funciona. Busca-se explicar o desenvolvimento dessa teoria, sua estrutura e como ela permite analisar o objeto de estudo desta pesquisa.

Este capítulo está estruturado de tal forma: primeiramente, será abordada o que é a Escola de Copenhague, suas ideias e o que é a chamada abordagem abrangente da Escola. A seguir será apresentada a discussão sobre o processo de securitização, como ênfase em como uma questão se torna um problema a questão de segurança tão importante ao ponto de permitir o uso de medidas excepcionais, como no caso da anexação da Crimeia por parte do governo russo. Também será analisado o que é o processo de dessecuritização. Por fim, será abordado brevemente os chamados setores de segurança da Escola de Copenhague com destaque para qual setor se insere o objeto desta pesquisa, isto é o setor societal que abrange questões referentes à identidade e nação.

1.1 Expansão do conceito de segurança e a Escola de Copenhague

A Primeira Guerra Mundial gera mudanças no Sistema Internacional e leva ao surgimento da disciplina de Relações Internacionais (RI), no Reino Unido, com o intuito de investigar as causas da guerra e como evitar um novo conflito nas proporções da Primeira Guerra Mundial (TANNO, 2003). Da mesma forma que a Grande Guerra promove transformações em diversas áreas da humanidade, o colapso da União Soviética e o fim da

Guerra Fria provocam modificações sistêmicas e impactam o campo de estudos de segurança internacional.

Os estudos de segurança, assim como a própria disciplina de RI, se consolidaram como um campo de estudos ao longo do século XX, e possui a Segunda Guerra Mundial, a Guerra Fria e o pós-Guerra Fria como pontos marcantes do campo (DUQUE, 2009, p. 461). Esses estudos de segurança vivenciaram sua “era de ouro” durante as décadas de 1950 e 1960. Durante a Guerra Fria, parte dos estudos envolvendo segurança enfatizam apenas os aspectos militares e estratégicos e legitimaram, assim, políticas que reproduziam a lógica responsável pela manutenção da ordem que existia durante o confronto bipolar (WILLIAMS, 2007; TANNO, 2003). Contudo, mudanças e acontecimentos que ocorreram durante os anos de 1970 e 1980, como as crises do petróleo e o crescimento e fortalecimento das instituições internacionais, promoveram um debate sobre a necessidade de ampliar a agenda de segurança internacional e dos estudos de segurança para abordar outros tópicos (como economia e meio ambiente) além da questão militar (RUDZIT, 2005; WILLIAMS, 2007).

Dessa forma, o alargamento da concepção de segurança para além do foco na sobrevivência do Estado em um Sistema Internacional anárquico passa a ser demandado e o colapso da União Soviética, sem um conflito militar aparente, produz uma percepção de que a corrente realista parecia ser insuficiente para os estudos dos fenômenos da política internacional já que ela foi incapaz de prever o fim da Guerra Fria. Isso, somado aos eventos listados no parágrafo anterior, fortalece os críticos ao realismo e incentiva a formulação de novas concepções teóricas (TANNO, 2003; DUQUE, 2009; WILLIAMS, 2007).

Barry Buzan, com seu livro *People, States and Fear: an agenda for international security studies in the post-cold war era*, de 1991, assevera que segurança não é apenas sobre Estados, mas está relacionada a todas as coletividades humanas. O Estado, então, não pode ser o único objeto de referência dos estudos de segurança (WILLIAMS, 2007). Essa visão apresentada por Buzan de que a segurança vai além do Estado é uma característica da chamada vertente abrangente dos estudos de segurança e se encontra presente em diversos trabalhos da Escola de Copenhague (TANNO, 2003, p. 50).

A Escola de Copenhague, inicialmente chamada Centre for Peace and Conflict Research, hoje conhecida como Conflict and Peace Research Institute (COPRI) foi fundada em 1985. Ilustre pela sua coerência e continuidade do conjunto das obras produzidas em sua instância, tem em autores como Barry Buzan e Ole Wæver seus principais expoentes (TANNO, 2003; MCDONALD, 2008; DUQUE, 2009).

Ole Wæver esteve no projeto desde o início, e Barry Buzan passou a incorporá-lo em 1988. O trabalho anterior do grupo, no entanto, já refletia o impacto considerável de obras de Buzan. Pode-se dizer que a raiz do papel de síntese do trabalho da Escola se encontra na parceria entre os dois autores, que em obras anteriores possuíam, respectivamente, inclinações mais associadas ao construtivismo e ao realismo. (DUQUE, 2009, p. 476)

Durante os anos de 1990, o grupo de Copenhague publica trabalhos que abarcam questões de segurança envolvendo principalmente a Europa e o Sistema Internacional. Isso ocorre como consequência das mudanças sistêmicas produzidas pelo colapso da União Soviética e do fim da Guerra Fria e da necessidade de se repensar os acontecimentos que levaram a tais fatos, além da própria inserção do continente europeu no mundo pós-Guerra Fria (TANNO, 2003; MCDONALD, 2007).

Sobre a Escola de Copenhague, o grupo

[...] inicialmente liderada por Barry Buzan, Ole Waever e Jaap de Wilde, sustentava o pressuposto segundo o qual ocorreu uma evolução nos estudos de segurança internacional. Segundo eles, três grandes diferenças marcaram a evolução nesses estudos. A primeira está no conceito chave de segurança. Após a II Guerra, estudiosos deixaram de pensar esse conceito apenas como sinônimo de defesa, havendo uma abertura para questões políticas e sociais dentro dos estudos da área. A segunda mudança foi a abordagem de um novo problema: as armas nucleares. Utilizar apenas meios militares para entender segurança não era suficiente para compreender o uso ou não de armas nucleares. O contexto era significativamente diferente do anterior à II Guerra Mundial. A disputa nuclear tornou-se a arte de evitar guerras, mas sem ser militarmente derrotado ou coagido. A terceira grande mudança diz respeito à natureza das questões de segurança, que deixaram de ser puramente militares e passaram a envolver outros temas relacionados à segurança do oponente, como as questões econômicas. (SILVA, PEREIRA, 2019, p. 3)

A principal preocupação dos estudiosos de Copenhague é com

[...] with how security ‘works’ in world politics. Their approach developed in the context of post-Cold War calls to broaden definitions of security that sought to include a range of pressing and hitherto neglected concerns such as environmental change, poverty and human rights on state security agendas. The Copenhagen School simultaneously contributed to these calls for broadening the concept and attempted to place analytical limits on it. Its adherents have not attempted to develop a framework for how security should be defined or how key actors should approach external security dynamics or crises. Rather, the Copenhagen School has focused on how security itself is given meaning through intersubjective processes and (to a lesser extent) what political effects these security constructions have. ⁶(MCDONALD, 2008, p. 68)

⁶ (...) em como a segurança 'funciona' na política mundial. Sua abordagem desenvolvida no contexto do pós-Guerra Fria pede para ampliar as definições de segurança que buscavam incluir uma série de preocupações prementes e até então negligenciadas, como mudança ambiental, pobreza e direitos humanos nas agendas de segurança do Estado. A Escola de Copenhague simultaneamente contribuiu para esses apelos para ampliar o

Os trabalhos desenvolvidos pelo grupo se caracterizam, segundo Huysmans, principalmente pelo que o autor chama de “desenvolvimento criativo” e por uma dinâmica coletiva. Então, na visão de Huysmans, há unidade, proveniente da continuidade e coerência que o caracterizam dos trabalhos produzidos anteriormente como *The European Security Order Recast* de 1990. Ao mesmo tempo há criatividade, representada por mudanças provenientes da revisão das ideias já apresentadas - como os conceitos de complexos regionais de segurança, os setores de segurança - e da formulação de ideias - que levam em consideração as críticas recebidas e um alinhamento mais próximo ao Construtivismo (HUYSMANS, 1998b apud DUQUE, 2009, p. 476).

Quando se aborda especificamente as teorias de Relações Internacionais, a Escola de Copenhague se alinha ao Realismo em termos do objeto de referência que é o Estado, mas elabora uma teoria de securitização que a essência se fundamenta no Construtivismo (SILVA, PEREIRA, 2019, p. 3). Assim, os autores consideram as práticas discursivas, as construções sociais e os processos intersubjetivos que geralmente são marginalizados de lado pelas perspectivas tradicionais.

Essa aproximação com o Realismo advém, principalmente, dos trabalhos desenvolvidos por Barry Buzan durante os anos de 1980. Contudo, mudanças no arcabouço teórico produzido por Buzan são introduzidas pelo grupo de Copenhague (TANNO, 2003). Sobre essas mudanças,

[...] Muitas foram realizadas a partir da identificação de certos limites empíricos às proposições teóricas da Escola, como aquela que se deu no livro *Identity, Migration and the New Security Agenda in Europe* (Wæver et alii, 1993). Neste período, a ocorrência de guerras étnicas no Leste Europeu demonstrou que a teoria até então proposta perderá a relevância, ao ser incapaz de analisar a segurança de outras entidades além do Estado. Inicia-se, neste ponto, um processo de desvinculação do conceito de segurança da lógica do Estado e sua consequente vinculação com as identidades nacionais. Mostrou-se necessário que os pesquisadores estudassem tanto a segurança estatal quanto a segurança “societal”. (IDEM, p.56)

É importante ressaltar que os estudiosos de Copenhague realizaram uma fusão de diferentes vertentes dos estudos de segurança e das teorias realista e construtivista das RI. A partir desses arranjos, se abriu uma porta para uma nova agenda de pesquisa em segurança, uma nova agenda que era necessária devido ao fim da Guerra Fria (DUQUE, 2009).

conceito e tentou colocar limites analíticos sobre ele. Seus adeptos não tentaram desenvolver uma estrutura de como a segurança deve ser definida ou como os principais atores devem abordar as dinâmicas ou crises de segurança externa. Em vez disso, a Escola de Copenhague se concentrou em como a própria segurança ganha significado por meio de processos intersubjetivos e (em menor grau) quais efeitos políticos essas construções de segurança têm.

Sobre a expansão da agenda segurança no âmbito da Escola de Copenhague, dois motivos principais podem ser identificados: o primeiro é que existe o interesse, de natureza empírica, em relação à tendência verificada nas agendas de segurança na Europa de considerar questões não militares como questões de segurança. O segundo ponto é o interesse acadêmico dos associados de Copenhague de formular uma contribuição original para os debates teóricos realizados na área de segurança internacional (HUYSMANS, 1998b, p. 482 apud DUQUE, 2009, p. 476).

Um dos principais trabalhos produzidos pelo grupo de Copenhague, e que é importante para esta dissertação, se chama *Security: a Framework of Analysis*. Com esse livro, Buzan, Wæver e Wilde (1998, pp. 4-5) argumentam que buscam compreender como as ameaças e as vulnerabilidades podem surgir tanto da área militar quanto da área não militar, e como elas passam a ser também questões de segurança. Além disso, eles almejam explorar a lógica da segurança por ela mesma para descobrir o que diferencia a segurança e o processo de securitização do processo meramente político. Essa ideia de que ameaças e vulnerabilidades podem surgir tanto do campo militar quanto não militar ajudam a definir a perspectiva teórica do grupo como abrangente (TANNO, 2003).

Em termos de estudos sobre segurança, Barry Buzan (1997 apud DUQUE, 2008) explica que o mesmo pode ser dividido em três vertentes: a tradicionalista, a crítica e a abrangente. A visão tradicionalista enfatiza o uso da força, as questões militares e estuda as ameaças à segurança a partir de uma visão objetiva. Enquanto isso, a vertente considerada crítica compreende que as ameaças e os objetos de segurança são socialmente construídos e que não se pode determiná-los sem realizar uma interferência na construção social (ou uma naturalização), e seu objetivo principal é a emancipação dos indivíduos. Por fim, a chamada via abrangente, na qual se insere o grupo de Copenhague, não busca a emancipação como os estudos críticos, mas defende a expansão do conceito de segurança e a redefinição do significado da mesma como ato de fala (DUQUE, 2008, p. 473). Essa perspectiva abrangente que interessa a esta dissertação,

Quando se trata das contribuições da Escola de Copenhague para os estudos de segurança, as mais relevantes são: o conceito de securitização; as novas unidades de análise de segurança e a abordagem multissetorial da segurança (DUQUE, 2009, p. 477). Os conceitos e ideias propostos pelo grupo estão todos engendrados pelo nível de análise. No próximo tópico será abordado o conceito de securitização, como ocorre o processo e quais são os tipos de unidades envolvidas na análise de segurança.

1.2 A teoria da Securitização e as unidades envolvidas na análise de segurança

Como destacado no tópico anterior, a expansão do conceito de segurança já era defendida por Barry Buzan em seu livro de 1991 chamado *People, States and Fear: an agenda for international security* mesmo que segurança, nesse livro, estivesse relacionada ao Estado soberano territorial (TANNO, 2003. DUQUE, 2008). É com a obra *Security: a Framework of Analysis*, de 1998, que Buzan, Wæver e Wilde descrevem segurança como movimento que trata a política para além das regras do jogo estabelecidas e enquadra a questão, ou como um tipo particular de política, ou como algo que transcende. Os autores destacam que a segurança pode ser compreendida como uma prática auto-referida já que é no contexto desta prática que se torna uma questão de segurança - não necessariamente porque há uma ameaça existencial real, mas porque é apresentada como ameaça (BUZAN, WAEVER, WILDE, 1998, p. 23-24). Porém, o que é securitização? Como ela ocorre?

É importante ressaltar, antes de adentrar na explicação e discussão sobre securitização, que as questões de segurança não refletem necessariamente as circunstâncias objetivas e materiais do mundo. Em variadas ocasiões, as questões apresentadas como questões de segurança são o resultado dos esforços dos líderes, e das elites políticas, para entender e moldar o mundo e apresentá-lo ao seu modo. Assim, o objetivo da teoria da securitização é entender por que e como isso acontece além dos efeitos que esse processo gera na vida e na política de uma determinada comunidade. (BALZACQ; LÉONARD; RUZICKA, 2016, p. 495)

Sobre a securitização, Buzan, Wæver e Wilde (1998, p. 26) argumentam que é um “[...] the discursive process through which ‘an issue is dramatized and presented as an issue of supreme priority; thus by labelling it as security an agent claims a need for and a right to treat it by extraordinary means’⁷. Esse processo permite que uma questão seja rotulada como “problema de segurança” por um ator (que geralmente faz parte da elite) através de práticas discursivas no qual o agente securitizador estabelece socialmente a existência de uma ameaça à sobrevivência de uma unidade (IDEM, pp. 28-31).

Segundo Balzacq, Léonard e Ruzicka (2016, p. 496), existe a possibilidade de designar algo como uma questão de segurança em qualquer setor da vida social. Por isso, o domínio da

⁷ “[...] o processo discursivo pelo qual ‘uma questão é dramatizada e apresentada como uma questão de suprema prioridade; assim, ao rotulá-la como segurança, um agente reivindica uma necessidade e um direito de tratá-la por meios extraordinários’”

segurança não abrange apenas questões militares, mas também outras áreas como meio ambiente

[...] o objeto é designado como um problema de segurança internacional na medida em que um agente securitizador argumenta sobre a necessidade de se tratar determinado tema como uma ameaça existencial. Assim como Onuf (1998) explica que o mundo é uma construção social resultante da fala, conversas e relações sociais, a Escola de Copenhague apresenta o conceito de securitização como uma construção social. Se um objeto é visto como um tema de segurança, significa que houve uma argumentação nesse sentido, demonstrada por meio da análise do discurso, na qual é possível perceber a predominância de determinado tema da agenda política em comparação com os demais. (SILVA, PEREIRA, 2019, p. 3)

Todavia, apresentar uma ameaça como um problema existencial e securitizá-lo não está relacionado com à “realidade” da ameaça, mas sim com o uso do discurso para defini-la como tal. Nota-se, então, a importância do discurso e que para uma questão ser considerada como segurança é preciso que isso seja estabelecido socialmente por meio de práticas intersubjetivas (DUQUE, 2008, p. 478).

O discurso é importante para a teoria da securitização, pois para estudar o processo, é necessário compreender e analisar os discursos de securitização que possuem uma estrutura específica. É através desse tipo de discurso que o agente securitizador faz referência à sobrevivência da unidade ou ator, e a necessidade de ação para conter a ameaça. Nem sempre os discursos de securitização utilizarão a palavra segurança *per se*, mas farão referência à ideia de que um assunto é uma ameaça à sobrevivência, à existência de um ator ou à unidade que precisa de uma resposta emergencial (BUZAN, WAEVER, WILDE, 1998, p. 27).

Porém, é importante notar que o discurso da securitização por si só não gera a securitização de um tema de maneira automática. Isso ocorre porque o discurso de securitização pode ou não ser aceito pelo público. Se a audiência aceita o discurso de securitização, então ele se torna um discurso válido e o tema é securitizado. Se o movimento não for aceito até o ponto em que medidas extraordinárias de emergência são possíveis, ele continua sendo apenas um movimento de securitização e não uma securitização bem-sucedida (BUZAN, WAEVER, WILDE, 1998; DUQUE, 2008).

Ao apresentar um problema como uma questão de segurança, o ator securitizador move a questão da esfera política, seja o tema politizado (isto é, objeto de políticas públicas) ou não-politizado (que não são objetos de políticas estatais ou de debates públicos), para a esfera da segurança, através de um movimento securitizador, e permite, assim, que medidas

extraordinárias sejam mobilizadas para lidar com a ameaça (BUZAN, WAEVER, WILDE, 1998). Sobre esse movimento de deslocar um tema da esfera do politizado para o securitário, Silva e Pereira destacam que

Na teoria, qualquer assunto público pode ser alocado no continuum de não politizado, politizado ou securitizado, podendo variar nele. A teoria considera que um assunto está situado em “não politizado” quando não é objeto de debate ou decisão pública. O assunto torna-se “politizado” quando ingressa na agenda de políticas públicas e requer decisões governamentais, alocação de recursos ou qualquer outra política específica. E torna-se “securitizado” quando é apresentado, perante uma audiência pública, como ameaça existencial que requer medidas emergenciais situadas fora dos limites dos procedimentos normais da tomada de decisão política. Quando o tema retorna à etapa de politização, pode-se afirmar que houve um processo de dessecuritização. (SILVA, PEREIRA, 2019, p. 4)

O que Silva e Pereira resumiram acima também pode ser visualizado através de um esquema apresentado abaixo. O esquema ilustra como pode ocorrer o movimento de securitização e também de dessecuritização, ou seja, como um assunto pode ir do politizado para securitizado e de securitizado para a dessecuritização.

Figura 1 - Esquema do processo de securitização e dessecuritização



FONTE: BUZAN, WAEVER, WILDE, 1998; SILVA, PEREIRA, 2019 – elaborado pela autora.

Ainda sobre o processo de securitização,

O caráter de emergência implica que uma questão política seja apresentada da seguinte forma: “Caso providências não forem tomadas imediatamente, a existência de objeto referente de segurança encontrar-se-á ameaçada”. Este tipo de discurso identifica uma situação em que urge a utilização de meios extraordinários para resolver o problema” (TANNO, 2003, p. 58)

Esse caráter emergencial que Tanno cita da securitização, que transforma questões de segurança em problemas que demandam além das resoluções tradicionais da política – que leva em consideração os mecanismos institucionais tradicionais -, promove o que se denomina como “política de pânico”. Essa política de pânico permite que ocorra uma desvinculação das regras tradicionais ao ponto de tornar assuntos em questões confidenciais. Dessa forma, permite a criação de poderes executivos adicionais e até mesmo o desempenho de atividades que, de outra forma, seriam consideradas ilegais. Com isso, a securitização gera um impacto considerável sobre o chamado processo decisório que concerne a questões relacionadas ao objeto referente (DUQUE, 2009, p. 480). Além de legitimar, por exemplo, a adoção do uso da força pelo agente que securitiza um tema.

Para determinar que uma securitização é bem-sucedida, três passos precisam ser verificados: ameaças à existência, ação emergencial e efeitos nas relações entre as unidades por meio da quebra de regras (BUZAN, Wæver e Wilde, 1998, p. 26). Com isso,

[...] o sucesso da securitização de um tema depende (1) da análise dos discursos de securitização e da recepção da audiência; (2) da identificação do agente securitizador, justificando-se os motivos pelos quais o estudo empírico identificou esse agente como responsável pelo movimento de securitização analisado; (3) da análise das medidas emergenciais adotadas para lidar com as ameaças existenciais e sua respectiva legitimação por parte da audiência (SILVA, PEREIRA, 2019, p. 5)

Já Balzac, Léonard e Ruzicka (2016, p. 495) argumentam que os conceitos centrais para a teoria da securitização são: o ator de securitização (isto é, o agente que apresenta uma questão como uma ameaça por meio de um movimento de securitização), o sujeito referente (isto é, a entidade que está ameaçando), o objeto de referência (ou seja, a entidade que é ameaçada), o público (cujo acordo é necessário para conferir um estatuto intersubjetivo à ameaça), o contexto e a adoção de políticas distintas ('excepcionais' ou não). Enquanto isso, Buzan, Wæver e Wilde (1998, p. 35-42), apontam que três unidades estão envolvidas na análise de segurança e compõem o processo de securitização: os objetos referentes, os atores securitizadores e os atores funcionais.

Os objetos referentes são as unidades cuja existência o ator securitizador declara ameaça, para demandar que se tomem medidas com vistas a protegê-la. E, tradicionalmente, o objeto referente tem sido o Estado. Já os atores securitizadores são os autores das iniciativas de securitização: eles utilizam a estrutura retórica da segurança com o propósito de chamar atenção para a necessidade de se tomarem medidas de emergência. E geralmente os atores securitizadores são líderes políticos, burocratas, representantes governamentais e porta-vozes de grupos de pressão. Por último, tem-se os atores funcionais que são aqueles que afetam a dinâmica de um setor sem serem o objeto referente ou o ator que demanda segurança. Esses atores funcionais influenciam de forma significativa as decisões na área de segurança e variam de setor para setor (BUZAN, WAEVER, WILDE, 1998, pp.35-42; DUQUE, 2009, p. 482).

Suzanne Loftus no livro *Insecurity & the rise of nationalism in Putin's Russia* (2019, pp.8-9), ao abordar especificamente o governo Putin, argumenta que o governo enquadrou o Ocidente como uma ameaça à segurança e à identidade russa e, assim, criou uma narrativa particular na sociedade russa que é antiocidental e legitima as ações de Putin tanto doméstica quanto internacionalmente. Putin, segundo Loftus, securitiza o Ocidente e a OTAN e enfatiza a ameaça que eles representam à sobrevivência da civilização única russa. Com isso, ele legitima a necessidade de políticas e ações específicas tanto interna quanto externamente. No âmbito interno, essa securitização legitima o projeto de Putin de centralização e suas tendências autoritárias. No quadro externo, justifica as ações do governo russo na Crimeia e na Síria, por exemplo.

Essas ideias apresentadas por Loftus se casam, de certa forma, com os objetivos desta dissertação. Contudo, nesta pesquisa o ator securitizador é o governo russo com os seus atores políticos (o presidente, o ministro das relações exteriores e o representante do governo russo nas Nações Unidas) que securitiza a identidade política dos compatriotas russos na Crimeia.

Entende-se que o governo russo transformou a questão da Crimeia em um tema securitizado ao apresentar o que ocorria na Ucrânia e o novo governo ucraniano como uma ameaça à integridade dos compatriotas russos que viviam na península e ao próprio Estado russo. Ao apresentar o tema como uma ameaça securitária e de caráter emergencial e existencial, o governo, através do processo de securitização, possibilitou um movimento excepcional e fora da prática normal das relações políticas: anexar um território.

Para esta pesquisa, a questão deixou de ser apenas um movimento de securitização e se tornou uma securitização de fato devido ao apoio da audiência que corroborou a ação não

convencional do governo de anexar um território, ou seja, de agir por meios não tradicionais para garantir a sobrevivência dos russos étnicos e a segurança do Estado russo.

Em relação à securitização, há também o que se denomina de “condições facilitadoras”, isto é, as circunstâncias sob as quais um ato de fala é bem-sucedido em relação a seus objetivos – e são específicas para cada setor (BUZAN, WAEVER, WILDE, 19998, pp. 31-33). Essas condições facilitadoras, como argumenta esta dissertação, podem ser encontradas no processo de anexação da Crimeia e na transformação dessa em um problema de segurança para o governo russo. Ao longo deste trabalho, serão exploradas as relações históricas entre os ucranianos, russos e crimeios, além da importância geopolítica envolvendo a península como exemplos de condições facilitadoras para os atos de fala proferidos pelos representantes do governo russo.

Segundo a Escola de Copenhague, palavras que fazem referência a ameaças à existência de uma unidade, além de não serem apenas signos linguísticos, trazem consigo a demanda de que medidas sejam tomadas para contrabalançar as ameaças. Tal aspecto se reforça se o agente securitizador é um representante do Estado e se encontra, por conseguinte, em condições de implementar as medidas demandadas, após requerer poderes especiais para tanto (DUQUE, 2009, p. 478).

Nesse sentido, para estudar a securitização é preciso, então, estudar os discursos da securitização. Esses discursos possuem uma estrutura retórica específica e o agente securitizador, ao proferi-lo, faz referência à sobrevivência de uma unidade assim como à prioridade de ação para cotar uma ameaça à existência da unidade. A palavra “segurança” não é necessariamente utilizada nos discursos de securitização (DUQUE, 2009, p. 479). E isso pode ser visto nos discursos analisados ao longo do capítulo 3. Nem sempre a palavra segurança ou ameaça é proferida, mas sempre há a construção e menção da situação dentro da Ucrânia – sejam os conflitos em Maidan, os protestos ou a retirada do presidente eleito do poder – como uma ameaça aos compatriotas russos e a própria Rússia.

1.3 Os setores de segurança da Escola de Copenhague

No livro *Security: a framework of Analysis*, Barry Buzan, Ole Wæver e Jaap de Wilde discorrem sobre o que são os setores de segurança da Escola de Copenhague destacando que

Thinking about security in terms of sectors simply grew up with little reflection during the later decades of the Cold War as new issues were added to the military-political agenda. The practice of resorting to sectors is common but is seldom made explicit. Realists from Morgenthau to Waltz talk in terms of political theory, thereby assuming that sectors mean something analytically significant. It has become common when discussing international relations to qualify the identity of systems in terms of particular sectors of activity within them, as in life international economic system” or the international political system.⁸ (BUZAN, WAEVER, WILDE, 1998, p. 7)

Uma forma de compreender esses setores é buscar enxergá-los através de um tipo específico de interação ou lógica. Assim, cada setor possui um tipo específico de interação que se destaca e o define. Por exemplo, o tipo específico de interação do setor militar diz respeito às relações de coerção, enquanto o setor político trata das relações de autoridade e status do governo. No setor econômico são as interações que envolvem comércio, produção e finanças, no setor social é sobre as relações de identidade coletiva e no ambiental sobre as relações entre atividade humana e a biosfera do planeta (IDEM).

Qual a utilidade dos setores de segurança? Os setores servem para desagregar um todo para fins de análise, selecionando alguns de seus padrões distintos de interação. Só que os itens identificados por setores carecem de qualidade de existência independente. As relações de coerção não existem apenas nas relações de troca, ou envolvendo autoridade, ou no meio ambiente. Os setores podem identificar padrões distintos, mas permanecem partes inseparáveis de todos os complexos. O objetivo de selecioná-los é simplesmente reduzir a complexidade para facilitar a análise (Buzan, Wæver e Wilde, 1998, p. 8). Como se almeja nesta dissertação.

Os setores que constituem a perspectiva ampliada de segurança do grupo de Copenhague, como já citado, são: o militar, o econômico, o político, o ambiental e o societal. Nesses setores, a securitização pode ocorrer e eles são definidos “[...] de acordo com os objetos referentes possíveis de cada um” (DUQUE, 2009, p. 485). Esses setores serão abordados brevemente a seguir com o intuito de apresentar qual setor mais importa para esta pesquisa e o porquê.

Resumidamente, sobre os setores em si,

⁸ Pensar na segurança em termos de setores com espinhas cresceu com pouca reflexão durante as últimas décadas da Guerra Fria, à medida que novas questões foram adicionadas à agenda político-militar. A prática de recorrer a setores é comum, mas raramente é explicitada. Os realistas de Morgenthau a Waltz falam em termos de teoria política, assumindo assim que setores significam algo analiticamente significativo. Tornou-se comum, ao discutir as relações internacionais, qualificar a identidade dos sistemas em termos de setores específicos de atividade dentro deles, como no "sistema econômico internacional" ou no sistema político internacional.

[...] ‘the military security concerns the two-level interplay of the armed offensive and defensive capabilities of states, and states’ perceptions of each other’s intentions. Political security concerns the organizational stability of states, systems of government and the ideologies that give them legitimacy. Economic security concerns access to the resources, finance and markets necessary to sustain acceptable levels of welfare and state power. Societal security concerns the sustainability, within acceptable conditions for evolution, of traditional patterns of language, cultural and religious and national identity and custom. Environmental security concerns the maintenance of the local and the planetary biosphere as the essential support system on which all other human enterprises depend.’⁹ (BUZAN, 1991 pp.19-20)

Em relação ao setor militar, Buzan, Wæver e Wilde (1998) destacam que é aquele no qual o processo de securitização está mais institucionalizado e o Estado, junto com as elites militares, são os principais atores securitizadores (TANNO, 2003, p. 63). No pós-Guerra Fria existe uma tendência de regionalização dos conflitos

[...] acarretando a formação dos complexos regionais de segurança. Em algumas regiões, a ausência da rivalidade bipolar facilitou a dessecuritização das questões, enquanto em outras incentivou a securitização. Na África Meridional e no Sudeste Asiático, o fim do conflito ideológico engendrou a resolução de conflitos no nível local. Segundo os pesquisadores da Escola, os grandes perdedores da Guerra Fria são, indiscutivelmente, as regiões do Cáucaso, dos Balcãs e da Ásia Central. (TANNO, 2003, p. 63)

Sobre o setor político, Duque (2009, p.485) argumenta que o objeto referente é tradicionalmente definido em função de um princípio constituinte do Estado - pode ser a soberania estatal ou a ideologia, por exemplo. As ameaças políticas podem surgir através de pressão por adoção de determinadas políticas, pedidos de substituição do governo e incentivos à secessão. E podem ser classificadas como estruturais e internacionais. Sobre os atores desse setor, a maioria são atores governamentais, mas as Nações Unidas também podem identificar ameaças ao sistema internacional e à sociedade internacional (TANNO, 2003, p. 64).

Os últimos três setores que serão abordados (econômico, ambiental e societal) são aqueles que representam o alargamento da agenda de segurança desenvolvido pela Escola de Copenhague a partir de 1980 (DUQUE, 2009, p. 485). Em relação ao setor econômico, os

⁹ [...] ‘a segurança militar diz respeito à interação em dois níveis das capacidades ofensivas e defensivas armadas dos Estados, e as percepções dos Estados sobre as intenções uns dos outros. A segurança política diz respeito à estabilidade organizacional dos Estados, dos sistemas de governo e das ideologias que lhes conferem legitimidade. A segurança econômica diz respeito ao acesso aos recursos, finanças e mercados necessários para sustentar níveis aceitáveis de bem-estar e poder estatal. A segurança social diz respeito à sustentabilidade, dentro de condições aceitáveis de evolução, dos padrões tradicionais de linguagem, identidade e costumes culturais e religiosos e nacionais. A segurança ambiental diz respeito à manutenção da biosfera local e planetária como o sistema de suporte essencial do qual dependem todos os outros empreendimentos humanos.

objetos referentes podem ser supranacionais - como os regimes e o próprio mercado - e podem variar de acordo com a posição ideológica que o ator possui (TANNO, 2003; DUQUE, 2009). A insegurança econômica se torna uma ameaça quando ultrapassa a esfera econômica e chega ao campo militar e político (TANNO, 2003, p. 66)

O setor ambiental, cuja inclusão é uma das inovações do grupo de Copenhague, possui um vasto número de objetos referentes que vai desde a sobrevivência das espécies até o clima planetário (BUZAN, WAEVER, WILDE, 1998, pp.22-33). Neste setor existem dois tipos de agenda: a agenda governamental e a científica que muitas vezes podem ser contraditórias entre si. Além disso, é um campo marcado pelo alto nível de politização dos problemas, mas pelo baixo nível de politização (TANNO, 2003, p.68).

Por último tem-se o setor societal que é o que mais interessa a esta pesquisa. Neste setor, os objetos referentes são as identidades coletivas de larga escala que funcionam independente do Estado, como as nações e a própria religião (DUQUE, 2009, p. 485). Assim, a ameaça se modifica dependendo do entendimento de sociedade que é utilizado. Tanno (2003, p. 65) aponta que é a partir da identidade coletiva que deriva o sentimento de que o grupo constitui uma entidade e a ameaça surge quando essas entidades estão em perigo. Em relação a esse setor,

The organizing concept in the societal sector is identity. Societal insecurity exists when communities of whatever kind define a development or potentiality as a threat to their survival as a community. Despite the impression one might get from the present and, especially, previous presentations, the definition is not in terms of nations. Definitionally, societal security is about large, self-sustaining identity groups; what these are empirically varies in both time and place.¹⁰ (BUZAN, WAEVER, WILDE, 1998, p. 119)

Como citado anteriormente, trata-se de ameaças a identidades coletivas, isto é, não somente nações, mas também sociedade, grupos religiosos, grupos étnicos. Por isso, o setor societal é interessante para esta pesquisa já que a ajuda a refletir sobre a relação entre segurança russa e a península da Crimeia. Afinal, “[...] if one zooms in on the nation, another sector enters the picture — the societal one”¹¹ (BUZAN, WAEVER, WILDE, 1998, p. 119).

¹⁰ O conceito organizador no setor social é a identidade. A insegurança social existe quando comunidades de qualquer tipo definem um desenvolvimento ou potencialidade como uma ameaça à sua sobrevivência como comunidade. Apesar da impressão que se pode ter do presente e, principalmente, das apresentações anteriores, a definição não é em termos de nações. Por definição, a segurança social diz respeito a grandes grupos de identidade autossustentáveis; o que são elas variam empiricamente tanto no tempo quanto no lugar.

¹¹ [...] se focarmos na nação, outro setor entra em cena – o social.

Para pensar em segurança internacional em termos de sociedade é preciso considerar as ideias e práticas que identificam os indivíduos como membros de um grupo social. A partir desse entendimento a sociedade está relacionada à identidade, autoconcepção de comunidades e de indivíduos que se identificam como membros de uma comunidade (IDEM, p. 119).

Se a sociedade diz respeito a como os indivíduos e como estes se identificam como parte de uma comunidade, o argumento de que a Rússia precisa proteger a comunidade russa que possui ligações históricas, culturais e étnicas - na Crimeia - é um argumento válido em termos de securitização. A constituição russa explicita que o governo precisa proteger os russos (mesmo aqueles que se encontram fora das fronteiras geográficas do Estado russo) e, segundo a narrativa do governo, existiam russos na Crimeia que precisavam de proteção em 2014 após a deposição do presidente ucraniano Yanukovich e a tomada do governo em Kiev por um grupo ultranacionalista. Assim, a ação russa na Crimeia visava proteger os interesses dos cidadãos e compatriotas russos na península de forma a garantir que eles não sofressem consequências por parte do novo governo.

[...] Nationhood is not a question of some abstract, analytical category applied to various cases in which it fits more or less nicely. Objective factors such as language or location might be involved in the idea of national identity, but it nevertheless remains a political and personal choice to identify with some community by emphasizing some trait in contrast to other available historical or contemporary ties. Threats to identity are thus always a question of the construction of something as threatening some “we” — and often thereby actually contributing to the construction or reproduction of “us.” Any we identity can be constructed in many different ways, and often the main issue that decides whether security conflicts will emerge is whether one or another self-definition wins out in a society. ¹²(BUZAN, WAEVER, WILDE, 1998, p. 120)

Se a identidade nacional não é uma questão de categoria e sim uma escolha política e pessoal sobre se identificar com alguma comunidade, afirmar que os russos na Crimeia precisavam de proteção em relação aos nacionalistas ucranianos, uma vez que sua identidade política estava ameaçada, é possível e ajuda a construir e sustentar a ideia do discurso russo de que há uma ameaça que deve ser combatida. A partir da narrativa de que os russos na Crimeia

¹² [...] Nacionalidade não é uma questão de alguma categoria abstrata e analítica aplicada a vários casos nos quais ela se encaixa mais ou menos bem. Fatores objetivos, como idioma ou localização, podem estar envolvidos na ideia de identidade nacional, mas, no entanto, permanece uma escolha política e pessoal identificar-se com alguma comunidade enfatizando algum traço em contraste com outros laços históricos ou contemporâneos disponíveis. Ameaças à identidade são, portanto, sempre uma questão de construção de algo como uma ameaça a algum "nós" - e muitas vezes, portanto, contribuindo de fato para a construção ou reprodução de "nós". Qualquer identidade pode ser construída de muitas maneiras diferentes e, muitas vezes, a principal questão que decide se os conflitos de segurança surgirão é se uma ou outra autodefinição vence em uma sociedade.

estavam em perigo por causa das mudanças que ocorriam na Ucrânia, o governo sustenta que essa ameaça afeta a todos os russos - não só aqueles na Crimeia - pois todos formam uma única nação russa, isto é, um único mundo russo. Dessa forma, o governo precisa intervir e proteger os russos mesmo que eles estejam fora das fronteiras geográficas daquilo que conhecemos como Rússia.

1.4 Considerações finais sobre o capítulo

Este primeiro capítulo apresenta algumas considerações teóricas iniciais acerca do principal tema e conceitos que serão utilizados nesta dissertação. Destaca-se, neste momento, que o objetivo desta primeira parte não é esgotar as discussões apresentadas, principalmente sobre securitização, até então, visto que elas serão retomadas e aprofundadas nos próximos capítulos para analisar a fundo o processo anexação da Crimeia e o argumento de que a identidade política dos compatriotas na península se encontrava ameaçada pelo novo governo ucraniano.

As contribuições teóricas da chamada Escola de Copenhague para os estudos de segurança abarcam a teoria da securitização, a ideia ampliada de segurança envolvendo setores para além do militar e econômico, e os complexos regionais de segurança. Para esta dissertação, o processo de securitização é o mais relevante para a investigação proposta. Através da teoria da securitização é possível compreender como o governo russo tornou a questão da anexação da Crimeia um problema de segurança não só para o governo, mas em especial, para a população russa que habita o espaço para além das fronteiras estatais russas, que autoriza e resulta na anexação do território.

A teoria da securitização também fornece um caminho teórico bem delimitado para compreender como se desenvolveu a narrativa do governo russo, por meio de seus representantes oficiais, da necessidade de agir em prol da segurança e manutenção da identidade política dos compatriotas russos que estariam ameaçados, no início de 2014, pelos acontecimentos na Ucrânia, principalmente após a deposição de um presidente pró-Rússia e da ascensão de um governo ultranacionalista.

O próximo capítulo busca mostrar o movimento de securitização da anexação da Crimeia através da apresentação do que ocorreu entre Rússia e Ucrânia entre o final de 2013 e

o início de 2014, aliado a um destaque para atuação da OTAN e da União Europeia nas fronteiras russas. Além disso, será apresentado e discutido quem são os compatriotas russos que estavam, segundo o governo de Vladimir Putin, com sua identidade política ameaçada e que precisavam ser protegidos na Crimeia.

2 O AVANÇO DO OCIDENTE EM DIREÇÃO ÀS FRONTEIRAS RUSSAS E A CHAMADA POLÍTICA DE COMPATRIOTAS

A Ucrânia é um país que ocupa um espaço não apenas físico entre a Europa e a Rússia, mas também político. A história ucraniana é marcada por culturas diversas, religiões distintas – que vão desde da protestantes a ortodoxa - e tendências políticas variadas. Além disso, o Estado ucraniano é demarcado por diferenças regionais entre o Oeste e o Sudeste do país nas eleições: o Oeste é um centro ucranianófono e com uma identidade mais pró-europa enquanto o Sudeste do país possui uma grande quantidade de falantes de russo e é mais pró-Rússia (MIELNICZUK, 2014; COSTA, 2015; TOAL, 2016). Essas diferenças que marcam o país podem ser vistas também durante a crise ucraniana de 2014 e elas se acentuam após a saída do presidente Viktor Yanukovich.

A importância do território ucraniano para a Federação Russa é lembrada e apresentada por vários estudiosos. Moniz Bandeira (2015) destaca não só a importância cultural e histórica, mas econômica, devido a exportação de gás para países do bloco europeu como a Alemanha. Na verdade, a Ucrânia também faz parte daquilo que os russos consideram sua zona de influência que está ameaçada pelo avanço das instituições ocidentais como União Europeia (UE) e Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Nesse contexto, o intuito deste capítulo é justamente abarcar o avanço da OTAN e da União Europeia em direção às fronteiras do Estado russo e analisar como o governo russo articula tal situação como ameaça não só a sobrevivência da Rússia, mas também como uma ameaça aos compatriotas russos na região, a partir do argumento de que o Ocidente apoia o novo governo ucraniano ultra-radical.

Procuramos mostrar como se constrói o movimento de securitização e como tal avanço e a situação da Ucrânia colocam em risco o que Moscou denominou como compatriotas russos. Também buscamos discutir quem são esses compatriotas e quais as medidas e as políticas criadas pelo governo russo para eles desde o fim da Guerra Fria. Para isso, o capítulo se encontra estruturado da seguinte forma: em um primeiro momento se analisa brevemente a história comum da Ucrânia e da Rússia, passando pela época de Kiev Rus, do império e citando a União Soviética para comentar sobre o processo de russificação e da questão da língua para, então, compreender o discurso russo sobre a necessidade de se proteger sua zona de influência, as ligações históricas e identitárias com a região. Em um segundo momento, a análise foca nos

anos de governo de Boris Yeltsin em relação à condução da política externa russa destacando o avanço da União Europeia e OTAN e como os russos reagiram a esses avanços em relação ao espaço pós-soviético. A terceira seção continua a discussão sobre política externa russa, expansão da OTAN e o espaço pós-soviético, porém durante a Era Putin. Dessa forma, então, é possível analisar a questão dos compatriotas russos em relação a quais são as características desse grupo que precisa ser protegido, segundo o governo russo. Essa necessidade de proteção promove a necessidade de ações excepcionais na zona de influência russa que é o espaço pós-soviético.

2.1 De Kiev Rus ao colapso da União Soviética: a origem comum da Rússia e da Ucrânia

Kiev é hoje a capital da Ucrânia, porém este território faz parte da história de três civilizações distintas que possuem ligações históricas e geográficas. A Rússia atual, Belarus e a própria Ucrânia possuem suas origens dentro da fronteira do território ucraniano atual. Esse fato ajuda a explicar de certa forma parte do caráter ambíguo da relação que existe entre russos e ucranianos atualmente (SEGRILLO, 2015; MONIZ BANDEIRA, 2017).

[...] A singularidade histórica da Ucrânia para os russos é indiscutível, já que estes consideram seu território como parte do hard core do nascimento e da evolução da Rússia moderna desde o século XIII. Além disso, é conhecida a importância do país pela sua destacada produção agrícola e o desenvolvimento industrial, sobretudo na sua porção oriental (as áreas fronteiriças com a Rússia), ao lado da sua posição estratégica para o escoamento do gás da Sibéria em direção à Europa Ocidental pela rede de pipelines que atravessam o país (COSTA, 2017, p. 18)

É durante o século IX que se forma o que se conhece historicamente como Rus Kiev, uma confederação de cidades-Estados que reunia os eslavos ocidentais dentro de um único território. Um dos principais nomes da história da região é Vladimir, o Grande, que por volta de 980 estabelece seu domínio sobre toda Kiev Rus, institui uma estrutura administrativa própria e se converte ao cristianismo sendo batizado como apóstolo da Igreja adotando, assim, o cristianismo ortodoxo como a religião oficial na região (SEGRILLO, 2015).

Moniz Bandeira (2017) afirma que Kiev Rus era virtualmente a maior potência da Europa e abarcava um território que se estendia sobre Belarus, Rússia e ia desde o Báltico até o Mar Negro. Neste momento, ainda não havia uma divisão entre os povos que viviam na região,

ou seja, não havia uma separação entre grão-russos (que formam os russos atuais), os pequenos russos (que são os ucranianos) e os russos brancos (os bielorrussos). Porém, uma característica interessante dessa área era sua descentralização. Por ser formado por uma confederação de cidades-Estados, cada uma das partes era governada por membros da dinastia Rurik e essa divisão se refletia em desunião e perdas para Kiev Rus em momentos de conflito e invasões. Inclusive é em um momento de invasão dos povos mongóis que a região cede e é totalmente dominada pelos invasores (SEGRILLO, 2015).

Esse domínio dos mongóis durou até 1480 quando Ivan III, o Grande, derrotou os invasores depois de três séculos de domínio e libertou o principado de Moscou. A partir desse ponto, Ivan III passou a retomar as terras que haviam sido conquistadas pelos mongóis. É apenas com o Ivan IV, o Terrível, que se inicia a criação do império russo através da anexação de áreas que tradicionalmente não pertenciam aos povos eslavos. Além disso, é Ivan IV que inaugura o título de Tzar, que significa César (Imperador) em russo (IDEM).

No século seguinte às conquistas de Ivan III e da expansão de Ivan IV instaurou-se no poder do império russo a dinastia Romanov - talvez a dinastia mais conhecida que governou os russos. Mikhail Romanov ascende ao trono, mas é seu neto, Pedro, o Grande, quem efetivamente moderniza e expande o império russo. No governo de Pedro, o Grande, o império consegue agregar a região do Mar Báltico, conquistando assim uma saída para o mar, e cria a Frota Imperial do Mar Báltico (MONIZ BANDEIRA, 2017). Porém, um ponto que se destaca durante o reinado de Pedro é o processo que Angelo Segrillo (2015) chama de ocidentalização forçada, movimento este que tinha como objetivo adotar técnicas ocidentais para alcançar as inovações ocidentais e ultrapassá-las.

As reformas de Pedro, o Grande, iam desde vestimentas típicas que os russos usavam até áreas que envolviam a economia e a sociedade em si.

[...] Pedro adotou medidas mercantilistas e usou o apoio estatal para criar uma série de novas indústrias e manufaturas. Recrutou artesãos e técnicos na Europa e enviou russos para lá aprender. Mudou a forma de administração estatal russa. Substituiu a Duma Boiarda (a assembleia de nobres russos que tradicionalmente cuidava de vários aspectos administrativos internos do país) por um Senado nomeado por ele. Em 1707 dividiu a Rússia em oito regiões chamadas guberniya (dirigidas por governadores nomeados por ele), que se subdividiam em provintsii (províncias) por sua vez subdivididas em uezdy (distritos). Os governadores eram auxiliados por landraty (diretorias provinciais do tipo sueco). Um procurador (auxiliado por uma rede de fiscais) supervisionava o funcionamento do senado e dos governadores em busca de combater a corrupção (SEGRILLO, 2016, p. 15)

As reformas iniciadas por Pedro são continuadas pela tzarina Catarina, a Grande, que através de guerras conquista uma saída para o Mar Negro, onde constrói um porto e uma base naval russa. Catarina conquista a Crimeia e consolida a presença russa nos territórios do Báltico e do Cáucaso, além de expandir os domínios do império para a Sibéria e para o ártico (COSTA, 2015, p. 9). O fato de Catarina ter conquistado a Crimeia é uma informação relevante para esta dissertação, pois essa ligação histórica será resgatada pelo governo russo em 2014 como uma das justificativas para a anexação da península. É parte da justificativa que abarca as ligações históricas e que impacta a questão da memória do povo russo.

Após o reinado de Catarina, a Grande, o império russo continua em expansão e se torna um poderoso Estado continental com mais de 10 mil km de extensão no sentido Leste-Oeste. A partir de então, define-se a configuração a geopolítica fundamental da grande potência que emerge com a Revolução de 1917: a União Soviética (COSTA, 2015). Após a revolução e a vitória dos bolcheviques, em 1922, o império russo deixa de existir e se constitui a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, que seria integrada pela federação Russa e mais de uma dezena de províncias que se tornaram repúblicas socialistas, formando um total de 15 repúblicas com mais de sessenta nacionalidades oficialmente reconhecidas (COSTA, 2015, SEGRILLO, 2015).

Durante a existência da União Soviética, principalmente durante no período de governo de Joseph Stalin (1924-1953), o governo central soviético promoveu um processo de russificação das repúblicas e impôs a língua russa como idioma oficial apesar da Constituição de 1936 garantir autonomia às repúblicas soviéticas e às regiões autônomas em relação à Federação Russa. Nota-se que a centralização soviética não era apenas em termos econômicos e políticos, mas também em vias culturais já que além da questão da língua, o governo proibiu o exercício religioso e a propagação dos valores e práticas defendidos pelo partido único (COSTA, 2015, p.10).

Além disso, durante o período stalinista, o governo fomenta o deslocamento forçado de grupos e populações étnicas inteiras – como foi o caso da deportação dos chechenos para Ásia Central em 1944 – e favorece a migração de russos para repúblicas não-russas (VIANA, 2002, p. 3). Esses acontecimentos e o processo de imposição da língua e migração de russos são importantes no pós-dissolução da URSS pois uma quantidade significativa de russos e falantes de língua russa se encontram fora do território da Federação Russa. Esses grupos, que fazem parte da diáspora russa, serão – principalmente durante a Era Putin – parte dos compatriotas

russos presentes no espaço pós-soviético eé justamente a defesa da proteção dos russos e compatriotas russos que será mobilizada pelo governo russo.

Durante os anos de 1980 uma crise econômica profunda se soma a uma crise política dentro da União Soviética e aproxima o país do colapso. Na verdade, uma soma de várias causas leva ao fim da União Soviética: as questões econômicas, a crise política e o ressurgimento das questões étnicas e nacionalistas são algumas delas (TRENIN, 2001, MAZAT, 2013, SEGRILLO, 2015). Dessa forma,

[...] Tem início assim o acelerado movimento de desmoronamento dos pilares do socialismo soviético com a queda do muro de Berlim em 1989 e dos governos socialistas dos países que gravitavam na sua órbita de influência, culminando em 1991 com a dissolução da União Soviética. A antiga Rússia perde desse modo o controle e a influência não apenas nos países das suas regiões circunvizinhas (as ex-Repúblicas Socialistas tornam-se independentes), bem como de toda a Europa Centro-Oriental e dos Balcãs, processo no qual foi emblemática a absorção da Alemanha Oriental pela Alemanha Federal. (COSTA, 2015, p. 13)

Em 8 de dezembro de 1991, os “ventos da mudança” - que a banda Scorpions canta na música lançada no ano anterior nomeada *Wind of Change*¹³ - parecem chegar com força na Europa do Leste. Nesse dia, Rússia, Ucrânia e Belarus declararam a Comunidade dos Estados Independentes (CEI) como sucessora da União Soviética. De repente, as repúblicas soviéticas que nunca se imaginaram autônomas, são confrontadas em um espaço de tempo curtíssimo, com a perspectiva de serem independentes. Alguns dias depois dessa declaração, outras 9 repúblicas se unem às três originais no âmbito da CEI (TOAL, 2016).

Dias após a declaração da criação da CEI, mais especificamente no dia 25 de dezembro de 1991, Mikhail Gorbachev renunciou ao cargo de presidente da União Soviética e no dia 26 de dezembro os conselheiros do Soviete Supremo votaram a favor da dissolução das Repúblicas Socialistas Soviéticas e pela aprovação da Ata de Alma-Atá, que criava a Comunidade dos Estados Independentes (CEI) (PLOKHY, 2014; SEGRILLO, 2015). A Rússia pós-colapso da União Soviética não era mais o antigo império russo, mas sim uma federação que na década após o desmembramento da antiga URSS vivenciou uma difícil transição marcada por profunda crise econômica, pelo encolhimento territorial e por mudanças políticas (COSTA, 2016).

¹³ A música *Wind of Change*, da banda alemã Scorpions, escrita por Klaus Meine, é inspirada nos acontecimentos vividos na Europa e na União Soviética no final dos anos 80. Em 1989, a banda se apresentou pela primeira vez em Moscou, no Moscow Music Peace Festival. Em uma entrevista à *Rolling Stone*, Klaus Meine comentou que os soldados, que eram seguranças do festival, se juntaram à plateia e, naquele momento, ele percebeu que o mundo estava mudando (ROLLING STONE, 2020). No mesmo ano, o muro de Berlim caiu e os “ventos da mudança” pareciam estar realmente por todos os lados no continente europeu.

Uma questão interessante que surge com o colapso da União Soviética é a chamada “questão russa”

[...] In purely statistical terms, using numbers from the last Soviet population census of 1989, the collapse of the Soviet Union meant that there were over 25 million people beyond the borders of Russia who had identified themselves as ethnic Russians in that census. Three-quarters of them were in just two successor republics: Belarus and Ukraine. The numbers were larger if the statistical category referred to those who declared their first language as Russian. Here the numbers rose to 36 million. Add those who were “Russian language-leaning” namely those who named Russian their native or second tongue (after their titular language), and the figure rose further to 42 million. What these numbers meant was, at once, self-evident and uncertain. What was self-evident was the considerable disjuncture between the borders of the newly independent Russia and a putative Russian ethnospace and, beyond that, an adjoining Russophone sphere and neighboring Russian cultural world. Post-Soviet Russia occupied territory that was considerably smaller than the Russian Empire at the beginning of World War. ¹⁴(TOAL, 2016, p. 66)

A Rússia, então, ressurgiu no cenário geopolítico com sérios problemas internos para resolver e com o compromisso de se inserir no Sistema Internacional, já que a União Soviética não existe mais. Como pode ser visto ao longo dessa seção, a Rússia passou por diversas mudanças e possui ligações históricas (além de linguísticas e culturais) com os países do espaço pós-soviético. Conhecer o processo de russificação, a origem de Kiev Rus e a própria União Soviética é fundamental para compreender parte da retórica de Moscou nos anos 2000 e do governo russo quando se trata do espaço pós-soviético e da necessidade de proteger sua zona de influência. Esses pontos aparecem não só na anexação da Crimeia, mas fazem parte do movimento de securitização feito pelo governo russo durante a crise que se desenrolou na Ucrânia nos anos de 2013 e 2014. Na seção seguinte, tratamos da estratégia russa para lidar com a expansão da OTAN e sua busca pela retomada do status quo na arena internacional e da influência sobre os países que agora formam o chamado espaço pós-soviético.

¹⁴ [...] Em termos puramente estatísticos, usando números do último censo populacional soviético de 1989, o colapso da União Soviética significou que havia mais de 25 milhões de pessoas além das fronteiras da Rússia que se identificaram como russos étnicos naquele censo. Três quartos deles estavam em apenas duas repúblicas sucessoras: Bielorrússia e Ucrânia. Os números eram maiores se a categoria estatística se referisse àqueles que declararam sua primeira língua como o russo. Aqui, os números aumentaram para 36 milhões. Adicione aqueles que tinham “inclinação para a língua russa”, ou seja, aqueles que chamaram o russo de sua língua nativa ou segunda (após sua língua titular), e o número aumentou para 42 milhões. O que esses números significavam era, ao mesmo tempo, evidente e incerto. O que era evidente era a considerável disjunção entre as fronteiras da Rússia recém-independente e um suposto etnoespaço russo e, além disso, uma esfera russófona adjacente e o mundo cultural russo vizinho. A Rússia pós-soviética ocupou um território consideravelmente menor do que o Império Russo no início da Primeira Guerra Mundial.

2.2 O governo Boris Yeltsin, expansão da União Europeia e o espaço pós-soviético

Após o colapso da União Soviética, a década de 1990 não foi um período tranquilo para a Rússia, tanto no âmbito interno quanto no externo. Contudo, o foco desta dissertação está na relação dos russos com o espaço pós-soviético que mobilizou o governo na Crimeia e na condução da política externa de Moscou.

After the fall of the USSR, Russia faced a profound identity crisis. At the end of the Cold War, a country with seemingly European roots found itself trying to reconnect with its “significant Other” after decades of lacking recognition from it. Today, Russia’s foreign policy actions are best understood as reflecting “civilizational” ideas rather than economic or material power conditions.¹⁵(LOFTU S, 2019, p. 15)

Boris Yeltsin foi o primeiro presidente da Federação Russa após o fim da União Soviética e seus anos de governo são marcados por um enfraquecimento geopolítico e militar encabeçado pelo Ocidente (Estados Unidos e União Europeia (UE)). Tal acontecimento foi possível quando a Rússia estava enfraquecida devido ao processo de transição para o capitalismo e adotou uma política externa considerada pró-ocidental de cooperação com Estados Unidos e a própria União Europeia (MAZAT, SERRANO, 2013)

Então, nos anos iniciais do governo Yeltsin, Moscou cooperava com Washington visando obter retorno financeiro e o reconhecimento da Rússia como uma grande potência do Sistema Internacional. Mazat e Serrano (2013) expressam que existia uma certa “ingenuidade” da alta cúpula russa que acreditava nas boas intenções dos dirigentes norte-americanos e europeus, e que repetia que a Rússia e os Estados Unidos possuíam diversos interesses em comum. Essa parceria e cooperação entre norte-americanos e russos estava mais para uma subordinação russa em relação aos norte-americanos e com ares de alinhamento quase automático por parte da Rússia em relação aos Estados Unidos (PECEQUILO, LUQUE, 2016). Isso acontecia porque a parceria com o Ocidente, por parte dos russos, era entendida como uma questão importante para o sucesso das reformas internas que o país vivenciava após o fim do comunismo.

¹⁵ Após a queda da URSS, a Rússia enfrentou uma profunda crise de identidade. No final da Guerra Fria, um país com raízes aparentemente europeias se viu tentando se reconectar com seu “Outro significativo” após décadas de falta de reconhecimento por parte dele. Hoje, as ações de política externa da Rússia são mais bem entendidas como refletindo ideias “civilizacionais”, em vez de condições de poder econômico ou material.

Contudo, mesmo com essa posição de aproximação com o Ocidente, organizações e instituições como a Organização do Tratado do do Atlântico Norte (OTAN) e a União Europeia (UE), em uma segunda instância, continuaram existindo e se expandiram em direção às fronteiras da Rússia (ADAM, 2012; SANTOS, 2017). Criadas durante a Guerra Fria e com o objetivo de promover uma integração europeia e deter o avanço do comunismo, ambas as instituições sobreviveram à derrocada do regime soviético e continuam existindo porque tanto os Estados Unidos quanto os países europeus selaram um acordo de manter a OTAN, principalmente, depois de promover uma adaptação da sua missão (PECEQUILO, 2005).

É importante notar que ainda em 1991, no ano da dissolução da União Soviética, a OTAN publicou um novo conceito estratégico no qual ampliava o seu alcance e modificava os níveis de integração dos seus membros no tocante à segurança, diálogo e cooperação. Com essas mudanças, a organização passou a estender a “mão” para os países do Leste Europeu, ou seja, que fizeram parte da União Soviética, estreitando seus laços e depois abarcando-os como novos membros (BENNET, 2003). Então, apesar da

[...] reviravolta na configuração geopolítica do poder mundial decorrente do colapso do Pacto de Varsóvia e do drástico encolhimento da influência russa teve como contrapartida principal o fortalecimento estratégico-militar dos EUA e seus aliados ocidentais que se consubstanciou no revigoramento da OTAN, cuja estratégia principal passou a ser o alargamento do seu espaço de atuação direta e indireta até as últimas fronteiras dos antigos territórios da ex-União Soviética. E essa expansão ocidental sobre as regiões e países limítrofes da Rússia não se restringiu ao campo especificamente estratégico-militar, como é sabido.” (COSTA 2015, p. 13-14)

Além da OTAN, a União Europeia foi outra instituição que estendeu “as mãos” para os países do espaço pós-soviético. A partir da sua institucionalização em 1994, a UE iniciou um vigoroso processo de expansão no continente europeu passando de 15 estados-membros em 1990 para 25 em 2004, durante o qual integrou as três repúblicas do Báltico (Lituânia, Letônia e Estônia) à instituição. O primeiro mapa abaixo mostra a configuração da União Europeia nos dias atuais - ou seja, o mapa atualizado não possui mais o Reino Unido nele devido ao cumprimento do Brexit -, enquanto o segundo apresenta a expansão da União Europeia desde 1952. E as cores no segundo mapa servem como legenda para identificar cada rodada de expansão da UE e especificar o ano de entrada de cada país. Percebe-se, a partir da análise dos dois mapas, como a instituição está cada vez mais presente nas fronteiras da Rússia após o fim da Guerra Fria (COSTA, 2015; LOFTUS, 2019).

Figura 2 - Mapa com os países membros da União Europeia no ano de 2022



FONTE: Sítio da União Europeia. Disponível: https://european-union.europa.eu/easy-read_pt

Figura 3 - Mapa da expansão da União Europeia desde 1952



FONTE: Sítio da União Europeia. Disponível em: <https://audiovisual.ec.europa.eu/en/album/M-000878>

Além da expansão propriamente dita da UE, a instituição também promulgou acordos com países do espaço pós-soviético que não aderiram a instituições como a Ucrânia, Geórgia e Moldávia - todos países que os russos consideram parte da sua esfera de influência. É perceptível o interesse ocidental nessa região e sua penetração possibilita um estrangulamento da Rússia gerando, assim, instabilidade e uma ocupação de vácuo de poder junto com a possibilidade de ter acesso aos recursos energéticos da Eurásia (PECEQUILO, LUQUE, 2016).

As repúblicas bálticas – Letônia, Estônia e Lituânia – foram as primeiras a entrarem na União Europeia e depois na OTAN sendo que o governo russo não foi consultado sobre o assunto. Pode-se notar sobre essas expansões que tal acontecimento foi uma maneira dos Estados Unidos apertarem o cerco contra a Rússia além de impedir o acesso ao petróleo presente nesses países (MAZAT, SERRANO, 2012). Percebe-se, assim, que a área que rodeia o centro da Eurásia continuava sendo um ponto importante para os Estados Unidos e o Ocidente e que mesmo com o fim da divisão bipolar, os russos precisavam ser contidos no coração do continente basilar.

A expansão da União Europeia e da OTAN são pontos importantes para o governo Putin e para a própria anexação da Crimeia. Contudo, antes de abordar a política externa de Vladimir Putin e suas ações no seu entorno próximo, é necessário destacar, ainda, que em termos de política externa o espaço pós-soviético, nos primeiros anos do governo Boris Yeltsin, não recebeu a mesma atenção que receberá do governo seguinte. Os conceitos de política externa dos anos Yeltsin sofreram modificações ao longo dos anos, mas não apresentaram nenhuma mudança substancial em relação à postura pró-Ocidente citada no início dessa seção (MAZAT, SERRANO, 2012).

Em 1993, o governo Yeltsin aprova um novo Conceito de Política Externa que era mais abrangente que o de 1992 e destaca que a política externa russa deveria proteger os interesses nacionais fundamentais do país - como preservar a soberania estatal, a independência e a integridade territorial - e entrar para a comunidade internacional como uma grande potência. Em relação ao espaço pós-soviético e à Comunidade dos Estados Independentes (CEI), os países que formam essa região e comunidade passaram, em teoria, a ser colocados como uma área de interesse geopolítico da Rússia (SANTOS, 2017). Contudo, tal posicionamento não conseguiu impedir a expansão da OTAN e da UE em direção aos países que fazem fronteira com o território russo.

Pouco antes da saída de Boris Yeltsin do poder, a OTAN publicou um documento chamado de Conceito Estratégico de 1999 em que se apresentava como uma das bases indispensáveis para um ambiente de segurança euro-atlântico estável, que se baseia no crescimento de instituições democráticas e no compromisso com a resolução pacífica de disputas, nas quais nenhum país seria capaz de intimidar ou coagir qualquer outro através do uso da força ou da ameaça. Além disso, a organização deixava claro que as “portas” estavam abertas para novos membros sem especificar à localização geoestratégica (TOAL, 2015). Ou

seja, a OTAN deixava claro que países podiam se unir à organização até mesmo aqueles que um dia fizeram parte da União Soviética.

A Era Boris Yeltsin termina na noite de ano novo de 1999, quando o mesmo renuncia e Vladimir Putin, que era seu primeiro-ministro, assume como interino. Poucos meses depois, Putin é eleito presidente da Federação Russa. Sob o comando de Putin, a Rússia passaria por uma recuperação geopolítica e uma retomada de prestígio no cenário internacional que havia sido perdida, em grande parte, durante os anos de 1990 (ADAM, 2012; SANTOS, 2017).

2.3 A Era Putin e a política externa russa: o espaço pós-soviético e o avanço do Ocidente

Como já citado, os anos de 1990 marcaram um período difícil para a Rússia Não foi apenas o declínio da União Soviética e a transição para uma economia totalmente capitalista, mas também ocorreu um avanço da OTAN em direção às fronteiras do antigo Pacto de Varsóvia e a perda de poder de influência russa sob o espaço pós-soviético. Porém,

[...] o início do novo século (e milênio) marca simbolicamente o ponto de inflexão em direção à restauração do seu antigo poder de player global, um ganho de posição que se deveu, sobretudo, à brusca mudança de rumos na política interna com a chegada de Vladimir Putin ao poder em 2000. Líder carismático forjado nos quadros de dirigentes do regime soviético ele tornou-se Primeiro-Ministro no governo de Boris Yeltsin e adquiriu notoriedade quando coordenou a invasão militar da Chechênia, reprimiu duramente ali o movimento separatista de inspiração islâmica e “pacificou” a província submetendo-a ao rígido controle de Moscou. Eleito presidente no ano seguinte, inicia seu longo período à frente do poder russo em sucessivos governos - alternando-se com Dmitri Medvedev nas posições de Presidente e de Primeiro-Ministro - que seus críticos internos e externos qualificam de centralizadores e autoritários e durante os quais o Kremlin posiciona no topo das prioridades nacionais o esforço de reconstrução do país e a restauração do seu status de grande potência (COSTA, 2015, P. 15)

A figura de Vladimir Putin é lida, internamente, como o pai da estabilidade russa e um orgulhoso líder cultural do seu país. Em termos de governança, a sociedade russa, durante seus mandatos, se tornou mais segura, ordenada e estável a partir da centralização de poder instituída pelo presidente. No âmbito internacional, Putin é compreendido como o restaurador do “status de grande potência da Rússia” através de suas ações na Ucrânia, Síria e Geórgia, e por desafiar o status quo da política internacional (LOFTUS, 2019).

É sob o comando de Putin que a Federação Russa executa um grande projeto de reconstrução econômica que foi possível graças à elevação dos preços do petróleo, do gás e das commodities em geral no início dos anos 2000. Essa elevação dos preços possibilitou ao governo honrar os compromissos econômicos internos como o pagamento de pensões, e tornar a situação econômica do país mais estável (SEGRILLO, 2015). Nesse sentido, a exportação do gás é sintomática, uma vez que a Rússia ocupa o lugar de maior fornecedora para a Europa. O governo russo possui ciência da forte dependência europeia do gás russo e o mesmo se torna ainda mais importante em momentos de crise (COSTA, 2016).

Sobre a reconstrução russa durante a Era Putin, Loftus destaca que

[...] The process of state rebuilding accelerated under Putin who improved fiscal health due in large part to rising energy prices which also allowed Putin to strengthen central state authority, re-assert central control over tax, the police, and other state agencies. [...]. The economic prosperity that Russia enjoyed throughout this time was very important toward its increasing authoritarianism and international might. The stronger it became internally, the bolder it acted internationally.¹⁶ (LOFTUS, 2019, p. 35)

Do ponto de vista geopolítico e da condução da política externa, é interessante notar que durante o governo Putin há a retomada do objetivo de conter por todos os meios os avanços da OTAN e da UE em direção ao que os russos consideram sua esfera de influência, isto é, o espaço pós-soviético que abrange países como a Ucrânia e a Geórgia. Alinhado a esse objetivo também está a busca pela retomada do status de grande potência que o país perdeu após o fim do comunismo (COSTA, 2015).

Em um primeiro momento, o governo de Putin continua cooperando com os Estados Unidos, principalmente, após os atentados de 11 de setembro de 2001 e corroboram com a invasão do Afeganistão pelos norte-americanos. Esse apoio à luta contra o terrorismo pode ser explicado pela disputa interna que ocorria a Rússia entre as forças de segurança do governo e os terroristas chechenos. Contudo, tal cooperação não perdurou e pouco tempo depois os russos foram contrários à invasão do Iraque e adotaram uma postura contrária às revoluções coloridas que se espalharam pelo espaço pós-soviético (SEGRILLO, 2016; PECEQUILO, LUQUE, 2016; SANTOS, 2017).

¹⁶ [...] O processo de reconstrução do estado se acelerou sob Putin, que melhorou a saúde fiscal devido em grande parte ao aumento dos preços da energia, que também permitiu a Putin fortalecer a autoridade central do estado, reafirmar o controle central sobre os impostos, a polícia e outras agências estaduais. [...]. A prosperidade econômica que a Rússia desfrutou ao longo desse tempo foi muito importante para seu crescente autoritarismo e poder internacional. Quanto mais forte se tornava internamente, mais ousada agia internacionalmente.

As revoluções coloridas na Sérvia (2000), Geórgia (2003), Ucrânia (2004) e Quirguistão (2005) se tornaram outro sinal de alerta em Moscou que entendeu tais acontecimentos como uma forma do Ocidente de intervir em lugares que fazem parte dos interesses da esfera de influência russa e, conseqüentemente, como um jeito de minar o poder russo a região (SANTOS, 2017). Essas situações somadas a uma nova onda de expansão da OTAN e os planos de construção de um escudo antimísseis na Polônia e na Tchecoslováquia fortaleceram ainda mais a posição russa contra a organização e seu compromisso de proteger o espaço pós-soviético dos interesses ocidentais (SEGRILLO, 2015).

Essa postura de defender sua zona de influência dos interesses ocidentais cresce ainda mais após uma declaração feita por um representante da OTAN, durante a cúpula de Bucareste em 2007, que o mesmo afirma que era uma questão de tempo até que Ucrânia e Geórgia aderissem à organização. Esse pronunciamento foi compreendido, pelo governo russo, como uma intenção de expandir mais a OTAN em direção a territórios que possuem ligações históricas e identitárias com Moscou. Até aquele momento, mesmo com entrada dos países Bálticos na organização, nenhum país que originalmente fazia parte da União Soviética, ou seja, países cujas fronteiras foram traçadas pelos bolcheviques a partir dos legados do império russo, havia se unido à aliança transatlântica criada durante a Guerra Fria e liderada pelos Estados Unidos. A resposta do governo russo à tal declaração foi de que o expansionismo da aliança estava prestes a “cruzar uma linha vermelha” e que a entrada da Ucrânia e da Geórgia na OTAN não seria tolerada pelos russos (TOAL, 2015).

A expansão da organização em direção às fronteiras russas sugere que os governos ocidentais ainda enxergam os russos como uma ameaça que precisa ser minada, como um inimigo do Ocidente que precisa ser cercado e vigiado (SEGRILLO, 2015). Esse entendimento é justificável quando se olha o mapa da OTAN e a expansão da aliança ao longo dos anos. No mapa abaixo é possível perceber como o alargamento da aliança transatlântica progrediu durante os anos 2000 e passou a abarcar países que se localizam próximos à Rússia. Uma possível interpretação para tal expansão é que mesmo que a Guerra Fria tenha terminado, a Rússia ainda é um país que precisa ter sua influência sob o espaço pós-soviético diminuída e precisa ser contida.

Figura 4 - Mapa da expansão da OTAN desde a sua criação



FONTE: COSTA, 2015.

O ministro das Relações Exteriores russo, Sergei Lavrov, em um texto publicado originalmente no sítio *Russia in the World Affairs*, no ano de 2016, comenta sobre o avanço da OTAN e como tal avanço é uma das causas dos atritos entre Moscou e Washington.

Infelizmente, os nossos parceiros ocidentais escolheram seguir um caminho diferente, expandindo a OTAN para o Leste e movendo o espaço geopolítico sob seu controle para mais próximo à fronteira da Rússia. Esta é a causa fundamental dos problemas sistêmicos que perturbam as relações da Rússia com os Estados Unidos e a Europa. Curiosamente, George Kennan, que é considerado um dos autores da política estadunidense de contenção da União Soviética, no final da sua vida, descreveu a expansão da OTAN como um erro trágico. (LAVROV, 2019, p. 101)

O espaço pós-soviético que está cada vez mais próximo da OTAN se torna uma preocupação que ganha destaque nos Conceitos de Política Externa da Federação Russa durante a Era Putin, pois essa região é considerada parte da zona de influência russa pelo governo.

Já no primeiro Conceito de Política Externa lançado pelo governo Putin encontra-se uma pauta que prioriza a Ásia Central e o espaço pós-soviético como áreas importantes para a política externa do país (ADAM, 2012; COSTA, 2015, SEGRILLO, 2015).

Resumidamente,

O governo passou também a dispensar atenção especial ao grupo de províncias e regiões de países integrantes da antiga União Soviética, nas quais ainda vivem aproximadamente 25 milhões de russos (cerca de metade disso nos países da Ásia Central) e, em alguns casos, essas “minorias” estariam enfrentando hostilidades e constrangimentos da parte das populações e dos governos. Em determinados casos, como a Criméia e as províncias orientais da Ucrânia ou as rebeladas províncias da Geórgia, esses conflitos constituem importante fator de desestabilização dos governos locais, tendendo a desdobrar-se em movimentos separatistas de maior envergadura que, segundo dirigentes dos países que as abrigam e boa parte dos analistas ocidentais, seriam sistematicamente estimulados e apoiados por Moscou” (COSTA, 2015, p. 16-17)

A região do Cáucaso também passa a ser mais importante para a política externa de Moscou e para sua busca por ser novamente uma grande potência. Naquela área se encontram três repúblicas que são fundamentais para a reconfiguração da geopolítica regional do espaço pós-soviético e para os próprios interesses da Federação Russa com países como Geórgia, Armênia e Azerbaijão. Esses países se tornaram independentes com o colapso da União Soviética e desde então são assediados pelos Estados Unidos e União Europeia através de ajuda econômica e militar, e com negociações que visam à implementação de pipelines para o escoamento do petróleo e do gás do Mar Cáspio para o Mar Negro e ao Mediterrâneo (IDEM). Por isso, Moscou precisa manter a área sob vigilância para proteger seus interesses econômicos e geopolíticos.

No meio da Era Putin, Dmitri Medvedev assumiu o poder como presidente da Federação Russa enquanto Vladimir Putin tornou-se o primeiro-ministro. Porém, essa mudança pouco modificou a condução da política externa do país ou dos interesses russos no espaço pós-soviético. Moscou, durante o mandato de Medvedev, o mesmo continuou com uma política externa multivetorial e aprofundou a parceria com Pequim, que já vinha sendo desenvolvida nos anos anteriores. Nesse momento, os BRICS conquistaram um espaço maior e os russos aproveitaram para se apresentar como um país emergente ao lado de China e Brasil (PECEQUILO, LUQUE, 2016). Em outra frente, a Guerra da Geórgia seria a primeira demonstração de força do governo russo desde o fim da Guerra Fria e apontaria que a Rússia não toleraria as intervenções ocidentais no seu exterior próximo nem uma possível entrada da Geórgia na OTAN (MIELNICZUK, 2013; SANTOS, 2017).

Em 2012, Putin volta a ser presidente e as tensões entre Rússia e Estados Unidos se elevaram, culminando em um momento de grande tensão com a questão da Ucrânia e a anexação da Crimeia. Porém o que é perceptível no que foi discutido até então é que Moscou, durante o governo de Putin, transformou a contenção dos avanços da OTAN, da União Europeia e da influência de outros atores no seu entorno regional em um objetivo nacional (COSTA, 2015; PECEQUILO, LUQUE, 2016).

O governo russo defende, como já citado, que precisa proteger sua zona de influência da OTAN e da União Europeia, e precisa promover uma “relação de boa vizinhança” entre a Rússia e o espaço pós-soviético. Entretanto, Agnias Grigas (2016) argumenta que essa visão decorre do pensamento de que os russos possuem direito a interesses especiais dentro de uma esfera de influência ou nas palavras de Doyle, de que "um estado controla a efetiva soberania política de outra sociedade política".

Loftus, então, destaca que as relações entre Rússia, Estados Unidos e, de certa forma com a União Europeia

[...] became outright hostile as Putin extended his anti-Western stance to including the European Union and NATO. The Baltic countries became a contentious issue as Russia claimed it would be forced to retaliate if NATO expanded to that region. Putin stated that the Color Revolutions that began in Ukraine and Kyrgyzstan were part of a Western plot to install Western-friendly regimes to surround Russia and eventually bring about regime change. (...) Georgia was targeted militarily when it declared its intention to join NATO, and Russian military relations with China and pro-Russian regimes then intensified (Spechler 2010, pp. 35–50). Plans for NATO membership in Georgia were then put on hold. Ukraine and Georgia are of supreme importance for Russia and its “lost imperial past” and would constitute a great loss were they ever to integrate into European institutions (Larive and Kanet 2012). Putin sees NATO expansion as a zero-sum game, a win for them is a loss for Russia and the regional balance of power. NATO represents a direct challenge to Putin and his nationalist policies (Loftus and Kanet 2015, pp. 15–41). This evidence of increasing assertiveness in foreign policy was noted as Russia saw an improvement in its economic capacity and domestic situation. The growth of the economy after 2000 made it possible for Putin to pay foreign debts on time and to free Moscow from the huge infusions of foreign financial assistance from the IMF, the USA, and other major bilateral lenders that it had required throughout the 1990s (Hill 2006) and further impose central political control. Putin was able to exhibit more political influence in the CIS and turned into an “economic magnet” for these states. ¹⁷(LOFTUS, 2019, p. 48)

¹⁷ [...] tornaram-se francamente hostis quando Putin estendeu sua posição antiocidental para incluir a União Europeia e a OTAN. Os países bálticos se tornaram uma questão controversa, pois a Rússia alegou que seria forçada a retaliar se a OTAN se expandisse para aquela região. Putin afirmou que as Revoluções Coloridas que começaram na Ucrânia e no Quirguistão eram parte de uma conspiração ocidental para instalar regimes amigáveis ao Ocidente para cercar a Rússia e, eventualmente, provocar uma mudança de regime. (...) A Geórgia foi alvo militarmente quando declarou sua intenção de aderir à OTAN, e as relações militares russas com a China e os regimes pró-Rússia se intensificaram (Spechler 2010, pp. 35–50). Os planos para a adesão à OTAN na Geórgia foram então suspensos. A Ucrânia e a Geórgia são de suma importância para a Rússia e seu “passado imperial perdido” e constituem uma grande perda se algum dia se integrassem às instituições europeias (Larive e Kanet 2012). Putin vê a expansão da OTAN como um jogo de soma zero, uma vitória para eles é uma perda para a Rússia e o equilíbrio de poder regional. A OTAN representa um desafio direto para Putin e suas políticas nacionalistas (Loftus e Kanet 2015, pp. 15–41). Essa evidência de crescente assertividade na política externa foi

Como citado, uma atenção especial é dada às ex-repúblicas soviéticas. Além disso, o discurso sobre a necessidade de proteção das minorias russas que vivem nessas repúblicas passa a ser mobilizado pelo governo russo e opera como justificativa para ação excepcional de Vladimir Putin em relação aos seus vizinhos quando necessário, como foi no caso da anexação da Crimeia (COSTA, 2017).

Com tudo que foi apresentado até aqui é notável que a administração Putin enquadrou o Ocidente, através da OTAN e da União Europeia, como uma ameaça à segurança e à identidade russa, além de ter criado uma narrativa particular antiocidental na sociedade russa que legitima, principalmente, as ações do governo externamente (LOFTUS, 2019, p. 8). Em um discurso no Clube Valdai, em 2014, Vladimir Putin destacou que

A Guerra Fria terminou, mas não terminou com a assinatura de um tratado de paz com acordos claros e transparentes sobre o respeito às regras existentes ou a criação de novas regras e padrões. Isso criou a impressão de que os chamados “vencedores” da Guerra Fria decidiram pressionar os eventos e remodelar o mundo para atender as suas próprias necessidades e interesses. Se o sistema existente de relações internacionais, o direito internacional e os freios e contrapesos estabelecidos, ficavam no caminho desses objetivos, esse sistema era declarado sem valor, desatualizado e necessitando de demolição imediata (PUTIN, 2014c, p. 59)

Nesse encontro do Clube Valdai, a discussão era sobre nova ordem mundial, porém o discurso de Putin cita que os ‘vencedores’ da Guerra Fria, ou seja, Estados Unidos reconstituem o sistema internacional a sua maneira, tomando as decisões que melhor lhe beneficia. A Guerra Fria pode ter acabado, mas segundo esse discurso de Putin, o mundo de hoje ainda vivencia esforços para fragmentar o sistema, traçar novas linhas divisórias, criar a imagem de um inimigo como aconteceu durante a divisão bipolar e os Estados Unidos são os principais responsáveis por isso. Tanto que “[...] em vez de estabelecer um novo equilíbrio de poder [após o fim da Guerra Fria], essencial para manter a ordem e a estabilidade, eles [Estados Unidos] adotaram medidas que levaram o sistema a um desequilíbrio acentuado e profundo (PUTIN, 2014c, p. 59, *itálico colocado pela autora*). Os pontos levantados por Putin nos trechos acima apresentam a ideia de que os Estados Unidos, e o Ocidente de certa forma, agem como querem e atuam visando seus interesses até mesmo no espaço pós-soviético. Essas falas de Putin corroboram a

observada à medida que a Rússia via uma melhora em sua capacidade econômica e situação interna. O crescimento da economia após 2000 possibilitou a Putin pagar as dívidas externas em dia e libertar Moscou das enormes infusões de assistência financeira estrangeira do FMI, dos EUA e de outros grandes credores bilaterais que havia exigido ao longo da década de 1990 (Hill 2006) e impõe ainda mais o controle político central. Putin conseguiu exibir mais influência política na CEI e se tornou um “ímã econômico” para esses estados.

ideia de que o Ocidente é uma ameaça à Rússia e de certa forma uma ameaça a todos que buscam um mundo multipolar.

Nota-se que ao securitizar o Ocidente, incluindo a OTAN e a União Europeia, e enfatizar a ameaça que esses representam à sobrevivência da civilização russa e às necessidades políticas e de desenvolvimento específicas, o governo russo legitima suas ações interna e externamente. No campo interno, ele consegue legitimar seu projeto de centralização e suas crescentes tendências autoritárias. No exterior, suas ações na Crimeia, no leste da Ucrânia e na Síria tiveram sucesso em fornecer a ilusão de uma grande força de poder e a restauração de uma “Grande Rússia”, bem como um desafio ao status quo internacional (SANTOS, 2017). A administração Putin construiu com sucesso a ideia do Ocidente como sendo imperialista e desejando a dominação mundial sob o pretexto de disseminar a democracia e os direitos humanos, e como uma força que busca minar a existência russa e dos próprios russos (LOFTUS, 2019, p. 9).

Essa representação do Ocidente possibilita que Moscou enquadre os acontecimentos na Ucrânia, principalmente, a partir de 2013 como uma ameaça grave ao governo e à Rússia. Ao apresentar que os compatriotas russos na Crimeia estavam ameaçados pelo novo governo ultranacionalista ucraniano, apoiado pelo Ocidente, Moscou apela para os russos que seus compatriotas estão em perigo e que a própria história (e interesses) da Rússia estão em perigo. Assim, a única forma de impedir que o pior aconteça - isto é, uma dominação do Ocidente de um território que possui ligações históricas e culturais e importância geopolítica para o país - é agindo de forma a garantir a sobrevivência do Estado russo e dos compatriotas russos na Crimeia. Contudo, quem são esses compatriotas russos? Quem são os russos que estão fora do território da Rússia e precisam ser protegidos?

2.4 A política de compatriotas da Rússia: quem são aqueles que precisam ser protegidos

O colapso da União Soviética foi classificado por Vladimir Putin, no ano de 2005, como o maior desastre geopolítico do século XX, um desastre que deixou algo em torno de 25 milhões de russos vivendo fora das fronteiras da nova Federação Russa (PUTIN, 2005; PIEPER, 2018). Esse acontecimento pode ser compreendido como resultado das políticas étnicas e do domínio soviético sobre os territórios que passaram por um processo de russificação e até mesmo de

expurgo de grupos étnicos de determinadas regiões (GRIGAS, 2016). Como resultado dessas políticas, comunidades russas se encontram presentes em diversos países do espaço pós-soviético. E o foco dessa seção é justamente apresentar e entender quem são os compatriotas russos, que fazem parte dessas comunidades russas, que Moscou tem feito referência ao justificar suas ações no exterior próximo.

Russia is one of the countries whose cultural space is bigger than its national territory. Many important actors in international relations (apart from Russia there are China in East and Southeast Asia, and Iran and Turkey in the Middle East) are closely connected with millions of people who speak the same or very similar languages or are united by the same religion but live nearby in different states. Common cultural characteristics do not necessarily mean political loyalty, much less devotion of diasporas and religious communities to their “historical homeland” or “core state.” However, linguistic closeness, similar religious practices, and common history facilitate contacts between people, contribute to the establishment of economic ties, and motivate temporary and constant migration. ¹⁸(ZEVELEV, 2021, p. 11)

Quando o assunto são os compatriotas e a proteção dos russos fora do território da Rússia, o caso ucraniano se destaca não só pela anexação da Crimeia, mas também pelos conflitos em Donbass desde 2014. Tabachnik destaca que

[...] Affinity with ethnic Russians and Russian speakers in Crimea and Eastern Ukraine largely conditions Russian public opinion. Russian culture and language have been used as the basis for the expansion of citizenship to residents of post-Soviet states. This perspective is usually absent from Western analyses of the ongoing conflict between Russia and the West, as well as from their view of many other political developments in the globalized world, where an ages-old but little-noticed struggle to define collective identity by blood or territory, continues. ¹⁹(TABACHNIK, 2019, pp.3-4)

¹⁸ A Rússia é um dos países cujo espaço cultural é maior que seu território nacional. Muitos atores importantes nas relações internacionais (além da Rússia, há a China no leste e sudeste da Ásia e o Irã e a Turquia no Oriente Médio) estão intimamente ligados a milhões de pessoas que falam a mesma língua ou línguas muito semelhantes ou estão unidas pela mesma religião, mas moram perto em diferentes estados. Características culturais comuns não significam necessariamente lealdade política, muito menos devoção de diásporas e comunidades religiosas à sua “pátria histórica” ou “estado central”. No entanto, a proximidade linguística, práticas religiosas semelhantes e história comum facilitam os contatos entre as pessoas, contribuem para o estabelecimento de laços econômicos e motivam a migração temporária e constante.

¹⁹ (...) A afinidade com russos étnicos e falantes de russo na Crimeia e no leste da Ucrânia condiciona amplamente a opinião pública russa. A cultura e o idioma russos têm sido usados como base para a expansão da cidadania aos residentes de estados pós-soviéticos. Essa perspectiva geralmente está ausente das análises ocidentais do conflito em curso entre a Rússia e o Ocidente, bem como de sua visão de muitos outros desenvolvimentos políticos no mundo globalizado, onde uma luta secular, mas pouco notada, para definir a identidade coletiva por sangue ou território, continua.

Quem são esses cidadãos que possuem importância para o governo e que estão ausentes das análises ocidentais sobre a Rússia? Quem são os compatriotas? O termo compatriota russo é utilizado por Moscou em documentos como nos Conceitos de Política Externa, porém, muitos Estados do espaço pós-soviético resistem a utilizar esse conceito, assim como muitas pessoas a quem Moscou o aplica (GRIGAS, 2016).

A palavra compatriota é o equivalente à palavra russa *sootchestvennik* que passou a denotar a diáspora russa que vive fora das fronteiras do Estado russo. Esse conceito abrange conotações culturais, étnicas, linguísticas, políticas e até mesmo espirituais. Pode ser utilizada para se referir aos russos étnicos que residem nos antigos territórios da União Soviética, porém, com o passar dos anos, o termo também passou a abranger os falantes de russo, pessoas que tem laços culturais, religiosos e históricos com a Rússia (IDEM).

Geralmente a questão da língua é usada como o principal marcador de identidade pelo governo russo e serve para diferenciar aqueles que são russos daqueles que não são (TEPER, 2016). Porém, diante das atualizações das definições de compatriotas ao longo dos últimos 30 anos essa marcação não foi a única utilizada para definir quem são os compatriotas russos ou quem faz parte da diáspora russa. Vale destacar outros marcadores, como a religião e a ligação cultural com a Rússia que o governo utilizou para definir quem são os compatriotas russos e parte da diáspora russa.

A questão dos compatriotas se torna latente na Era Putin, mas durante os anos de governo de Boris Yeltsin essa diáspora não foi esquecida. Em 1994, o governo Boris Yeltsin declarou a necessidade de formular uma política para os compatriotas russos no exterior e essa necessidade ajudou a conceituar o discurso russo sobre os compatriotas: a mãe Rússia deveria ajudar sua diáspora, mas essa ajuda não significava trazer essa população para a Federação Russa. Na verdade, as medidas adotadas naquele momento eram destinadas, principalmente, a ajudar os russos a se estabelecerem nos países em que estavam (GRIGAS, 2016).

Documentos para ajudar os compatriotas no exterior foram criados durante a Era Yeltsin como o "Diretrizes sobre política estadual sobre compatriotas que moram no exterior" e "Lista de medidas primárias para apoiar compatriotas no exterior", além do estabelecimento de uma Comissão Governamental para Assuntos de compatriotas no exterior, composta por funcionários do governo, gabinete presidencial e organização social e representantes de outros grupos. Nesse momento, os compatriotas eram imigrantes russos e da União Soviética e a população de língua russa que viviam nas antigas repúblicas (IDEM).

No ano de 1999, durante o último ano da presidência de Boris Yeltsin, o governo russo lançou uma “Lei Federal sobre a Política Estadual da Federação Russa sobre os compatriotas no exterior”. Nesta lei os compatriotas são descritos como aqueles que nasceram em um Estado (que pode ser o russo ou o soviético) e que compartilham a língua, a história, o patrimônio, as tradições e os costumes comuns, bem como seus descendentes diretos “residentes fora do território da Federação Russa e relacionados a povos que vivem historicamente no território da Federação Russa”. Entretanto, na prática, Moscou fazia uma distinção geográfica das regiões em que buscava proteger seus compatriotas (GRIGAS, 2016). Os países do espaço pós-soviético são os mais importantes, principalmente aqueles em que Moscou possui interesses geopolíticos e econômicos.

Apesar das leis criadas e dos documentos desenvolvidos pelo governo Boris Yeltsin, é durante a chamada Era Putin que os compatriotas se tornam um elemento importante para atuação de Moscou no espaço pós-soviético e em termos de política externa. Já no ano de 2000, o governo lança um novo Conceito de Política Externa da federação Russa em que os compatriotas são explicitamente mencionados (IDEM). No Conceito de Política Externa de 2000, na parte que trata de direitos humanos e relações internacionais, Moscou explicita que a Rússia

[...] to protect the rights and interests of Russian citizens and compatriots abroad on the basis of international law and operative bilateral agreements. The Russian Federation will seek to obtain adequate guarantees for the rights and freedoms of compatriots in states where they permanently reside and to maintain and develop comprehensive ties with them and their organizations.
²⁰(FEDERAÇÃO RUSSA, 2000, s/p)

Esse documento é importante, como dito anteriormente, pois é a primeira vez que os compatriotas são explicitamente mencionados em um documento que traz diretrizes de política externa. Contudo, uma definição mais clara e mais bem trabalhada sobre quem são os compatriotas só é apresentada no ano de 2001 com o Conceito de Apoio aos compatriotas no exterior pela Federação Russa no período atual. Nesse conceito, pela primeira vez na definição dos compatriotas, a União Soviética não foi evocada e agora os compatriotas não precisavam ser ex-cidadãos do Estado russo ou soviético. Nessa revisão, os compatriotas precisam ter

²⁰ [...] para proteger os direitos e interesses dos cidadãos e compatriotas russos no exterior com base no direito internacional e acordos bilaterais operacionais. A Federação Russa procurará obter garantias adequadas para os direitos e liberdades dos compatriotas nos estados onde residem permanentemente e manter e desenvolver laços abrangentes com eles e suas organizações.

apenas alguma conexão com os russos e essa relação pode ser pautada em laços históricos, étnicos, culturais, linguísticos e até mesmo espirituais (GRIGAS, 2016). A definição de compatriotas apresentada nesse momento ainda é vaga e ampla, porém, o conceito agora não se restringe apenas ao espaço pós-soviético. Este é abrangente e capaz de abarcar indivíduos que se relacionem de alguma forma com a federação russa.

O governo russo durante a Era Putin também desenvolveu projetos, leis e até mesmo lançou instituições voltadas para o ensino da língua russa em outros países e para aproximar ainda mais a diáspora, e os compatriotas russos, da população russa que reside dentro da federação Russa e do próprio governo. Um dos exemplos de instituição criada pelo governo russo é a Fundação Russkiy Mir. A fundação foi criada em 2007, através de um decreto assinado pelo então presidente russo Vladimir Putin. A mesma

[...] promotes Russian culture in the world (by providing funds for the development of the Russian language and culture abroad) and hopes to reinforce the Russian diaspora's identification with Russia (by supporting Russian associations and the Orthodox Church abroad and by inviting Russian diásporas to invest in Russia). The Russian World became a more prominent part of Russia's official narrative in the second half of the 2000s. ²¹(LAURELLE, 2015, pp. 93-94)

No sítio da Russkiy Mir, na versão em inglês, temos mais explicações para a criação da mesma já no início da página

The phenomenon of the Russian world has come to the center of attention in both academic circles and the public arena. The stability achieved only recently in Russia itself has allowed for a refocusing of attention on the importance and value of the Russian world, and not only to those who consider themselves participants of this world but also to modern civilization at large. It has become clear that serious steps need to be taking to both preserve and promote Russian language and culture in today's world. ²²(RUSSKIY MIR, 2022, s/p)

²¹ [...] promove a cultura russa no mundo (fornecendo fundos para o desenvolvimento da língua e cultura russas no exterior) e espera reforçar a identificação da diáspora russa com a Rússia (apoiando associações russas e a Igreja Ortodoxa no exterior e convidando diásporas russas investir na Rússia). O mundo russo tornou-se uma parte mais proeminente da narrativa oficial da Rússia na segunda metade dos anos 2000.

²² O fenômeno do mundo russo chegou ao centro das atenções tanto nos círculos acadêmicos quanto na arena pública. A estabilidade alcançada apenas recentemente na própria Rússia permitiu uma reorientação da atenção para a importância e o valor do mundo russo, e não apenas para aqueles que se consideram participantes deste mundo, mas também para a civilização moderna em geral. Tornou-se claro que medidas sérias precisam ser tomadas para preservar e promover a língua e a cultura russas no mundo de hoje.

A criação da Russkiy Mir demonstra que o governo russo não está apenas preocupado com a questão da língua russa, mas também aponta que a manutenção e o ensino da língua russa no espaço pós-soviético, principalmente, são importantes para manter a diáspora russa próxima a “pátria mãe”. Com o ensino da língua, preservação da cultura e investimento cultural, o governo consegue se aproximar de grupos que não necessariamente se encontram dentro das fronteiras russas. É o braço cultural, por assim dizer, da política de compatriotas.

Em 2008, o governo russo - já sob o comando do presidente Dmitri Medvedev - lançou a “Agência federal para a Comunidade dos Estados Independentes, compatriotas que moram no exterior e cooperação humanitária internacional” (na tradução literal) que é conhecida como Rossotrudnichestvo (GRIGAS, 2016). No sítio da Rossotrudnichestvo se destaca que a missão da agência é fortalecer a influência humanitária da Rússia no mundo e que a prioridade é a CEI, ou seja, o espaço pós-soviético. (ROSSOTRUDNICHESTVO, 2022). Porém o mais interessante é que

Rossotrudnichestvo pays a special attention to working with younger generation. Each year we invite to Russian 2000 participants of educational programs and young specialists, who have already managed to present themselves. For these purposes we have created the programs «Hello!Russia» and «New Generation» [...] The agency keeps in contact with compatriots abroad and facilitates to their voluntary resettlement to Russia. ²³(ROSSOTRUDNICHESTVO, 2022, s/p)

A Rossotrudnichestvo é um dos instrumentos mais ambiciosos do governo russo para promover os interesses do país no exterior, pois desde a sua criação, no ano de 2008 até 2016, a agência havia aberto 93 filiais em 80 países. Isso demonstra como o governo russo investe na agência e no papel que ela representa em relação à diáspora russa e em influenciar pessoas que possam ter alguma ligação com o Estado russo. Interessante que a agência foi fundada pouco tempo após a guerra contra a Geórgia, onde os falantes de russo e os cidadãos russos na Ossétia e na Abkhazia, que já eram beneficiados pelos passaportes russos, receberam também a proteção dos russos (GRIGAS, 2016).

Ainda em relação aos compatriotas, o ano de 2010 foi importante pois foi realizada uma nova tentativa de definir os compatriotas russos em relação a uma ementa criada em 1999. A

²³ Rossotrudnichestvo presta uma atenção especial ao trabalho com a geração mais jovem. A cada ano, convidamos para a Rússia 2.000 participantes de programas educacionais e jovens especialistas, que já conseguiram se apresentar. Para isso criamos os programas «Hello!Rússia» e «New Generation». [...] A agência mantém contato com compatriotas no exterior e facilita seu reassentamento voluntário na Rússia.

nova definição inclui os indivíduos que vivem fora da Federação Russa e aqueles que vivem fora da Rússia, mas fizeram uma escolha em favor de manter laços espirituais, culturais e legais com a Rússia (IDEM). Dessa forma, a partir dessa definição, não só russos étnicos e falantes de russo podem ser denominados de compatriotas.

Em 2013 o governo russo lançou um novo Conceito de Política Externa da federação Russa, no qual, novamente os compatriotas e cidadãos russos foram citados junto com a necessidade do Estado russo de protegê-los (FEDERAÇÃO RUSSA, 2013; GRIGAS, 2016).

[...] 4. In accordance with the top priority objective of the national security policy, which is ensuring the protection of an individual, society and the state, the foreign policy should be focused primarily on pursuing the following basic goals: [...] g) ensuring comprehensive protection of rights and legitimate interests of Russian citizens and compatriots residing abroad, and promoting, in various international formats, Russia's approach to human rights issues; h) promoting the Russian language and strengthening its positions in the world, disseminating information on the achievements of the peoples of Russia and consolidating the Russian diaspora abroad; i) facilitating the development of a constructive dialogue and partnership relations between civilizations in the interests of enhancing accord among various cultures and confessions and ensuring their mutual enrichment.²⁴(FEDERAÇÃO RUSSA, 2013, pp.1-2)

Tabachnik (2019) ressalta que o uso da cidadania como uma ferramenta da política externa russa junto com seu posicionamento assertivo justificou a condução da Guerra contra Geórgia e a criação de conflitos congelados no espaço pós-soviético. Porém, essa questão da cidadania e da política dos compatriotas aproxima a população russa dentro do território da federação russa a outros russos ou pessoas ligadas ao Estado russo fomentando e incentivando os laços que já podiam existir entre esses indivíduos. Em relação ao governo, esses instrumentos e definições permitem justificar perante a sua população a ação no espaço que considera sua esfera de influência em nome da proteção dos russos e dos compatriotas russos.

Ao falar que os russos na Crimeia estavam em perigo devido aos acontecimentos na Ucrânia e à composição do novo governo ucraniano, o governo russo também afirma que os compatriotas russos na Crimeia estão em perigo. Se o conceito de compatriotas é abrangente e não necessariamente exige comprovação, então, os falantes de russo na Crimeia também fazem

²⁴ [...] 4. De acordo com o objetivo prioritário da política de segurança nacional, que é assegurar a proteção do indivíduo, da sociedade e do Estado, a política externa deve centrar-se prioritariamente na prossecução dos seguintes objetivos básicos: [...] g) assegurar a proteção integral dos direitos e interesses legítimos dos cidadãos e compatriotas russos residentes no exterior e promover, em vários formatos internacionais, a abordagem da Rússia às questões de direitos humanos; h) promover a língua russa e fortalecer suas posições no mundo, divulgar informações sobre as conquistas dos povos da Rússia e consolidar a diáspora russa no exterior; i) facilitar o desenvolvimento de um diálogo construtivo e de relações de parceria entre as civilizações, no interesse de reforçar o acordo entre as várias culturas e confissões e assegurar o seu enriquecimento mútuo.

parte dos grupos dos compatriotas russos que precisam ser protegidos independente do meio a ser utilizado. Dessa forma, é possível argumentar que a identidade política dos compatriotas russos na Crimeia estava ameaçada em 2014. De acordo com a retórica russa de que a Rússia precisa garantir a segurança e proteção dos compatriotas russos e dos russos fora do seu território, a Federação Russa precisava proteger essa população mesmo que isso significasse agir por um meio não convencional na política internacional nem autorizado pelo direito internacional, isto é, anexando um território que é parte de outro Estado-nação.

2.5 Considerações finais sobre o capítulo

A Rússia e a Ucrânia possuem uma origem comum que contribui para discussões que envolvem não apenas a história dos dois países, suas identidades, mas também os rumos que ambos seguiram após o fim da União Soviética. Como destacado na primeira seção do capítulo, analisar e explorar alguns pontos da história comum dos russos e ucranianos - e de certa forma dos habitantes da Crimeia - é importante para entender por que Moscou utiliza as referências históricas e culturais na sua retórica, e porque faz menção a elas durante o processo de anexação da península. Ademais, abordar a história é importante para saber sobre o processo de russificação e entender de onde vem a quantidade de falantes de russos que habitam o que a Rússia chama de sua área de influência e que Moscou denominou como parte dos seus compatriotas.

Além disso, analisar a política externa que a Federação Russa adotou no pós-Guerra Fria ajuda a compreender melhor não apenas a atuação russa em relação ao seu exterior próximo, aos países vizinhos, mas também sobre como o governo russo enxerga e reage ao avanço da OTAN e da União Europeia. Esse avanço é visto por Moscou como uma ameaça não só aos seus interesses econômicos, por exemplo, no espaço pós-soviético, mas também como uma ameaça à sobrevivência do Estado russo. Afinal, a OTAN foi uma organização criada para combater a União Soviética e mesmo após o fim do comunismo ela continua existindo, e continua se expandindo em direção às fronteiras russas. Para o governo russo, tal ato significa que a Rússia é uma ameaça para a instituição e para o próprio Ocidente e que esses buscam promover seus interesses até mesmo em áreas que estariam sob o jugo dos russos.

Nessa disputa de narrativas, Moscou, então, interpreta e argumenta que o Ocidente é uma ameaça aos russos e ao próprio mundo multipolar, que a Rússia afirma defender. Estados

Unidos, OTAN e União Europeia representam, assim, um perigo para a sobrevivência da própria civilização russa e, de certa forma, para os compatriotas russos que vivem no espaço pós-soviético. Dessa forma, nesse jogo discursivo, o governo russo consegue justificar seus posicionamentos e suas ações perante a população russa e também em relação aos compatriotas.

Os compatriotas, como visto na seção anterior, não são apenas os falantes de língua russa que vivem nos países que um dia fizeram parte da União Soviética. O conceito foi trabalhado ao longo dos anos, principalmente durante o governo Putin, e hoje abarca um grupo cada vez mais amplo de pessoas que possuem alguma ligação com a nação russa. Os documentos criados ao longo dos últimos anos – como Conceito de Apoio aos compatriotas no exterior pela Federação Russa - junto com as agências e fundações - que foram construídas para aprimorar e incentivar os laços com a diáspora e os compatriotas - são pontos importantes e relevantes das políticas que Moscou desenvolve principalmente em relação ao espaço pós-soviético. Nesse sentido, afirmamos que a diáspora e os compatriotas se tornaram uma parte importante da política de Moscou e que não pode ser negligenciada das análises que envolvem os interesses russos naquilo que eles denominam como sua área de influência.

Todos os assuntos abordados nesse capítulo são importantes para compreender por que a identidade política dos compatriotas foi construída enquanto ameaçada devido aos acontecimentos na Ucrânia e como esta construção discursiva autoriza e abre espaço para a anexação da Crimeia. No próximo capítulo, através da análise de conteúdo dos discursos de atores da elite política russa, será abordada especificamente a questão da Crimeia, os acontecimentos que levaram Moscou a adotar o discurso de que a população russa na península precisava ser protegida ao ponto de a anexação do território ser justificada.

3 A ANEXAÇÃO DA CRIMEIA E A CONSTRUÇÃO DA AMEAÇA NO DISCURSO DO GOVERNO RUSSO

A península da Crimeia virou um assunto recorrente na mídia ao longo dos meses de março e abril 2014, durante e após a anexação da região pela Federação Russa. Por mais que tal acontecimento possa ser lido como um movimento surpresa dos russos, o pesquisador Taras Kuzio já alertava, em um texto de 2010, para a possibilidade de a Crimeia ser o próximo ponto de inflexão na Europa.

Kuzio argumenta que a Crimeia e o Porto de Sebastopol são localidades que podem impactar negativamente a segurança nacional europeia após a guerra russo-georgiana de 2008 por duas razões: primeiro porque a Rússia nunca aceitou a independência da Ucrânia, e, segundo, porque os russos não aceitam a soberania ucraniana sob a Crimeia e do Porto de Sebastopol. Caso a Crimeia realmente se tornasse um ponto de conflito, outros territórios além da Rússia e da Ucrânia seriam afetados, como a Turquia e a própria Europa (KUZIO, 2010, p. 4).

Esse argumento apresentado por Taras se confirma no início de 2014 quando a Rússia anexa a Crimeia e a península se torna um ponto de inflexão para a Europa e, pode-se dizer, para o Ocidente. A anexação da Crimeia é um ponto de conflito pois tal ato fere a integridade territorial da Ucrânia, que era garantida por acordos e tratados, e contraria as leis do direito internacional (MEREZHKO, 2015). Além disso, vale destacar que a ação é justificada pelos russos se baseando também na história recente da emancipação do Kosovo.

Em vista de tudo que foi exposto até então e do objetivo desta dissertação, o intuito deste capítulo é apresentar e analisar o processo de securitização da Crimeia através da análise de conteúdo dos discursos da elite política russa. Também busca-se verificar se o movimento de securitização feito pelo governo foi aceito ou não pela audiência, que é composta tanto por russos dentro da Rússia quanto pelos moradores da península da Crimeia. Para atingir tal objetivo, em um primeiro momento, será apresentado o que aconteceu na Ucrânia entre o final de 2013 e a anexação da Crimeia em 2014. A segunda parte, explora o argumento da ligação histórica e cultural entre os russos e a Crimeia destacando a importância histórica e militar da região para a Rússia. Após esse passo, são analisados os discursos do representante russo no Conselho de Segurança das Nações Unidas, proferidos entre o início do mês de março de 2014

e abril do mesmo ano. Na quarta parte, o foco da análise são os discursos proferidos pelo presidente russo Vladimir Putin. As falas analisadas de Putin foram proferidas em uma reunião com jornalistas no início do mês de março de 2014 e a outra é o discurso de anexação da Crimeia feito em 18 de março de 2014. Por último, discutiremos se a audiência aceitou o movimento de securitização através da análise de dados obtidos pelo Levada Center, Pew Research e AP-NORC, e nos basearemos em cartazes e imagens relacionadas à anexação da península.

3.1 A crise ucraniana e a anexação da península

Quando se investiga as causas que culminaram no início da crise ucraniana de 2013, normalmente é citada a rejeição por parte do governo ucraniano, liderado por Viktor Yanukovich - que era considerado um governante mais próximo à Rússia -, a um acordo comercial que estava sendo negociado com a União Europeia desde a gestão anterior (MEARSHEIMER, 2014). Resumidamente,

Sparked by Ukrainian president Viktor Yanukovich's decision in November 2013 to reject an association agreement with the European Union in favor of closer economic ties with Russia, the Euromaidan protests in Kyiv came to a head in late February 2014 following deadly clashes with government forces. Mounting pressure from the protests ultimately compelled Yanukovich to flee for Russia and swept into power a new governing coalition sympathetic to the demands of the Euromaidan.²⁵ (CHARRON, 2016, p. 227)

O professor Dmitri Trenin (2014) argumenta que a crise ucraniana foi precedida por uma competição entre a UE e a Rússia pela futura orientação geoeconômica da Ucrânia. No final do verão de 2013, poucos meses antes da recusa ucraniana ao acordo com a União Europeia, o governo russo impôs novas regras e regulamentos sobre as importações do vizinho em uma tentativa de intimidação geoeconômica (TOAL, 2016, p. 211-212). Além da disputa pela orientação do país, Trenin (2014) assevera que as raízes da crise podem ser encontradas na

²⁵ Estimulados pela decisão do presidente ucraniano Viktor Yanukovich em novembro de 2013 de rejeitar um acordo de associação com a União Europeia em favor de laços econômicos mais estreitos com a Rússia, os protestos do Euromaidan em Kiev chegaram ao auge no final de fevereiro de 2014 após confrontos mortais com as forças do governo. A pressão crescente dos protestos acabou obrigando Yanukovich a fugir para a Rússia e levou ao poder uma nova coalizão de governo simpática às demandas do Euromaidan.

guerra russo-georgiana de 2008, que colocou fim à ideia de expansão da OTAN para a Geórgia e Ucrânia, e a na crise financeira global que fornece maior credibilidade aos arranjos econômicos regionais.

Após a guerra russo-georgiana, o governo russo tentou atrair a Ucrânia, e outros países do espaço pós-soviético, para o seu projeto de união aduaneira que em 2014 levou à criação da União Econômica Eurasiática²⁶ (UEE) (TRENIN, 2014). É interessante destacar a criação de tal união, pois, diferente da ideia de que Putin visa reconstruir a União Soviética, UEE aponta que, na verdade, o presidente russo busca construir uma comunidade liderada pelos russos na região da Eurásia.

Nota-se que tanto russos quanto europeus possuem interesses geopolíticos na Ucrânia que foi governada entre 2010 e 2014 por Viktor Yanukovich. Yanukovich é considerado por autores como Trenin (2014), Costa (2016) e Toal (2016) como um governante aliado e próximo a Moscou no sentido de ter boas relações com o Kremlin. Apesar dessa boa relação com o Kremlin, para Dmitri Trenin (2014) e Gerard Toal (2016), Yanukovich era um governante que buscava extrair o melhor negócio possível de um jogo competitivo e, portanto, possuía uma geopolítica multivetorial. Isto é, multivetorial no sentido de que o governo buscava acordos tanto com a Rússia quanto com a Europa, por exemplo. Contudo, internamente, enfrentava forte oposição e externamente lidava com hostilidades por parte dos governos ocidentais (COSTA, 2014). Esse ponto da insatisfação interna e de dificuldades externas são importantes para compreender a crise que se instalou no país.

O governo ucraniano buscava, antes da crise, obter ganhos da sua aproximação com o bloco europeu, porém nenhum retorno financeiro foi alcançado para ajudar a aliviar o golpe que a indústria ucraniana enfrentaria no caso de uma associação econômica com a União Europeia²⁷. Ao mesmo tempo em que não obtinha esse retorno financeiro, Yanukovich passou a sofrer pressão do governo russo em formas de barreiras comerciais que apresentavam ao povo russo o que aconteceria com o país caso escolhesse a UE. Moscou também ofereceu, no meio tempo, um pacote de ajuda para o governo que o país usufruiria se não aceitasse o acordo com os europeus (TRENIN, 2014).

O presidente ucraniano, como já citado, se recusou a assinar um acordo com a UE, que era um pacote de ajuda financeira estimado em US\$ 15 bilhões, para seguir adiante com um

²⁶ A União Econômica Euroasiática é formada pela Rússia, Belarus, Cazaquistão, Armênia e Quirguistão.

²⁷ Constantine Pleshakov (2016) destaca que o acordo entre Ucrânia e União Europeia foi concebido em 2012, votado dentro do parlamento ucraniano e que o partido de Yanukovich votou a favor de tal acordo.

acordo semelhante com os russos. Essa posição do Yanukovych gerou oposição dentro do próprio parlamento ucraniano e, fora do parlamento, levou a protestos nas ruas de Kiev contra a decisão tomada (COSTA, 2014).

A maior parte dos manifestantes que tomaram as ruas e praças da capital ucraniana eram, segundo Trenin (2014), cidadãos comuns que sofriam com os problemas econômicos do país e que estavam descontentes com a corrupção. Esses indivíduos enxergavam no acordo com a UE uma saída para a situação em que se encontravam e a recusa do governo gerou um choque na população. Tanto que, inicialmente, os protestantes de Madiã não pediam a derrubada de Yanukovych do poder, mas sim mudanças políticas no país (TOAL, 2016). Contudo, grupos nacionalistas passaram a se unir aos protestos

[...] hailing mainly from western Ukraine, who always insisted on a Ukrainian national identity that was clearly separate from, and even inimical to Russia. To them, Yanukovych, an easterner, was hijacking the country to merge with Russia, which many in the country's west viewed with deep suspicion and outright hostility. Finally, the Maidan protests were supported, funded, and exploited by Ukraine's oligarchic clans, which were unhappy with Yanukovych and his Donetsk allies wielding too much power and aggressively expanding their business interests at other oligarchs' expense. To them, the Maidan was a means to force early presidential elections and unseat Yanukovych. ²⁸(TRENIN, 2014, p. 5)

No início de 2014 a situação na Ucrânia se deteriorou e houve um escalonamento da violência. Os protestos em Maidan aumentaram e o governo de Yanukovych começou negociações com os líderes da oposição para tentar reverter a tensão. Um acordo para reverter a situação ucraniana foi assinado entre o governo e os líderes da oposição, com mediação de países como França e Alemanha. Entretanto, o acordo foi rejeitado por aqueles que protestavam em Maidan que exigiam a renúncia de Yanukovych (TRENIN, 2014). Justamente nesse contexto, o presidente ucraniano foge do país.

A fuga do presidente Yanukovych gera um vácuo de poder no país. Nesse ínterim, sua contraparte russa classifica a situação como um golpe de estado orquestrado por forças ocidentais, e principalmente pelos Estados Unidos, e autoriza uma ação russa na Crimeia promovendo, assim, apoio aos russos e a grupos anti-Ucrânia no sudeste do país (TOAL, 2016).

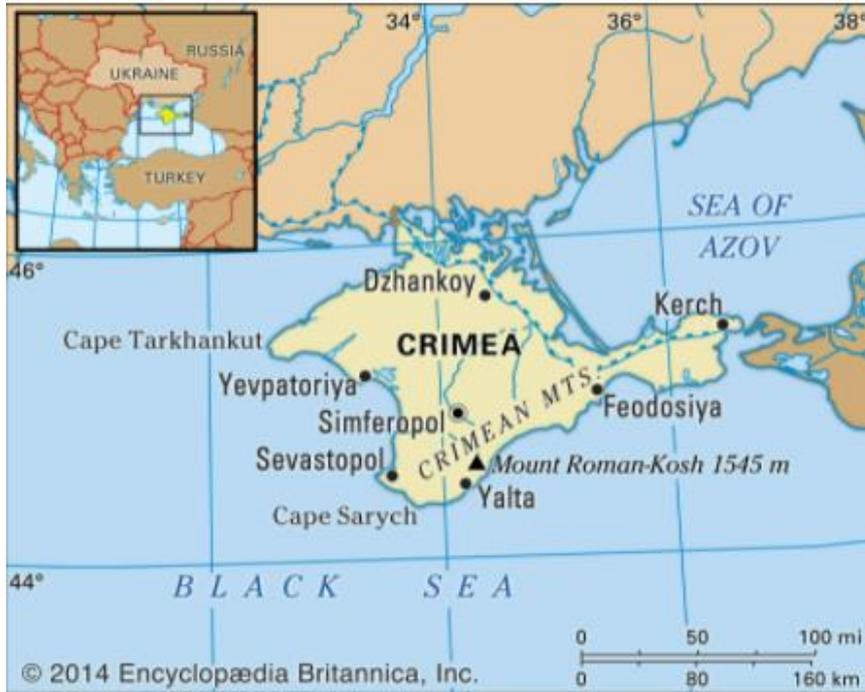
²⁸ [...] principalmente da Ucrânia ocidental, que sempre insistiu em uma identidade nacional ucraniana que era claramente separada da Rússia e até mesmo hostil. Para eles, Yanukovych, um oriental, estava seqüestrando o país para se fundir com a Rússia, que muitos no oeste do país viam com profunda suspeita e franca hostilidade. Finalmente, os protestos de Maidan foram apoiados, financiados e explorados pelos clãs oligárquicos da Ucrânia, que estavam descontentes com Yanukovych e seus aliados de Donetsk exercendo muito poder e expandindo agressivamente seus interesses comerciais às custas de outros oligarcas. Para eles, o Maidan era um meio de forçar eleições presidenciais antecipadas e derrubar Yanukovych.

É perceptível que a situação dentro da Ucrânia era um barril de pólvora que poderia explodir a partir da menor faísca. A faísca nesse caso foi a renúncia de Yanukovich de assinar um acordo com a União Europeia que poderia não ser tão benéfico para Kiev. Viktor Yanukovich era um presidente que possuía boas relações com Moscou e que foi democraticamente eleito em 2010, mas que enfrentava problemas internos que escolanaram com sua decisão de não aceitar o acordo com a UE. O argumento do governo russo de que a derrubada de Yanukovich deu lugar a um governo ilegal em Kiev se justifica quando se argumenta que ele foi um presidente democraticamente eleito pela população e retirado do poder a partir de um golpe. E esse argumento será utilizado na construção discursiva dos motivos da insegurança dos russos na Crimeia.

3.2 A importância da Crimeia e sua ligação histórica-militar com a Rússia

A anexação da península da Crimeia foi, segundo Toal (2016), a decisão mais arriscada da carreira do presidente Putin. A ideia teria se concretizado após uma reunião que durou a noite toda para resgatar Viktor Yanukovich e pode ser compreendida como uma reação à escalada da violência e dos acontecimentos dentro do território ucraniano que poderiam não apenas cercear a influência de Moscou sobre o território ucraniano, mas o acesso russo à Base do Mar Negro e sua saída para mares quentes (TOAL, 2016).

Figura 5 - Mapa da Península da Crimeia



FONTE: Encyclopædia Britannica 2014. Disponível em:
<https://www.britannica.com/place/Crimea#/media/1/143010/187391>

Baseando-se no mapa acima, é possível compreender a importância da Crimeia dada a sua localização geográfica, que se une ao território russo por um istmo e que tem fronteiras com a Ucrânia. Além disso, a península está localizada no Mar Negro que é considerado um mar quente diferente de outros mares que os russos possuem acesso.

A Crimeia é conhecida por sua localização geográfica, entre o mar de Azov e o Mar Negro, entre a Ucrânia e a Rússia. Também é conhecida por multietnicidade, história agitada e potencial conflito não só pela posição, mas por sua composição (SOSNOVSKY, 2014). Todos esses fatores contribuem para a formação da identidade dos moradores da península e para a sua conturbada história.

Antes da criação da União Soviética e dos eventos que levaram a tal acontecimento, a Crimeia possuía ligações com o império russo. O porto de Sebastopol, por exemplo, foi fundado em 1783 por Grigory Potemkin quando a península foi anexada pelo império governado por Catarina, a Grande. Nesse mesmo período, o império criou a Frota do Mar Negro (Black Sea Fleet em inglês, BSF) (KARAGIANNIS, 2014, SOSNOVSKY, 2014).

Durante o século XIX, a região foi um foco de disputas militares entre o império russo e os exércitos do Reino Unido e da França durante a Guerra da Crimeia²⁹ (1853-1856) (KARAGIANNIS, 2014). A defesa de Sebastopol durante essa guerra é inclusive uma parte importante da história militar russa devido às batalhas e as vitórias que ali ocorreram (SOSNOVSKY, 2014). Além disso, há questões de importância histórico-religiosa da região no imaginário russo e da população: Sebastopol também é a cidade onde, segundo a igreja ortodoxa russa, o príncipe Vladimir - governante de Kiev Rus -, no ano de 988, se converteu ao cristianismo e a partir de então fez da ortodoxia a religião do Estado e converteu o resto do império (PLESHAKOV, 2016, p 107). Essa glória militar e a questão religiosa são citados por Vladimir Putin durante o discurso de anexação da Crimeia como forma de ressaltar que a história e a cultura russa estão atreladas à região da Crimeia.

Apesar dos acontecimentos do século XIX e da guerra da Crimeia, a península permaneceu como parte do império russo até 1917 quando ocorreu a Revolução Russa. Após o estabelecimento da União Soviética e do fim das disputas entre o exército branco e o exército vermelho dentro das fronteiras do antigo império russo, a península se une à República Socialista Soviética da Rússia (RSSR ou *Soviet Socialist Republic* (SSR) of Russia em inglês) (KARAGIANNIS, 2014, p. 407). No ano de 1945, após o fim da Segunda Guerra Mundial, a República Socialista Soviética Autônoma da Crimeia é abolida e renomeada de Região da Crimeia (SOSNOVSKY, p. 3).

In 1954, the year of the three hundredth anniversary of the “re-unification” of Russia and Ukraine, the then leader of the Soviet Union, Nikita Khrushchev, transferred Crimea from the Russian to the Ukrainian SSR. To Russophiles in Crimea and Russians in general, the transfer was infuriating, yet the insult was not monumental. Khrushchev was not strengthening Ukraine at Russia’s expense, he was simply gerrymandering. With the Kremlin power struggle following Stalin’s death far from over, he hoped to solidify his power base among the influential Ukrainian apparatchiks who commanded at least 30 percent of the Party Central Committee vote. [...] for Russians and Russophiles in Crimea, being transferred to a different republic was not persecution, but it was a degrading objectification. That is how it went down in Russians’ memory. ³⁰(PLESHAKOV, 2016, p. 91)

²⁹ A Guerra da Crimeia foi um conflito importante da história europeia do século XIX. Foi a primeira vez que o império russo encontrou a Europa unida para conter sua expansão. Além disso, foi a primeira guerra com cobertura diária da imprensa (PLESHAKOV, 2016).

³⁰ Em 1954, ano do tricentenário da “reunificação” da Rússia e da Ucrânia, o então líder da União Soviética, Nikita Khrushchev, transferiu a Crimeia da Rússia para a RSS da Ucrânia. Para os russófilos da Crimeia e os russos em geral, a transferência foi irritante, mas o insulto não foi monumental. Khrushchev não estava fortalecendo a Ucrânia às custas da Rússia, ele estava simplesmente manipulando. Com a luta pelo poder no Kremlin após a morte de Stalin longe de terminar, ele esperava solidificar sua base de poder entre os influentes apparatchiks ucranianos que comandavam pelo menos 30% dos votos do Comitê Central do Partido. Para russos e russófilos na Crimeia, ser transferido para uma república diferente não era perseguição, mas era uma objetificação degradante. Foi assim que ficou na memória dos russos.

Antes do colapso da URSS, a Crimeia realizou um referendo, o primeiro já realizado dentro da União Soviética, que tinha como objetivo restabelecer o seu status de autonomia dentro da República Socialista Soviética da Ucrânia (RSSU, sigla em português). A primeira constituição do território da Crimeia seria adotada um ano depois, e pouco tempo após o fim do comunismo no Leste Europeu, em 1992 a qual ressalta que a Crimeia é um lugar democrático, laico e que se encontra dentro da Ucrânia (SOSNOVSKY, 2014).

A questão da transferência da Crimeia para a Ucrânia no âmbito da União Soviética e o contexto pós-fim da Guerra Fria são importantes para compreender os interesses e as reivindicações dos russos na região. Isso fica claro no discurso proferido pelo presidente Putin que ressalta as ligações históricas, culturais e a segurança russa (2014a). No que tange a transferência da Crimeia para República socialista ucraniana, os defensores das ligações históricas e do passado comum argumentam que anexar o território da península é reparar um erro histórico, para reverter uma decisão que não teria validade atualmente que submeteu a Crimeia à Ucrânia.

Em relação à Frota do Mar Negro, o problema está relacionado ao fato de que enquanto a União Soviética existia, isso não era um problema grave. Contudo, com o colapso do Estado soviético, a base se tornou um ponto de dúvida e receios já que estava sob jurisdição dos ucranianos e não dos russos, e a utilização da base demandaria o estabelecimento de acordos entre os dois países. Além disso, uma possível entrada da Ucrânia na OTAN abriria caminho para colocação de bases da organização no Mar Negro e na cidade de Sebastopol, bem próximo ao território russo e isso também não seria aceito ou bem-visto por Moscou. Inclusive, essa situação da BSF é citada diversas vezes nos discursos de Churkin e Vladimir Putin que serão analisados nas próximas seções, o que só reforça a importância da base para os russos.

Após o colapso da URSS e da independência da Ucrânia, torna-se necessário discutir sobre a Frota do Mar Negro e

[...] Russian–Ukrainian negotiations for division of the fleet lasted from 1992 to 1997. Finally, the two sides signed the Partition Treaty. Russia received 81.7 per cent of the fleet’s vessels and the rest went to Ukraine. The deal allowed the Russian navy to stay in Sevastopol until 2017. In 2010, President Yanukovich extended the lease to 2042, a decision not well received by many Ukrainian leaders. ³¹(KARAGIANNIS, 2014, p. 407)

³¹ [...] As negociações russo-ucranianas para a divisão da frota duraram de 1992 a 1997. Finalmente, os dois lados assinaram o Tratado de Partição. A Rússia recebeu 81,7% dos navios da frota e o restante foi para a Ucrânia. O acordo permitiu que a marinha russa ficasse em Sebastopol até 2017. Em 2010, o presidente Yanukovich estendeu o contrato até 2042, uma decisão que não foi bem recebida por muitos líderes ucranianos

Kuzio Taras escreveu em 2010 (p.6) que a BSF era e continuaria a ser um motivo de desestabilização na Crimeia e principalmente para a Ucrânia. Taras defende uma visão de que a BSF ignora a legislação ucraniana, faz transporte de foguetes através de áreas densamente povoadas e sem a permissão do governo ucraniano e participa de protestos anti-OTAN e anti-Estados Unidos, para citar alguns dos exemplos que o autor traz. Por ser um autor de origem ucraniana, talvez suas ideias reforcem uma visão de mundo específica, mas é preciso ressaltar que a Frota do Mar Negro é um ponto de inflexão e de disputa tanto do lado russo quanto ucraniano.

Essa questão da BSF e da própria Crimeia voltaram a ser pauta de discussões com o desenrolar da crise na Ucrânia. Com a deposição do presidente ucraniano em fevereiro de 2014, a oposição ucraniana formou um governo interino no dia 27 de fevereiro de 2014, mas não chegou a convidar os políticos da Crimeia e das províncias de língua russa do Leste da Ucrânia para discutir a situação do país. Além desse movimento, o parlamento tentou, sem sucesso, aprovar um projeto de lei que revogaria o status do russo como língua oficial da administração pública ucraniana (KARAGIANNIS, 2014, p. 408). Essa tentativa de projeto depois será utilizada pelos representantes do governo russo para defender que os russos, compatriotas e falantes de russo estavam tendo seus direitos ameaçados dentro da Ucrânia, já que estavam sofrendo com a tentativa de privação da sua língua.

Junto com a tentativa de passar uma lei que revogaria o status da língua russa dentro da Ucrânia, começa a se intensificar, por parte do governo russo, um temor de que sua contraparte ucraniana revogasse o arrendamento da Base Naval de Sebastopol, onde está a Frota do Mar Negro (TOAL, 2016, p. 214). Por isso, a questão do Mar Negro também aparece nos discursos antes e pós-anexação da Crimeia proferidos pela elite política do governo russo.

Sobre a situação pós-Maidan envolvendo a península da Crimeia, Charron (2016, p. 228) argumenta que nas primeiras horas de 27 de fevereiro de 2014, pouco tempo após o fim dos protestos, homens uniformizados e não identificados começaram a aparecer na capital da Crimeia, na cidade de Simferopol. Esses homens aparentemente eram encarregados de proteger os russos e os compatriotas russos da região. As autoridades russas, no começo, alegaram que esses homens eram apenas unidades locais de defesa e que eles eram voluntários. Tal declaração pode ser confirmada na entrevista concedida por Vladimir Putin no dia 04 de março de 2014, na qual ele ressalta que esses homens eram apenas parte de unidades locais de defesa e que a Rússia não possuía nenhum interesse em anexar a Crimeia.

On 27 February 2014, pro-Russian gunmen seized the Crimean parliament. The next day they took over the Simferopol airport. Checkpoints were established at Armyansk and Chongar, on the border between Crimea and mainland Ukraine. Troops without insignia – the infamous ‘little green men’ – seized television stations and government buildings. Simultaneously, military exercises were conducted in western Russia. On 1 March 2014, Putin asked the Federation Council, the upper house of Russia’s parliament, to grant him the power to send troops to Ukraine for the protection of ethnic Russians. In the meantime, Russian troops had completed the seizure of the peninsula without firing a single shot. Yet Russia’s defence minister Sergey Shoigu claimed that there are ‘absolutely no’ Russian troops in Crimea and dismissed suggestions to the contrary as ‘complete nonsense’.⁴⁰ On 6 March 2014, the Crimean parliament voted to secede from Ukraine and apply to join the Russian Federation.³²(KARAGIANNIS, 2014, p. 408)

No dia 6 de março de 2014, o recém-reformado Conselho Supremo da Crimeia votou pela separação da Ucrânia e declarou a Crimeia como um território soberano (TOAL, 2016). No dia 16 de março, um referendo foi conduzido junto a população da província. Na votação desse referendo, cerca de 96,8% dos votos foram favoráveis à independência em relação à Ucrânia e à adesão à Rússia (COSTA, 2015, p. 19).

Como citado no início desta seção, a península da Crimeia abarca uma grande quantidade de russos étnicos e de falantes de russo assim como a própria Ucrânia como um todo. Devido a este fato, durante a Era Putin e com o desenvolvimento das políticas voltadas para compatriotas, a Rússia enfrentou uma escalada das políticas de compatriotas russos. Por volta dos anos 2000, o governo russo criou organizações de compatriotas e centros culturais e forneceu ajuda jurídica, financeira, informática e logística para esses compatriotas. Tais medidas foram intensificadas após a Revolução Colorida de 2004 e, naquele momento, o interesse de Moscou nas políticas de minorias russas em território ucraniano cresceu. Com o decorrer dos anos, Moscou intensificou também sua política de passaportização³³, de distribuição de passaportes e cidadania russa (GRIGAS, 2016, p. 130). Essas práticas não

³² Em 27 de fevereiro de 2014, homens armados pró-Rússia tomaram o parlamento da Crimeia. No dia seguinte, eles assumiram o aeroporto de Simferopol. Postos de controle foram estabelecidos em Armyansk e Chongar, na fronteira entre a Crimeia e a Ucrânia continental. Tropas sem insígnias – os infames “homenzinhos verdes” – tomaram estações de televisão e prédios governamentais. Simultaneamente, exercícios militares foram realizados no oeste da Rússia. Em 1º de março de 2014, Putin pediu ao Conselho da Federação, a câmara alta do parlamento russo, que lhe concedesse o poder de enviar tropas à Ucrânia para a proteção de russos étnicos. Enquanto isso, as tropas russas completaram a tomada da península sem disparar um único tiro. No entanto, o ministro da Defesa da Rússia, Sergey Shoigu, afirmou que não há ‘absolutamente’ tropas russas na Crimeia e descartou sugestões em contrário como ‘total absurdo’. Federação.

³³ Passaportização seria a tradução em português do termo russo *passaportizatsiya*. A política de distribuição de passaportes russos, de forma simplificada, em massa para aqueles que querem ser cidadãos russos, é denominada de passaportizatsiya ou, em português, passaportização. Através de um processo agilizado, moradores de lugares como Crimeia, Luhansk e Donetsk podem adquirir um passaporte russo e se tornar cidadão russo (GRIGAS, 2016; BURKHARDT, 2020).

aproximam apenas os russos étnicos e os compatriotas da Federação Russa, mas constroem e fortalecem um contexto que favorece a mobilização de justificativas para a proteção dos compatriotas russos na Ucrânia, culminando na própria anexação da Crimeia em 2014. Afinal, a ideia de que a Rússia precisa proteger os cidadãos e compatriotas russos. Afinal, quantos mais compatriotas possuem passaporte russos, mais “fácil” é para o governo russo justificar a proteção dos cidadãos e compatriotas russos.

3.3 A securitização da questão da Crimeia e a análise de conteúdo dos discursos do representante russo no Conselho de Segurança das Nações Unidas

Para analisar o processo de securitização de um tema e sua transformação em uma questão de segurança que exige respostas excepcionais, segundo a teoria da securitização, é necessário investigar os discursos da elite política. É preciso analisar os discursos pois a securitização é um processo subjetivo e é através dos discursos que uma questão é apresentada como uma questão de segurança.

Os discursos a terem seus conteúdos analisados nessa seção e na próxima são discursos proferidos pela elite política russa, que faz parte e representa o governo russo, visto que, segundo a teoria da securitização, são as elites que constroem um assunto como uma ameaça à sobrevivência de um determinado objeto. Notou-se, ao longo da análise, que essa elite política russa mesmo após a anexação da Crimeia continuou sustentando o argumento de que os russos naquela região precisavam de apoio e proteção.

Nesta seção, serão analisados os conteúdos dos discursos do representante russo no Conselho de Segurança das Nações Unidas, o senhor Vitaly Churkin, durante as reuniões sobre a situação da Ucrânia e da Crimeia no ano de 2014. Para esta dissertação, se investigou os discursos proferidos entre a deposição de Yanukovich, no final de fevereiro de 2014, até meados de abril de 2014. Esses discursos foram analisados buscando-se compreender como o governo russo apresentou para a sua população (e para a sociedade internacional) a questão da Crimeia como um problema de segurança, que precisava de tratamento diferenciado após a destituição de Viktor Yanukovich do poder e da ascensão de um novo governo ucraniano ultranacionalista. As falas de Churkin foram retiradas das transcrições das reuniões do Conselho de segurança relacionadas à situação na Ucrânia.

Para manter a coerência analítica e compreender como o tema foi tratado, tanto nas análises dos discursos de Churkin quanto de Vladimir Putin, buscou-se investigar:

- como a elite política se referiu ao Ocidente (Estados Unidos, União Europeia, Canadá ou algum dos três), se o Ocidente era apresentado como incentivador dos acontecimentos que geraram insegurança ou como culpado pelos acontecimentos na Ucrânia e na Crimeia;
- se os compatriotas russos, os falantes de russo e os russos étnicos são mencionados, como eles são mencionados e a quantas vezes eles aparecem em cada reunião/entrevista/pronunciamento oficial;
- se a palavra ameaça é mencionada. E, se ela é mencionada, com o que está relacionada;
- se o tema da russofobia foi mencionado ou não;
- se há referências à Base do Mar Negro ou à Sebastopol.

3.3.1 A análise de conteúdo dos discursos de Vitaly Churkin

O primeiro discurso analisado data da reunião dia 1º de março de 2014 (S/PV.7124) que foi conduzida após a solicitação do representante da Ucrânia na ONU, através de uma carta, no dia 28 de fevereiro do mesmo ano. O motivo da solicitação foi o registro de homens encapuzados na Crimeia e da situação de confronto que desenrolava no Sul da Ucrânia. Segundo o presidente da sessão, na península da Crimeia, locais importantes como aeroportos e prédios públicos ainda eram bloqueados por homens armados não identificados.

Neste mesmo dia, a câmara alta do Parlamento da Federação Russa aprovou o pedido do presidente Putin para que forças russas fossem utilizadas na Ucrânia na tentativa de normalizar a situação pública e política do país.

Why, with all the traumatic changes that have taken place, was the first action of the Ukrainian Parliament and its new membership a decision to change the law on language, which accorded Ukrainian minority communities — not only Russians but others as well — the right to use their own languages? Why was that decision taken the very first day? This was not the result of a political coalition or process. One opposition leader sought to assert himself, claimed victory and tried to impose his will on the people. I would not venture to estimate their numbers, but there are a number of political groups whose membership includes radical extremists working in the field of Ukrainian security. ³⁴(CHURKIN, 2014, p. 4, grifo nosso)

³⁴ Por que, com todas as mudanças traumáticas que ocorreram, foi a primeira ação do Parlamento ucraniano e seus novos membros uma decisão de mudar a lei sobre a língua, que concedeu às comunidades minoritárias ucranianas - não apenas russos, mas também outros - o direito de usarem suas próprias línguas? Por que essa

Na reunião do CSNU, Churkin aborda a questão da língua no trecho: “[...] decision to change the law on language, which accorded Ukrainian minority communities — not only Russians but others as well — the right to use their own languages?” Contudo, essa primeira citação é acompanhada por outros exemplos de povos que também estavam sendo privados de proferir seu próprio idioma, ou seja, ele não cita apenas o idioma russo. Busca-se mostrar, com essa fala, que não apenas a minoria russa que mora na Ucrânia está sendo afetada e ameaçada pelos acontecimentos que se desenvolvem no país, mas todos que não tem o ucraniano como língua principal são ameaçados pela elite de mudar a língua oficial.

Ele também cita no seu discurso nominalmente a União Europeia argumentando que alguns de seus membros (sem especificar qual) estariam incentivando os protestos que aconteceram em fevereiro na Ucrânia e a situação em que o país se encontrava. A citação é feita no trecho: “Why do those street demonstrations need to be encouraged from abroad by members of the European Union? Why did the representatives of several countries of the European Union need to appear at those meetings [...]”. Esses membros não citados são apresentados pelo governo russo, como responsáveis por instigar movimentações dentro da Ucrânia e intervir nos assuntos internos do país.

Why continue to whip up the situation? Why are some of our Western colleagues trying to prolong the confrontation? Why are they bringing armed militants into the streets? Why do those armed militants need to throw molotov cocktails at the police? Why are they going after the police? Have we heard any censure of these activities from the Western supporters of democracy in Ukraine? We, for one, have heard not one word from any of the many institutions that promote democracy. It is therefore unclear why they even exist, if they do not react to such manifestations.
³⁵(CHURKIN, 2014, p. 4, grifo nosso)

O Ocidente também é nomeado como pode-se perceber na citação acima. Segundo Churkin, alguns “colegas ocidentais” estariam tentando prolongar o confronto em território ucraniano e contribuem para o conflito trazendo militantes armados para a rua. Interessante

decisão foi tomada no primeiro dia? Este não foi o resultado de uma coalizão ou processo político. Um líder da oposição procurou se afirmar, reivindicou a vitória e tentou impor sua vontade ao povo. Não me arriscaria a estimar o seu número, mas há vários grupos políticos cujos membros incluem extremistas radicais que trabalham no domínio da segurança ucraniana

³⁵ Por que continuar a agitar a situação? Por que alguns de nossos colegas ocidentais estão tentando prolongar o confronto? Por que eles estão trazendo militantes armados para as ruas? Por que esses militantes armados precisam jogar coquetéis molotov na polícia? Por que eles estão indo atrás da polícia? Ouvimos alguma censura a essas atividades dos apoiadores ocidentais da democracia na Ucrânia? Nós, por exemplo, não ouvimos uma palavra de nenhuma das muitas instituições que promovem a democracia. Portanto, não está claro por que eles existem, se eles não reagem a tais manifestações

observar o trecho: “[...] We, for one, have heard not one word from any of the many institutions that promote democracy. It is therefore unclear why they even exist, if they do not react to such manifestations”. Pois o representante russo cita as instituições que promovem a democracia para afirmar que nenhuma delas apresentou um posicionamento sobre o incentivo ao prolongamento do conflito e sobre os militantes armados.

With respect to the extraordinary situation in Ukraine and threats against the lives of Russian citizens, our compatriots, and members of the military contingent of the armed forces of the Russian Federation deployed in conformity with international agreement on the territory of Ukraine, the Autonomous Republic of Crimea — in accordance with paragraph (g) of part I of article 102 of the Constitution of the Russian Federation — has requested the deployment of the armed forces of the Russian Federation on the territory of Ukraine until the civic and political situation in Ukraine can be normalized. ³⁶(PUTIN, 2014, apud CHURKIN, 2014, p. 5, grifo nosso)

No trecho destacado acima, que é uma parte da carta de Putin lida pelo representante russo, o termo compatriota é citado e é a única vez nesse discurso que o termo aparece: “With respect to the extraordinary situation in Ukraine and threats against the lives of Russian citizens, our compatriots”. Os compatriotas e russos são apresentados atrelados à palavra ameaça. Pode-se perceber, nesse trecho, que o governo defende a narrativa de que os compatriotas e os russos étnicos estariam ameaçados pelos acontecimentos em território ucraniano e pelo conflito que poderia se espalhar pelo país.

Uma nova reunião para discutir a situação na Ucrânia foi feita no dia 3 de março de 2014 (documento de referência S/PV. 7125). Nesse discurso, Churkin afirma que o que aconteceu na Ucrânia foi um golpe de estado, que os radicais extremistas tomaram o poder e que tal situação gera ameaças ao futuro do país. Nesse trecho, a palavra ameaça aparece, mas ela está relacionada ao golpe na Ucrânia e ao que pode ocorrer no país. Apesar de não se referir a compatriotas ou aos russos, tal argumento reforça a visão que o governo russo possui dos acontecimentos que tomaram as ruas de Kiev. Isto é, a ideia de que os extremistas foram incentivados e promovidos por forças estrangeiras e de que extremistas governam de forma ilegal o país.

³⁶ Com respeito à situação extraordinária na Ucrânia e ameaças contra a vida de cidadãos russos, nossos compatriotas e membros do contingente militar das forças armadas da Federação Russa destacados em conformidade com o acordo internacional no território da Ucrânia, a República Autônoma da Crimeia — de acordo com o parágrafo (g) da parte I do artigo 102 da Constituição da Federação Russa — solicitou o destacamento das forças armadas da Federação Russa no território da Ucrânia até que a situação cívica e política na Ucrânia possa ser normalizado

*We must decisively sideline those extremists seeking to take control of the situation through illegal methods, violence and open terror. We all know who unleashed the crisis in Ukraine. By disputing the unequivocally legal actions of the legitimate authorities, some of our partners have chosen to support anti-Government statements and encouraged participants to move to forceful aggression by capturing and setting fire to administrative buildings, attacking the police, stealing from warehouses, mocking regional officials and launching crude attacks against churches. The centre of Kyiv and many towns in western Ukraine have been overrun by armed national radicals chanting extremist anti-Russian and anti-Semitic slogans.*³⁷(CHURKIN, 2014a, p. 3, grifo nosso)

No trecho acima, apesar de não citar nominalmente os parceiros ocidentais, Churkin afirma que alguns dos parceiros da Rússia optaram por apoiar e incentivar as ações violentas durante a crise ucraniana: “[...] some of our partners have chosen to support anti-Government statements and encouraged participants to move to forceful aggression by capturing and setting fire to [...]”. Pode-se inferir com base no que foi expresso no discurso do dia 1º de março que é provável que esses parceiros sejam os parceiros ocidentais ou ligados ao Ocidente. Além disso, o representante fala sobre os radicais expressando palavras anti-russas e anti-semitas. É a primeira vez que uma ideia de russofobia aparece nos discursos de Churkin analisados até então. Isso contribui para a construção do argumento de que russos e compatriotas podem estar ameaçados pelo fato de serem russos ou falantes de russo já que existem movimentos que defendem ideias anti-russas.

Novamente a questão da língua surge nas falas do representante russo e dessa vez está associada à tentativa de limitação do uso do idioma russo e à possível criminalização dessa utilização. Ele cita a ação do parlamento ucraniano ao falar que eles

*[...] took a decision limiting the language rights of minorities; they have disbanded the judges of the Constitutional Court and insisted on their criminal prosecution. Demands have been made to limit or criminalize the use of the Russian language, to ban undesirable political parties and to make examples of them. The victors wish to exploit the fruits of their victory to trample the rights and basic freedoms of the people.*³⁸(CHURKIN, 2014a, p. 3, grifo nosso)

³⁷ Devemos deixar de lado decisivamente os extremistas que procuram assumir o controle da situação por meio de métodos ilegais, violência e terror aberto. Todos sabemos quem desencadeou a crise na Ucrânia. Ao contestar as ações inequivocamente legais das autoridades legítimas, alguns de nossos parceiros optaram por apoiar declarações antigovernamentais e incentivaram os participantes a avançar para a agressão violenta, capturando e incendiando prédios administrativos, atacando a polícia, roubando armazéns, zombando oficiais e lançando ataques grosseiros contra igrejas. O centro de Kiev e muitas cidades no oeste da Ucrânia foram invadidos por radicais nacionais armados cantando slogans extremistas anti-russos e anti-semitas.

³⁸ [...] tomou uma decisão limitando os direitos linguísticos das minorias; dissolveram os juízes do Tribunal Constitucional e insistiram no seu processo criminal. Foram feitas exigências para limitar ou criminalizar o uso da língua russa, para banir partidos políticos indesejáveis e para torná-los exemplos. Os vencedores desejam explorar os frutos de sua vitória para atropelar os direitos e as liberdades básicas do povo.

A palavra segurança aparece tanto no discurso do dia 3 de março quanto no dia 10. Sobre o dia 10 de março,

All of this has alarmed the authorities of eastern and southern Ukraine and the Autonomous Republic of Crimea, home to millions of Russians who do not wish to see such developments in their regions. *In a situation of ongoing threats of violence by ultranationalists against the security, lives and legitimate interests of Russians and all Russian-speaking peoples, popular self-defence brigades have been established.* They have already put down attempts to take over administrative buildings in Crimea by force and to funnel weapons and ammunition into the peninsula. We have information about the preparation of new provocations, including against the Russian Black Sea fleet in Ukraine. ³⁹(Churkin, 2014a, p. 3, grifo nosso)

Em: “[...] in a situation of ongoing threats of violence by ultranationalists against the security, lives and legitimate interests of Russians and all Russian-speaking peoples, popular self-defence brigades have been established, é interessante notar que a palavra ameaça está relacionada com segurança. E segurança faz referência aos interesses legítimos da Rússia e dos povos de língua russa na região da Crimeia. A preocupação, então, é com a segurança do povo russo da Crimeia, que a é maioria da população que vive na região, e que está sob ameaça de violência por parte dos ultranacionalistas ucranianos que tomaram o poder em Kiev.

A BSF também é citada como um alvo que está em situação de insegurança e é citada pela primeira vez até então, nos discursos analisados. Assim, percebe-se que existe a construção de uma ameaça não apenas contra os cidadãos russos, os falantes de russo e os compatriotas, mas também em relação a pontos militarmente importantes para o Estado russo e a história da Rússia. Churkin assevera que “[...] in a situation of ongoing threats of violence by ultranationalists against the security, lives and legitimate interests of Russians and all Russian-speaking peoples, popular self-defence brigades have been established”. Aqui o representante russo deixa claro quem são os que estão ameaçados, segundo o discurso do governo russo, na Crimeia e na própria Ucrânia. Além disso, em outro trecho, os cidadãos russos e a BSF são citados novamente, e os compatriotas aparecem pela primeira vez.

³⁹ Tudo isso alarmou as autoridades do leste e do sul da Ucrânia e da República Autônoma da Crimeia, onde vivem milhões de russos que não desejam ver tais desenvolvimentos em suas regiões. Em uma situação de contínuas ameaças de violência por parte de ultranacionalistas contra a segurança, a vida e os interesses legítimos dos russos e de todos os povos de língua russa, foram estabelecidas brigadas populares de autodefesa. Eles já reprimiram tentativas de tomar à força prédios administrativos na Crimeia e de canalizar armas e munições para a península. Temos informações sobre a preparação de novas provocações, inclusive contra a frota russa do Mar Negro na Ucrânia.

In such circumstances, the legitimately elected authorities of the Republic have asked the President of Russia to help them to restore calm in Crimea. *Such assistance is entirely legitimate under Russian law, given the extraordinary situation in Ukraine and the threat posed to Russian citizens, our compatriots, and the Black Sea fleet of the Russian Federation in Ukraine.* The President of Russia therefore went before the Federation Council to request that the Russian armed forces be permitted to deploy in the territory of Ukraine until the civic and political situation there has been normalized. On 1 March, the Federation Council supported that appeal, which we hope will sideline the radicals. *I repeat, the issue is one of defending our citizens and compatriots, as well as the most import human right — the right to life.*⁴⁰(CHURKIN, 2014a, p. 3, grifo nosso)

Churkin defende, assim como Vladimir Putin (como analisaremos na próxima seção), que foram as autoridades da Crimeia que pediram ajuda a Rússia e não o governo russo que decidiu intervir no território: “Such assistance is entirely legitimate under Russian law, given the extraordinary situation in Ukraine and the threat posed to Russian citizens, our compatriots, and the Black Sea fleet of the Russian Federation in Ukraine”. Chama atenção que a elite política russa justifique essa “ajuda” ao governo da Crimeia baseando-se na lei russa e na ameaça que a situação vivida pela Ucrânia pode resultar aos cidadãos e compatriotas russos. Ademais, Churkin fala em “extraordinary situation” (situação extraordinária), termo que qualifica a situação na Ucrânia como algo fora do cenário usual ou comum da política.

Em outros dois momentos, Churkin justifica a ação russa através de comparações falando sobre a questão dos russos étnicos, dos falantes de russo e dos compatriotas, e ressaltando que Moscou precisa proteger esse grupo de pessoas.

*I now return to a point on which Ambassador Sergeyev knows I am right. As I have already mentioned, unfortunately the right-wing forces in Ukraine are very strong. They cannot stand Russian citizens or ethnic Russians. Let us recall how their leaders aligned with Bandera and Shukhevych, who fought under Hitler’s banner against the Soviet Union’s Red Army component of the anti-Hitler coalition. Those who share their ideology are unfortunately very close to the Ukrainian authorities; in fact, they carry them on their shoulders. Can one therefore not find it justifiable or imaginable that people living there would have concerns — millions of people, with 1.5 million of them in Crimea.*⁴¹(CHURKIN, 2014a, p. 17, grifo nosso)

⁴⁰ Em tais circunstâncias, as autoridades legitimamente eleitas da República pediram ao Presidente da Rússia que ajudasse a restabelecer a calma na Crimeia. Essa assistência é totalmente legítima sob a lei russa, dada a situação extraordinária na Ucrânia e a ameaça que representa para os cidadãos russos, nossos compatriotas e a frota do Mar Negro da Federação Russa na Ucrânia. O Presidente da Rússia, portanto, foi ao Conselho da Federação para solicitar que as forças armadas russas sejam autorizadas a se deslocar no território da Ucrânia até que a situação cívica e política lá seja normalizada. Em 1º de março, o Conselho da Federação apoiou esse apelo, que esperamos afastar os radicais. Repito, a questão é defender nossos cidadãos e compatriotas, bem como o direito humano mais importante – o direito à vida

⁴¹ Volto agora a um ponto em que o embaixador Sergeyev sabe que estou certo. Como já mencionei, infelizmente as forças de direita na Ucrânia são muito fortes. Eles não suportam cidadãos russos ou russos étnicos. Lembremos como seus líderes se alinharam com Bandera e Shukhevych, que lutaram sob a bandeira de Hitler contra o componente do Exército Vermelho da União Soviética na coalizão anti-Hitler. Infelizmente, aqueles que partilham a sua ideologia estão muito próximos das autoridades ucranianas; na verdade, eles os

Em seguida argumenta que,

*The key issue here is, does anyone really think that Russia could allow a repeat of what happened there in central and eastern Ukraine, where millions of Russians live? I would recall that, years ago, the United States took over Grenada. President Reagan said that they were defending American citizens who resided there. That was 1,000 people, and there was no threat to those citizens from Grenada. We have millions living there. They have concerns.*⁴²(CHURKIN, 2014a, p. 17, grifo nosso)

Nas duas citações registradas acima, o representante russo constrói o argumento de que Moscou precisa agir e defender os interesses desses indivíduos que estão ameaçados pelos acontecimentos em território ucraniano.

A reunião do CSNU do dia 13 de março (S/PV.7134) continua a discutir a situação na Ucrânia e tem como um dos pontos principais o referendo que foi proposto pelas autoridades da Crimeia e deveria ocorrer no dia 16 de março, ou seja, três dias depois da reunião.

*We have already said in this Chamber that there were no objective grounds for Ukraine’s deteriorating situation over the past few months. All that was at stake was the need for President Yanukovich and his Government to adopt a decision on whether it was beneficial to Ukraine to sign the association agreement with the European Union that was proposed by Brussels. The reaction to Kyiv’s decision to refrain from that for now while still maintaining a so-called European future outlook was totally unfounded. The escalation was provoked both by forces in Ukraine and by Western sympathizers with that country.*⁴³(CHURKIN, 2014b, p. 14)

No trecho: “The escalation was provoked both by forces in Ukraine and by Western sympathizers with that country”, mais uma vez, Churkin faz referência ao Ocidente. Ele discorre sobre “simpatizantes ocidentais” que junto com ucranianos contribuíram para o escalonamento do conflito no país. Percebe-se, ao analisar o conteúdo dos discursos do

carregam nos ombros. Não se pode, portanto, achar justificável ou imaginável que as pessoas que vivem lá tenham preocupações – milhões de pessoas, com 1,5 milhão delas na Crimeia.

⁴² A questão-chave aqui é: alguém realmente acha que a Rússia poderia permitir uma repetição do que aconteceu lá no centro e no leste da Ucrânia, onde vivem milhões de russos? Recordo que, anos atrás, os Estados Unidos tomaram Granada. O presidente Reagan disse que eles estavam defendendo os cidadãos americanos que residiam lá. Foram 1.000 pessoas, e não houve ameaça para os cidadãos de Granada. Temos milhões morando lá. Eles têm preocupações.

⁴³ Já dissemos nesta Câmara que não havia motivos objetivos para a deterioração da situação da Ucrânia nos últimos meses. Tudo o que estava em jogo era a necessidade de o presidente Yanukovich e seu governo adotarem uma decisão sobre se seria benéfico para a Ucrânia assinar o acordo de associação com a União Européia proposto por Bruxelas. A reação à decisão de Kiev de se abster disso por enquanto, mantendo a chamada perspectiva de futuro europeu, foi totalmente infundada. A escalada foi provocada tanto por forças na Ucrânia quanto por simpatizantes ocidentais com aquele país.

representante russo, que o Ocidente é quase sempre citado como uma força que ajudou a criar ou incentivar os acontecimentos que se desdobraram na Ucrânia. De certa forma, segundo o argumento sustentado pela elite do governo russo, os ocidentais são também responsáveis pelo que estava acontecendo no país.

They have done their best, however, to antagonize the eastern and south-eastern regions of Ukraine. *First of all, they got rid of a law on languages that afforded official status to the Russian language, and then they eliminated the Russian-language versions of Government websites. Instead of engaging in dialogue, Kyiv sends its political commissars to the eastern region.* Those who dissent are arrested, as happened with a popular governor of the Donetsk region who stated that he intended to participate in the presidential elections, and with former Governor Dobkin of the Kharkiv oblast. The fract is, the Kyiv authorities themselves are splitting their country in two).⁴⁴ (CHURKIN, 2014b, p. 15, grifo nosso)

A situação da língua russa é mais uma vez citada nos discursos de Churkin no CSNU: "[...] First of all, they got rid of a law on languages that afforded official status to the Russian language, and then they eliminated the Russian-language versions of Government websites". Ele argumenta sobre como o russo foi tratado em território ucraniano durante a crise e como uma lei mudou o status dessa língua dentro do país. A narrativa construída afirma que o idioma russo também estava ameaçado devido a tudo que acontecia em território ucraniano e devido ao novo governo ultranacionalista. Se o idioma estava sob ameaça, logo as populações falantes de russo também estavam, pois, a língua é uma das características que formam a identidade política de um indivíduo e que une alguém a uma nação.

In each particular case, one must seek the right balance between the principles of territorial integrity and the right to self-determination. It is clear that the achievement of the right to self-determination in the form of separation from an existing State is an extraordinary measure. However, in the case of Crimea, *it obviously arose as a result of the legal vacuum created by the violent coup against the legitimate Government carried out by nationalist radicals in Kyiv, as well as by their direct threats to impose their order throughout the territory of Ukraine.*⁴⁵(CHURKIN, 2014b, p. 15)

⁴⁴ No entanto, eles fizeram o possível para antagonizar as regiões leste e sudeste da Ucrânia. Em primeiro lugar, eles se livraram de uma lei sobre idiomas que davam status oficial ao idioma russo e, em seguida, eliminaram as versões em russo dos sites do governo. Em vez de dialogar, Kiev envia seus comissários políticos para a região leste. Aqueles que discordam são presos, como aconteceu com um governador popular da região de Donetsk, que afirmou que pretendia participar das eleições presidenciais, e com o ex-governador Dobkin do oblast de Kharkiv. A fração é que as próprias autoridades de Kiev estão a dividir o seu país em dois).

⁴⁵ Em cada caso particular, deve-se buscar o justo equilíbrio entre os princípios de integridade territorial e o direito à autodeterminação. É claro que a conquista do direito à autodeterminação na forma de separação de um Estado existente é uma medida extraordinária. No entanto, no caso da Crimeia, surgiu obviamente como resultado do vazio jurídico criado pelo violento golpe contra o governo legítimo levado a cabo por radicais nacionalistas em Kiev, bem como pelas suas ameaças diretas de impor a sua ordem em todo o território de Ucrânia.

Churkin assevera outra vez que o governo que estava no poder na Ucrânia naquele momento, no dia 13 de março e pós-saída de Yanukovich, era um governo ilegítimo e controlado por radicais nacionalistas: “[...] it obviously arose as a result of the legal vacuum created by the violent coup against the legitimate Government carried out by nationalist radicals in Kyiv”. Esse argumento é ressaltado pela elite política da Federação Russa em vários discursos e serve para construir a narrativa de que a Ucrânia, com esse tipo de governo, era uma ameaça aos falantes de russo, os russos étnicos e os compatriotas russos pois esse tipo de governo impõe suas ordens através de ameaças e medidas não-democráticas.

Poucos dias após a reunião do dia 13 de março, uma nova discussão no CSNU foi marcada e realizada no dia 15 de março (s/pv.7138), um dia antes do referendo na Crimeia. Novamente a palavra ameaças aparece no discurso, porém ela se refere aos nacionalistas radicais que ascenderam ao poder e impõem sua vontade e sua ordem sob os ucranianos: “With respect to Crimea, that case resulted from a legal vacuum generated by an unconstitutional armed coup d’état carried out in Kyiv by radical nationalists in February, as well as by their direct threats to impose their order throughout Ukraine”. (CHURKIN, 2014c, p. 2)

A palavra ameaça aparece novamente nos discursos de Churkin quando o mesmo discorre sobre a violência que ocorre no território ucraniano e como essa ganha força dentro do país: “[...] There is a continuing threat of violence and a continuing threat of it spreading to other regions of Ukraine. Yet the violence has not occurred in Crimea, due to measures taken there. (CHURKIN, 2014c, p. 12)

Segundo o argumento russo, acontecimentos violentos não ocorreram na Crimeia por causa das medidas que o governo local tomou, como o referendo e o pedido de ajuda à Rússia. Com essa fala, há a apresentação de uma ideia de que a situação na península poderia ser outra se o governo russo não ajudasse. Analisando essas falas de Churkin, percebe-se que a violência serve como justificativa para atuação dos russos na área e para a própria condução do referendo.

To conclude, one of our colleagues said that Kyiv had extended a hand to Moscow and that we had refused to reciprocate. But the problem is not with Moscow; *it has to do with the fact that Kyiv should have been the one to extend a hand to its people and regions, instead of intimidating them with repression and banning the use of the Russian language.* Why, for instance, was the constitutional assembly not convened, and in reality, in the course of the constitutional process, it was not proved that the ideology and practice of radical nationalism did not prevail in Kyiv?
⁴⁶(CHURKIN, 2014c, p. 12, grifo nosso)

⁴⁶ Para concluir, um de nossos colegas disse que Kiev estendeu a mão a Moscou e que nos recusamos a retribuir. Mas o problema não está em Moscou; tem a ver com o facto de Kiev ter sido o único a estender a mão aos seus povos e regiões, em vez de os intimidar com a repressão e proibir o uso da língua russa. Por que, por exemplo, a

Assim como no discurso proferido no dia 13 de março, Churkin cita novamente a questão da língua e a proibição do uso do russo por parte daqueles que tomaram o poder na Ucrânia. Essa fala reforça o argumento de que uma das partes da identidade política dos russos e dos compatriotas foi ameaçada e se constitui como um problema para aqueles que vivem dentro das fronteiras ucranianas.

O encontro do dia 19 de março de 2014 (s/pv.7144) ocorreu poucos dias após o resultado do referendo e do discurso oficial do presidente Vladimir Putin de anexação da Crimeia.

Ukraine and the international assistance provided to it to overcome its pronounced internal crisis. The pseudo-friends of Ukraine need to understand once and for all that the cause of the crisis there lies not with Russia but in the irresponsible actions of individual Ukrainian political forces and their foreign mentors. The attempt to drive Ukraine, like other targeted States of the eastern partnership, to make an artificial choice between the European Union and Russia, largely provoked the deep-seated internal political crisis that led to the unconstitutional changes in Kyiv.
⁴⁷(CHURKIN, 2014d, p. 9)

Churkin, assim como em outros discursos, ressalta os responsáveis pela crise na Ucrânia e atrela essa culpa a mentores estrangeiros. Dessa vez, ele não cita ocidentais ou os amigos ocidentais dos ucranianos que ajudaram os radicais a tomarem o poder no país, porém, salienta que foi a construção de uma “escolha artificial” (que os ucranianos deveriam escolher entre a UE ou a Rússia) que favoreceu a profunda crise que se instalou em território ucraniano.

[...] *Neo-nazi slogans are heard, Nazi enforces and their Bandera-loving storm-troopers are glorified, and calls are sent out for violence against Russian-speaking Ukrainians and Russians in general, with all the signs of ethnic cleansing, and for the armed overthrow of the legal authorities.* These must all be clear and obvious to anyone claiming to be objective. Instead, supposedly profound concerns are raised about the human rights situation in Crimea.
⁴⁸(CHURKIN, 2014d, p. 9, grifo nosso)

assembleia constitucional não foi convocada e, na realidade, no decorrer do processo constitucional, não ficou provado que a ideologia e a prática do nacionalismo radical não prevaleceram em Kiev?

⁴⁷ Ucrânia e a assistência internacional que lhe foi prestada para superar a sua pronunciada crise interna. Os pseudo-amigos da Ucrânia precisam entender de uma vez por todas que a causa da crise não está na Rússia, mas nas ações irresponsáveis de forças políticas ucranianas individuais e seus mentores estrangeiros. A tentativa de levar a Ucrânia, como outros Estados visados da parceria oriental, a fazer uma escolha artificial entre a União Europeia e a Rússia, provocou em grande parte a profunda crise política interna que levou às mudanças inconstitucionais em Kiev.

⁴⁸ Slogans neonazistas são ouvidos, forças nazistas e suas tropas de assalto amantes de Bandera são glorificadas, e são enviados pedidos de violência contra ucranianos de língua russa e russos em geral, com todos os sinais de limpeza étnica, e pela derrubada armada das autoridades legais. Tudo isso deve ser claro e óbvio para qualquer um que pretenda ser objetivo. Em vez disso, são levantadas preocupações supostamente profundas sobre a situação dos direitos humanos na Crimeia.

Na fala de Vitaly Churkin, os falantes de russos ucranianos são citados junto com os russos étnicos e os dois são mencionados a partir de uma argumentação sobre uma possível violência e de limpeza étnicas que, segundo ele, todos os sinais indicam que estava ocorrendo na Ucrânia por causa do novo governo. Essa fala reforça a ideia de uma ameaça à segurança dos russos e dos compatriotas russos que vivem dentro da Ucrânia. A atuação do governo russo, para reverter tal situação, ocorreu em harmonia com as autoridades da Crimeia. Ambos conseguiram garantir que os direitos de minorias fossem mantidos mesmo em um contexto de instabilidade no país. Eles alcançaram a garantia do respeito pelos direitos das minorias com o referendo, por exemplo, que levou a independência da Crimeia e sua anexação à Rússia.

Diferente das reuniões, nas quais ocorreram as falas de Vitaly Churkin até o momento, o encontro do dia 13 de abril de 2014 (s/pv.7154) foi requisitado pela Rússia em função “[...] of the serious dangerous evolution of the situation in south-eastern Ukraine (CHURKIN, 2014e, p.3). Apesar de ser uma reunião pós-anexação da Crimeia e que abordou especificamente a situação em áreas como Donetsk, argumentos apresentados nesse discurso também contribuíram para a influenciar a audiência russa confirmando a necessidade de proteger a Crimeia e os russos devido ao que vinha acontecia em solo ucraniano.

Ao abordar questões como a russofobia associado à proteção dos falantes russos devido à instabilidade política na Ucrânia, o governo reforça o argumento de que precisa proteger a península e seus compatriotas. Essa necessidade de proteção se justifica, por exemplo, no trecho em que ele fala de russofobia e o que acontece em território ucraniano: “[...] Russophobic and anti-Semitic forces, whom they perceive as a threat to their human dignity and to their very lives” (CHURKIN, 2014e, p.3).

O representante russo também comentou sobre o Ocidente (asseverou especificamente sobre os patrocinadores ocidentais) como aquele que ajudou nos protestos de Maidan. Segundo o trecho abaixo grifado.

The international community must require the Maidan henchmen who seized power in Kyiv to cease their war against their own people and to implement all the commitments under the 21 February agreement. *The Western sponsors of the Maidan henchmen, in particular those who stood as witnesses to the agreement and the United States, which is their backer, are obligated to end their support, dissociate themselves from neoNazis and other extremists, stop the use of force against the Ukrainian people, and begin forthwith a genuine national dialogue with the full participation of all regions, in the interests of the speedy implementation of radical constitutional reform.*⁴⁹(CHURKIN, 2014e, p. 3, grifo nosso)

⁴⁹ A comunidade internacional deve exigir que os capangas de Maidan, que tomaram o poder em Kiev, cessem a guerra contra o seu próprio povo e cumpram todos os compromissos do acordo de 21 de fevereiro. Os patrocinadores ocidentais dos capangas de Maidan, em particular aqueles que foram testemunhas do acordo e os

Apesar de falar sobre a russofobia, que estaria ocorrendo em território ucraniano, e sobre a situação dos falantes de russos e dos russos étnicos: “[...] Grotesque Russophobia and entrenched hatred have become the norm in the Verkhovna Rada as well. A few days ago, a member of Parliament belonging to the chauvinist Svoboda party said this about the Russianspeaking inhabitants of Ukraine [...]” (CHURKIN, 2014e, p. 3). Aqui os representantes do governo ucraniano estariam incentivando a russofobia e a propagando. Além disso, Churkin também menciona a Crimeia, mas o foco do seu argumento é em relação a região de Donbass.

Tabela 1 - Conteúdo analisado nos discursos de Vitaly Churkin

Discursos - data	Ameaças/segurança	Compatriotas	Russos/falantes de russo	Ocidente	Russofobia
S/PV.7124 - 01/03/2014	sim	sim	não	sim	Não
S/PV.7125 - 03/03/2014	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
S/PV.7125 - 03/03/2014	Encontro privado	Encontro privado	Encontro privado	Encontro privado	Encontro privado
S/PV.7134 - 13/03/2014	Não	Não	Sim	Sim	Não
S/PV.7138 - 15/03/2014	Sim	Não	Sim	Sim	Não
S/PV.7144 - 19/03/2014	Não	Não	Sim	Sim	Não
S/PV.7154 - 13/04/2014	Sim	Não	Sim	Sim	Sim

A partir da análise dos discursos proferidos por Vitaly Churkin, pode-se argumentar que o governo russo constrói uma narrativa de insegurança envolvendo questões relacionadas à língua russa, à Crimeia (e de certa forma à Frota do Mar Negro), aos compatriotas e aos russos

Estados Unidos, que os apoiam, são obrigados a acabar com o seu apoio, dissociar-se dos neonazistas e outros extremistas, parar o uso da força contra o povo ucraniano, e iniciar imediatamente um verdadeiro diálogo nacional com a plena participação de todas as regiões, no interesse da rápida implementação de uma reforma constitucional radical.

étnicos. Essa situação de falta de segurança e de ameaça se deteriora com a ascensão do novo governo ucraniano e após a destituição do presidente Viktor Yanukovich do poder. O novo governo é considerado e denominado diversas vezes, ao longo dos discursos, como ultranacionalista e como espaço para radicais. Também queremos ressaltar o papel do Ocidente e como alguns dos seus membros, que nem sempre são especificados, foram enquadrados discursivamente como promotores da situação de instabilidade que o território ucraniano vivenciava e as ondas de violência. Essa situação de violência, mudanças e questões envolvendo da proibição de língua russa contribuem para Moscou justificar suas ações e apresentá-las como uma medida de segurança para proteger seus cidadãos e seus interesses.

3.4 A securitização da questão da Crimeia e a análise de conteúdo dos discursos do presidente russo Vladimir Putin

A análise dos discursos do presidente Vladimir Putin será guiada pelo mesmo esquema proposto na seção anterior. Os mesmos pontos observados nas falas de Vitaly Churkin também foram observados nos discursos de Putin. Além dos pontos mencionados na seção anterior, a análise aqui também tratou da questão histórica: se aparece ou não, e como é abordada pelo presidente russo.

O primeiro discurso analisado do presidente Putin foi uma entrevista concedida a jornalistas no Kremlin no dia 4 de março de 2014, poucos dias após a deposição de Viktor Yanukovich. As respostas, assim como as perguntas feitas a Putin, foram retiradas da biblioteca que existe no sítio do Kremlin em inglês.

Assim como Vitaly Churkin, Putin sustenta a retórica de que o governo ucraniano é inconstitucional e que o presidente legítimo, Viktor Yanukovich, retirado do poder pelos radicais e ultranacionalistas, fez um acordo para tentar resolver os problemas internos, mas mesmo assim foi retirado do poder e um governo inconstitucional assumiu: [...] what happened in Kiev and in Ukraine in general. There can only be one assessment: this was an anti-constitutional takeover, an armed seizure of power (PUTIN, 2014, s/p).

[...] I would like to stress that under that agreement (I am not saying this was good or bad, just stating the fact) *Mr Yanukovich actually handed over power. He agreed to all the opposition's demands: he agreed to early parliamentary elections, to early presidential elections, and to*

return to the 2004 Constitution, as demanded by the opposition. He gave a positive response to our request, the request of western countries and, first of all, of the opposition not to use force. He did not issue a single illegal order to shoot at the poor demonstrators. ⁵⁰(PUTIN, 2014, s/p, grifo nosso).

Segundo Putin, então, essa ação de retirada do poder e os conflitos que passaram a acontecer no país - instigado pelos opositores e radicais - provocaram uma desestabilização da Ucrânia. Assim, Putin repete o argumento de que os russos não têm culpa sobre a situação que os ucranianos se encontram.

As you may know, we have decided to organize work in the Russian regions to aid Crimea, which has turned to us for humanitarian support. We will provide it, of course. I cannot say how much, when or how – the Government is working on this, by bringing together the regions bordering on Crimea, by providing additional support to our regions so they could help the people in Crimea. We will do it, of course. ⁵¹ (PUTIN, 2014, s/p. grifo nosso).

No trecho acima, a Crimeia reivindica a ajuda humanitária por parte do governo russo. Pode-se argumentar, por meio dessa colocação, que a situação envolvendo a Crimeia é de insegurança e que a península precisa da ajuda russa em um momento de dificuldades e grandes inseguranças - mesmo que a palavra segurança e ameaça não sejam citadas neste momento do discurso.

Nessa linha argumentativa de proteção humanitária, o presidente não cita compatriotas nem falantes de russo, mas ressalta a preocupação com os ucranianos e seus direitos: [...] we firmly believe that all citizens of Ukraine, I repeat, wherever they live, should be given the same equal right to participate in the life of their country and in determining its future (PUTIN, 2014, s/p). Putin também afirma que se o novo governo, formado por aqueles que tomaram o poder, quiser ser reconhecido precisa garantir a segurança de todos os cidadãos e não apenas de alguns:

⁵⁰ [...] Gostaria de enfatizar que, sob esse acordo (não estou dizendo que isso era bom ou ruim, apenas afirmando o fato), o senhor Yanukovich realmente entregou o poder. Ele concordou com todas as reivindicações da oposição: concordou em antecipar as eleições parlamentares, antecipar as eleições presidenciais e retornar à Constituição de 2004, conforme exigido pela oposição. Ele deu uma resposta positiva ao nosso pedido, ao pedido dos países ocidentais e, em primeiro lugar, da oposição para não usar a força. Ele não emitiu uma única ordem ilegal para atirar nos pobres manifestantes.

⁵¹ Como vocês devem saber, decidimos organizar o trabalho nas regiões russas para ajudar a Crimeia, que nos procurou em busca de apoio humanitário. Nós forneceremos, é claro. Não posso dizer quanto, quando ou como – o governo está trabalhando nisso, reunindo as regiões que fazem fronteira com a Crimeia, fornecendo apoio adicional às nossas regiões para que possam ajudar as pessoas na Crimeia. Faremos isso, é claro.

“[...]If the people who call themselves the government now hope to be considered a civilized government, they must ensure the safety of all of their citizens [...]” (PUTIN, 2014, s/p).

*When we see this we understand what worries the citizens of Ukraine, both Russian and Ukrainian, and the Russian-speaking population in the eastern and southern regions of Ukraine. It is this uncontrolled crime that worries them. Therefore, if we see such uncontrolled crime spreading to the eastern regions of the country, and if the people ask us for help, while we already have the official request from the legitimate President, we retain the right to use all available means to protect those people. We believe this would be absolutely legitimate.*⁵²(PUTIN, 2014, s/p, grifo nosso)

Percebe-se que certos argumentos se repetem para reforçar a narrativa de insegurança e que a situação dentro da Ucrânia estaria fora de controle. Neste caso é citada, de novo, a situação dos falantes de russos e dos russos (o presidente inclui nesta situação inclusive ucranianos). Em função do que ocorria dentro do país - dos protestos em Maidan e da derrubada de Yanukovich -, a narrativa do governo russo argumenta que é preciso proteger todos os cidadãos para que seus direitos sejam garantidos, incluindo seu direito à língua. E essa demanda, na opinião de Putin, é legítima e o governo russo é capaz de garantir essa ajuda que é nomeada por eles de ajuda humanitária.

*I would like to stress yet again that if we do make the decision, if I do decide to use the Armed Forces, this will be a legitimate decision in full compliance with both general norms of international law, since we have the appeal of the legitimate President, and with our commitments, which in this case coincide with our interests to protect the people with whom we have close historical, cultural and economic ties. Protecting these people is in our national interests. This is a humanitarian mission. We do not intend to subjugate anyone or to dictate to anyone. However, we cannot remain indifferent if we see that they are being persecuted, destroyed and humiliated.*⁵³(PUTIN, 2014, s/p. grifo nosso).

⁵² Quando vemos isso, entendemos o que preocupa os cidadãos da Ucrânia, tanto russos quanto ucranianos, e a população de língua russa nas regiões leste e sul da Ucrânia. É este crime descontrolado que os preocupa. Portanto, se entendermos que o crime descontrolado está se espalhando para as regiões orientais do país, e se o povo nos pedir ajuda, enquanto já tivermos o pedido oficial do legítimo Presidente, reservamos o direito de usar todos os meios disponíveis para proteger aquelas pessoas. Acreditamos que isso seria absolutamente legítimo.

⁵³ Gostaria de salientar mais uma vez que se tomarmos a decisão, se decidir usar as Forças Armadas, será uma decisão legítima em plena conformidade com ambas as normas gerais de direito internacional, pois temos o recurso do legítimo Presidente, e com nossos compromissos, que neste caso coincidem com nossos interesses de proteger as pessoas com as quais temos estreitos laços históricos, culturais e econômicos. Proteger essas pessoas é do nosso interesse nacional. Esta é uma missão humanitária. Não pretendemos subjugar ninguém ou ditar a ninguém. No entanto, não podemos ficar indiferentes se vemos que eles estão sendo perseguidos, destruídos e humilhados.

A ajuda humanitária aparece novamente no discurso de Putin quando o mesmo cita que o papel da Rússia é proteger as pessoas, principalmente aqueles que residem na Crimeia. Putin também ressalta a aproximação que existe entre russos e ucranianos, as proximidades econômicas entre os dois países e defende que a Ucrânia é um país amigável.

*Let me say again that Ukraine is a friendly country. Do you know how many people came from Ukraine to Russia last year? 3.3 million came, and of that number almost 3 million people came to Russia for work. These people are working here – around 3 million people. Do you know how much money they send back home to Ukraine to support their families? Count up the average wage of 3 million people. This comes to billions of dollars and makes a big contribution to Ukraine’s GDP. This is no joking matter. We welcome all of them, and among the people coming here to work are also many from western Ukraine. They are all equal in our eyes, all brothers to us.*⁵⁴(PUTIN, 2014, s/p. grifo nosso)

Vale ressaltar que Putin comenta apenas sobre a necessidade de ajudar e proteger os ucranianos e russos que residem na Crimeia. Inclusive, quando um jornalista questiona a possibilidade da península da Crimeia se unir à Rússia, o presidente responde que não enxerga a Crimeia se unindo aos russos novamente: “Question: How do you see the future of Crimea? Do you consider the possibility of it joining Russia? . Vladimir Putin: No, we do not.”

O outro discurso proferido por Vladimir Putin analisado neste trabalho foi o de anexação da Crimeia, realizado após a condução do referendo e no qual o presidente confirma a anexação do território por parte da Rússia.

Apesar do discurso ter sido um pronunciamento feito após a anexação da península, os pontos levantados e muitos dos argumentos expostos já eram ditos por Vitaly Churkin nas reuniões do CSNU e já apareceram, por exemplo, na conversa de Putin com os jornalistas do dia 4 de março. Questões como a necessidade de proteção, a inconstitucionalidade do governo ucraniano, a história da BSF (“This is also Sevastopol – a legendary city with an outstanding history, a fortress that serves as the birthplace of Russia’s Black Sea Fleet” (PUTIN, 2014a, s/p)) e da própria Crimeia reforçam o argumento de que os russos estariam protegendo a região e evitando um massacre da sua população que estaria insegura no contexto instável e perigoso na Ucrânia.

⁵⁴ Permitam-me que volte a dizer que a Ucrânia é um país amigável. Você sabe quantas pessoas vieram da Ucrânia para a Rússia no ano passado? 3,3 milhões vieram, e desse número quase 3 milhões de pessoas vieram para a Rússia para trabalhar. Essas pessoas estão trabalhando aqui – cerca de 3 milhões de pessoas. Você sabe quanto dinheiro eles mandam de volta para a Ucrânia para sustentar suas famílias? Conte o salário médio de 3 milhões de pessoas. Isso chega a bilhões de dólares e faz uma grande contribuição para o PIB da Ucrânia. Isso não é brincadeira. Congratulamo-nos com todos eles, e entre as pessoas que vêm aqui para trabalhar também estão muitos do oeste da Ucrânia. Eles são todos iguais aos nossos olhos, todos irmãos para nós.

[...] we have every reason to assume that the infamous policy of containment, led in the 18th, 19th and 20th centuries, continues today. They are constantly trying to sweep us into a corner because we have an independent position, because we maintain it and because we call things like they are and do not engage in hypocrisy. But there is a limit to everything. *And with Ukraine, our western partners have crossed the line, playing the bear and acting irresponsibly and unprofessionally.*⁵⁵ (PUTIN, 2014a, s/p, grifo nosso)

Neste discurso de anexação, o Ocidente é mencionado, assim como nos discursos de Churkin: [...] *And with Ukraine, our western partners have crossed the line, playing the bear and acting irresponsibly and unprofessionally* (PUTIN, 2014a, s/p). O Ocidente aqui está relacionado ao precedente Kosovo e à ideia de que o Ocidente novamente cruzou uma linha ao intervir nas questões internas na Ucrânia. Sobre a situação do Kosovo⁵⁶, o argumento é de que o referendo conduzido no Kosovo, que levou à independência do país, embora tenha sido unilateral, foi aceito pelo Ocidente, mas o da Crimeia não. A outra menção ao Ocidente está associada à situação na Ucrânia. Putin argumenta que os parceiros ocidentais cruzaram a linha e agiram de forma irresponsável e não profissional no caso ucraniano, uma vez que apoiam o novo governo ultra-radical e que retirou um presidente democraticamente eleito do poder. Pode-se inferir que o Ocidente, na opinião do Kremlin, foi conivente com o que acontecia na Ucrânia e, considerando as falas anteriores de Churkin, o Ocidente pode ser até mesmo considerado como responsável por incentivar e promover a situação em que o país se encontrava.

*Everything in Crimea speaks of our shared history and pride. This is the location of ancient Khersones, where Prince Vladimir was baptized. His spiritual feat of adopting Orthodoxy predetermined the overall basis of the culture, civilisation and human values that unite the peoples of Russia, Ukraine and Belarus. [...] This is also Sevastopol – a legendary city with an outstanding history, a fortress that serves as the birthplace of Russia’s Black Sea Fleet. Crimea is Balaklava and Kerch, Malakhov Kurgan and Sapun Ridge. Each one of these places is dear to our hearts, symbolizing Russian military glory and outstanding valour.*⁵⁷(PUTIN, 2014a, s/p, grifo nosso).

⁵⁵ [...] temos todas as razões para supor que a infame política de contenção, liderada nos séculos XVIII, XIX e XX, continua até hoje. Eles estão constantemente tentando nos encurralar porque temos uma posição independente, porque a mantemos e porque chamamos as coisas como elas são e não nos envolvemos em hipocrisia. Mas há um limite para tudo. E com a Ucrânia, nossos parceiros ocidentais cruzaram a linha, bancando o urso e agindo de forma irresponsável e pouco profissional.

⁵⁶

⁵⁷ Tudo na Crimeia fala de nossa história e orgulho compartilhados. Esta é a localização da antiga Khersones, onde o príncipe Vladimir foi batizado. Sua façanha espiritual de adotar a Ortodoxia predeterminou a base geral da cultura, civilização e valores humanos que unem os povos da Rússia, Ucrânia e Bielorrússia. [...] Esta é também Sebastopol – uma cidade lendária com uma história notável, uma fortaleza que serve como berço da Frota do Mar Negro da Rússia. A Crimeia é Balaclava e Kerch, Malakhov Kurgan e Sapun Ridge. Cada um desses lugares é caro aos nossos corações, simbolizando a glória militar russa e o valor excepcional.

O presidente Putin também se refere à Frota do Mar Negro ao argumentar, por exemplo, sobre as ligações históricas entre a Crimeia e a Rússia: “[...] This is the location of ancient Khersones, where Prince Vladimir was baptized. His spiritual feat of adopting Orthodoxy predetermined the overall basis of the culture, civilisation and human values that unite the peoples of Russia, Ukraine and Belarus” (PUTIN, 2014a, s/p). Como citado na seção que abarca a importância da Crimeia, a península foi o local onde o príncipe Vladimir foi batizado e essa referência histórica-religiosa é ressaltada por Putin para reforçar a ligação entre os dois territórios, como articulado no trecho analisado.

Em dois momentos Putin resalta a questão da língua explicando que as identidades, tradições e a fé de grupos que formam a população da Crimeia - russos, ucranianos e tártaros - serão respeitadas e mantidas após a anexação, uma vez que até então, com os radicais ultranacionalistas no poder, a identidade dos russos estava ameaçada.

However, this is not how the situation developed. *Time and time again attempts were made to deprive Russians of their historical memory, even of their language and to subject them to forced assimilation.* Moreover, Russians, just as other citizens of Ukraine are suffering from the constant political and state crisis that has been rocking the country for over 20 years. ⁵⁸(PUTIN, 2014a, s/p, grifo nosso)

No trecho acima, Putin argumenta que os russos, em certas ocasiões, eram privados de sua memória histórica e da sua língua: “[...] Time and time again attempts were made to deprive Russians of their historical memory, even of their language and to subject them to forced assimilation (PUTIN, 2014a, s/p). Ressalta, então, a situação do idioma russo no contexto da crise ucraniana, durante o desenvolvimento da crise e atrelado ao perigo do novo governo ultranacionalista. Putin também assevera sobre isso, em outro trecho, quando menciona o período dos ultranacionalistas e da lei que revisava o uso da língua que infringiam os direitos das minorias que viviam em território ucraniano. Contudo, no trecho destacado da fala de Putin, esse argumento se expande para incorporar outros momentos da história ucraniana pós-Guerra Fria. O teor do perigo envolvendo a língua russa e a identidade daqueles que se identificavam com a Rússia e viviam na Ucrânia não muda em comparação com outras falas de Churkin e com o discurso anterior de Putin.

⁵⁸ No entanto, não foi assim que a situação se desenvolveu. Repetidas tentativas foram feitas para privar os russos de sua memória histórica, até mesmo de sua língua e submetê-los a uma assimilação forçada. Além disso, os russos, assim como outros cidadãos da Ucrânia, sofrem com a constante crise política e estatal que abala o país há mais de 20 anos.

Ao longo do discurso, o presidente russo também comenta sobre as revoluções coloridas que aconteceram no espaço pós-soviético e na Sérvia: “[...] There was a whole series of controlled “colour” revolutions. [...] instead of democracy and freedom, there was chaos, outbreaks in violence and a series of upheavals” (PUTIN, 2014a, s/p). Putin também discorre sobre a expansão da OTAN: o argumento é de que os russos propõem cooperação e estão dispostos a conversar, mas o Ocidente não trata o país como um igual e defende que a expansão da OTAN não diz respeito aos russos. Contudo, Moscou enxerga essa expansão como uma ameaça aos seus interesses, uma vez que avança na sua área de influência. Ou seja, Rússia e Ocidente possuem narrativas distintas acerca da expansão da OTAN.

Tabela 2 - Conteúdo analisado nos discursos de Vladimir Putin

Discurso - data	Ameaça	Compatriotas	Russos/falantes de russo	Ocidente	Russofobia
04/03/2014	Não	Não	Sim	Sim	Não
18/03/2014	Sim	Sim	Sim	Sim	Não

Os argumentos mobilizados por Vladimir Putin contribuem para a ideia de que a Crimeia e a população russa na Ucrânia viviam sob uma situação de insegurança. A violência que acometia a capital ucraniana e outras áreas, segundo o governo russo, poderia chegar à península e tornar a situação ainda mais instável. A lei envolvendo a língua russa também é mobilizada para construir o argumento de que a identidade política dos cidadãos estava sob ameaça visto que a língua é uma parte fundamental da identidade de um sujeito. As ligações histórico-culturais e religiosas fazem parte do repertório de Putin e contribuem para aproximar ainda mais os russos do território da Crimeia e principalmente dos compatriotas e falantes de russo que se encontram fora das fronteiras da Rússia.

Pode-se perceber que certos argumentos são repetidos - como o Ocidente incentivando a situação de instabilidade na Ucrânia, o governo ucraniano como ultra-radical e a questão da língua como um direito do cidadão - tanto por Putin quanto por Vitaly Churkin. Tanto a afirmação dessas questões quanto a repetição delas ajudam a fomentar a ideia de que a Crimeia precisava ser protegida bem como os interesses russos e os compatriotas que estavam nesse território, se necessário, através de meios políticos não convencionais.

3.5 A securitização da identidade política dos compatriotas e da anexação da Crimeia foi bem-sucedida?

Um movimento de securitização só é bem-sucedido se a audiência aceitar. Para investigar se a população russa (e os russos da Crimeia) aceitaram o processo de securitização da identidade política dos compatriotas e, portanto, a da anexação da Crimeia, dados extraídos do Levada Center, do Pew Research e do AP-NORC foram analisados. Apesar do AP-NORC e do Pew Research serem centros de pesquisa localizados nos Estados Unidos, ambos possuem alcance global.

O Levada Center é uma ONG russa, o AP-NORC está vinculado à Universidade de Chicago e ao Associated Press e o Pew Research é um instituto com sede em Washington. Os três centros foram escolhidos com o intuito de diversificar os olhares sobre as pesquisas de opiniões realizadas sobre a anexação da Crimeia, a aprovação popular do presidente de Putin, a situação política e territorial da Ucrânia e a posição da Rússia no mundo.

Os dados analisados se referem à anexação da Crimeia, à aprovação de Vladimir Putin e a situação política e territorial da Ucrânia. Todos os dados foram obtidos ao longo do ano de 2014, ou seja, durante e após a anexação da Crimeia, dos protestos de Maidan e do início das sanções contra os russos. Para contribuir com esta seção e investigação sobre aceitação da audiência, também foram analisadas imagens referentes à anexação da Crimeia e como a situação foi recebida na península, e imagens de russos durante protestos e até mesmo no dia a dia, para averiguar se o processo foi bem-sucedido ou não.

3.5.1 A recepção da audiência russa e da Crimeia, as pesquisas do Levada Center, do AP-NORC e do Pew Research

O Levada Center, segundo informações disponíveis no seu sítio online⁵⁹, é um Organização Não-Governamental (ONG) russa de pesquisa que realiza um monitoramento regular da opinião pública russa, mas também produz projetos de pesquisa sob encomenda. É

⁵⁹ Informação retirada do sítio online <https://www.levada.ru/en/about-us/>

considerado um instituto de pesquisa independente do governo russo, porém, em 2016, o governo russo classificou o Levada como um “agente estrangeiro” afirmando que a ONG recebeu financiamento externo dos Estados Unidos (TASS, 2016). Apesar das acusações que possam ocorrer, as pesquisas de opinião pública dessa instituição são importantes para avaliar a situação interna da Rússia e, no caso desta dissertação, a percepção do público russo sobre a anexação da Crimeia.

Antes da anexação da Crimeia, o Levada Center realizou uma pesquisa entre os dias 7 e 10 de março de 2014, em áreas urbanas e rurais da Rússia e entrevistou 1.603 russos. É interessante olhar para os resultados dessa pesquisa pois 37% dos entrevistados acreditavam que a Ucrânia tinha sido tomada por nacionalistas radicais, enquanto 36% deles achavam que não existia autoridade política ucraniano naquele momento (LEVADA CENTER, 2014). Pode-se argumentar, ao olhar para esses números, que uma quantidade considerável dos entrevistados concordava com o argumento do governo russo de que os nacionalistas radicais haviam tomado o poder na Ucrânia, deposto um presidente democraticamente eleito e não havia uma autoridade política no país vizinho naquele momento.

Nessa mesma pesquisa feita entre 7 e 10 de março de 2014, 67% dos 1.603 russos culpavam os nacionalistas ucranianos pela crise na Crimeia e 65% dos entrevistados responderam que o governo russo tinha o direito de proteger os falantes de russo na Crimeia e no Leste da Ucrânia (LEVADA CENTER, 2014). Ou seja, percebe-se que o discurso produzido pela elite política russa - com ênfase no direito da Rússia de proteger os russos na Crimeia e na ideia de que o novo governo ucraniano era liderado por nacionalistas radicais - estava sendo aceito e reproduzido por uma parcela significativa das pessoas entrevistadas no estudo do Levada Center.

Poucos meses após a anexação da Crimeia, o Levada Center realizou um novo estudo para compreender como a população russa enxergava a anexação da Crimeia e se a mesma concordava com tal movimento feito pelo governo russo. Na pesquisa realizada entre os dias 24 e 27 de outubro de 2014, 1.600 pessoas foram entrevistadas em diferentes cidades urbanas e rurais da Rússia. Dessas 1.600, apenas 7% responderam que eram definitivamente contra a unificação da Crimeia com a federação Russa, enquanto 5% responderam que era difícil dizer se era contra ou a favor. A maior parte dos entrevistados concordava com a anexação sendo que 55% dos 1.600 responderam que eram definitivamente a favor da anexação da península (LEVADA CENTER, 2014a). Se analisarmos a tabela abaixo, onde estão os dados de março, maio e outubro de 2014, percebe-se que houve uma ligeira queda na quantidade total de russos

a favor da unificação da península com os russos. Porém, ainda há uma quantidade expressiva da população que apoia a anexação.

Tabela 3 - Você apoia a unificação da Crimeia com a Rússia?

	21-24 March 2014	May.14	Oct.14
Definitively yes	57	54	55
Mostly yes	31	36	31
Mostly against	6	4	7
Definitively against	1	1	2
It is difficult to say	4	5	5

FONTE: Levada Center, 2014a. Disponível em: <https://www.levada.ru/en/2014/11/12/crimea/>

A pesquisa feita em outubro pelo Levada Center ainda questionou o porquê de as pessoas apoiarem a anexação da Crimeia pela Rússia. Daqueles 1.600 entrevistados que falaram que eram a favor da anexação da Crimeia, 74% responderam que era a favor porque a Crimeia é uma terra russa. Enquanto isso, 36% afirmaram que apoiava anexação porque sem ela a península poderia ter sido submetida à violência dos radicais de direita ucranianos. E 16% responderam que apoiava a unificação porque sem a anexação a Crimeia teria sido “ucranizada” a força (LEVADA CENTER, 2014a).

Tabela 4 - Por que você apoia a unificação da Crimeia com a Rússia?

because Crimea is a Russian land	74
because otherwise Crimean people could have been subjected to violence by Ukrainian right-wing radicals	36
because otherwise Crimea would have been forcibly ukrainianized	16
something else	1
it is difficult to say	2

FONTE: Levada Center, 2014a. Disponível em: <https://www.levada.ru/en/2014/11/12/crimea/>

O AP-NORC Center for Public Affairs Research é formado, segundo informações oficiais disponíveis em seu sítio online, pela junção entre a Associated Press (AP) a instituição de pesquisa NORC da Universidade de Chicago nos Estados Unidos. O objetivo do AP-NORC é coletar, analisar e disseminar dados e informações para população e contribuir para a formação de um eleitorado bem-informado.

Assim como Levada Center, o AP-NORC entre 22 de novembro e 7 de dezembro de 2014 realizou uma pesquisa de opinião pública na Rússia. Durante essa pesquisa, 2.008 russos foram entrevistados e quando questionados se aprovavam, desaprovavam ou não aprovavam nem desaprovavam a forma como Vladimir Putin exerce seu trabalho como presidente, 81% afirmaram que aprovava o trabalho de Putin. Enquanto isso, somente 11% não aprovava nem desaprovava e 6% desaprovavam (AP-NORC, 2014, p.5).

Tabela 5 - Você aprova, desaprova ou não aprova nem desaprova a maneira como Vladimir Putin está exercendo seu trabalho como presidente?

	AP-NORC 11/22-12/7
Approve NET	81
Strongly approve	35
Somewhat approve	46
Neither approve nor disapprove	11
Disapprove NET	6
Somewhat disapprove	4
Strongly disapprove	1
Don't know (DO NOT READ)	2
Refused (DO NOT READ)	*
N=	2,008

FONTE: FONTE: AP-NORC, 2014, p.5. Disponível em: <https://apnorc.org/wp-content/uploads/2020/02/RussiaWorldCupOlympicTopline.pdf>

A pesquisa do AP-NORC também questionou com que frequência esses 2.008 russos se informavam e 56% responderam que lia, ouvia ou assistia ao noticiário pelo menos uma vez ao dia. Quando questionados sobre quais eram suas principais fontes de informação sobre o que acontecia no mundo e no seu país, 75% respondeu que se informava através das mídias estatais

enquanto 5% buscavam informações produzidas por mídias independentes (AP-NORC, 2014, pp.11-12).

Além disso, o estudo do AP-NORC perguntou se os russos entrevistados acreditam que existem partes da Ucrânia que pertençam a Rússia por direito, exceto a Crimeia. Dos 2.008 entrevistados, 21% responderam que muitas partes pertencem legitimamente à Rússia e 48% afirmaram que poucas partes pertencem legitimamente à Rússia (AP-NORC, 2014, p.13).

Tabela 6 - Quando se trata da Ucrânia, você diria que, exceto a Crimeia, há muitas partes que pertencem à Rússia por direito, algumas partes que pertencem à Rússia ou não há partes que pertençam à Rússia?

	AP-NORC 11/22-12/7
Many parts rightfully belong to Russia	21
A few parts rightfully belong to Russia	48
No parts rightfully belong to Russia	31
N=	2,008

FONTE: FONTE: AP-NORC, 2014, p. 13. Disponível em: <https://apnorc.org/wp-content/uploads/2020/02/RussiaWorldCupOlympicTopline.pdf>

Apesar do estudo produzido pelo AP-NORC não falar especificamente da Crimeia ou questionar sobre a região, é interessante notar como a aprovação do presidente Vladimir Putin é grande entre a população russa. Mesmo com as sanções, que já haviam sido impostas na época da pesquisa do AP-NORC, a popularidade de Putin continuava alta.

Também chama atenção a quantidade de pessoas que se informavam através dos canais oficiais do governo. Talvez essa quantidade expressiva de informação através dos meios estatais explique por que, no estudo do Levada Center, tantas pessoas concordavam com a ideia de que os ultranacionalistas radicais eram responsáveis pela crise na Ucrânia e concordavam com a ideia de que o governo russo precisava proteger os russos e os falantes de russo que estavam em solo ucraniano.

O Pew Research, conforme descrito no seu sítio eletrônico⁶⁰, é um instituto fact tank apartidário, com sede em Washington DC, Estados Unidos que conduz pesquisas de opinião

⁶⁰ Informações disponíveis no sítio eletrônico <https://www.pewresearch.org/about/>.

pública, pesquisas demográficas, análises de conteúdo e pesquisas nas áreas de ciências sociais. Durante o mês de abril de 2014, o Pew Research conduziu duas pesquisas de opinião: uma na Ucrânia e outra na Rússia. A pesquisa foi realizada pouco tempo após a anexação da Crimeia e apresenta dados interessantes sobre a questão da língua, da anexação da Crimeia e do apoio popular ao presidente Putin.

Na pesquisa conduzida em solo ucraniano com 1.659 pessoas, uma das perguntas feitas aos entrevistados foi sobre a questão do idioma russo e ucraniano e 66% das pessoas que se encontravam no oeste da Ucrânia, uma região considerada mais próxima à Europa, responderam que o ucraniano deveria ser a única língua oficial do país. Enquanto isso, na península da Crimeia, 74% responderam que ambas as línguas (russo e ucraniano) deveriam ser as línguas oficiais do país (PEW RESEARCH, 2014).

Tabela 7 - A questão do idioma russo e ucraniano dentro da Ucrânia

% Should Ukraine's official language be only Ukrainian, both Ukrainian and Russian or only Russian?

	Ukrainian	Both	Russian	Don't know
	%	%	%	%
Ukraine	41	54	2	3
West	66	30	0	3
East	25	73	1	2
<i>Russian speakers</i>	10	86	1	2
Crimea	0	74	21	5

Note: In Crimea, asked about the "official language in Crimea".

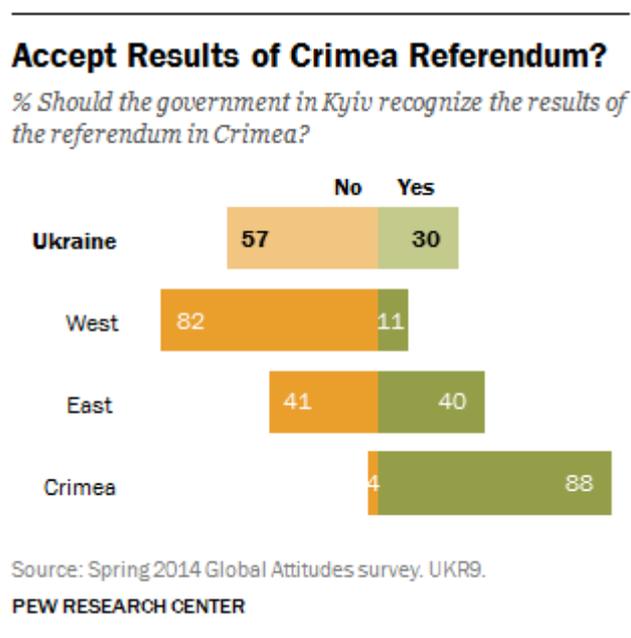
Source: Spring 2014 Global Attitudes survey. UKR7a,b.

FONTE: PEW RESEARCH, 2014. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/global/2014/05/08/despite-concerns-about-governance-ukrainians-want-to-remain-one-country/>.

O instituto Pew Research também perguntou aos entrevistados se a Ucrânia deveria permitir a secessão de algumas regiões ou deveria se manter unida. Do total de pessoas entrevistadas, que somam 1.659 pessoas, 93% delas, que se encontravam no oeste do país, responderam que a Ucrânia deveria permanecer unida enquanto 54% das pessoas na Crimeia acreditavam que o governo ucraniano deveria permitir a secessão nas regiões (PEW RESEARCH, 2014),

Durante essa pesquisa conduzida com a população ucraniana, o Pew research também buscou saber se o governo ucraniano deveria reconhecer o resultado do referendo da Crimeia. Das 1.659 pessoas que foram questionadas sobre a pergunta, 82% dos moradores da região Oeste da Ucrânia responderam que Kiev não deveria reconhecer o resultado do referendo. Enquanto isso, 40% do pessoal da região Leste do país afirmou que o governo deveria reconhecer o resultado do referendo e na península da Crimeia esse número a favor do reconhecimento do resultado do referendo foi ainda maior, cerca de 88% votaram que sim (PEW RESEARCH, 2014).

Tabela 8 - O resultado do referendo deve ser aceito?



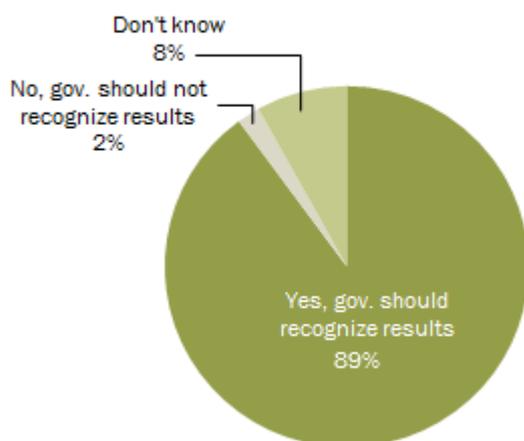
FONTE: FONTE: PEW RESEARCH, 2014. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/global/2014/05/08/chapter-1-ukraine-desire-for-unity-amid-worries-about-political-leadership-ethnic-conflict/>

Durante 4 e 20 de abril de 2014, o Pew Research entrevistou 1,000 russos e questionou se o governo ucraniano deveria ou não reconhecer o resultado do referendo da Crimeia. Os resultados mostram que 89% dos entrevistados responderam que Kiev deveria reconhecer a independência da Crimeia e sua anexação pelos russos e apenas 2% responderam que Kiev não deveria reconhecer o resultado do referendo (PEW RESEARCH, 2014). Percebe-se, ao analisar os resultados do Pew Research e do Levada Center, que a maioria dos entrevistados na Rússia,

pelos dois institutos, concordam com o resultado de anexação da Crimeia e com a ideia de que a península pertence à Federação Russa.

Tabela 9 - Kiev deveria ou não deveria reconhecer o resultado do referendo da Crimeia?

% saying the government in Kyiv should/should not recognize the referendum results and allow Crimea to join Russia



Source: Spring 2014 Global Attitudes survey. RUS5.

PEW RESEARCH CENTER

FONTE: FONTE: PEW RESEARCH, 2014. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/global/2014/05/08/chapter-3-russia-public-backs-putin-crimeas-secession/>

Baseando-se nas pesquisas apresentadas nesta seção, pode-se inferir que boa parte dos russos entrevistados pelo Levada Center, Pew Research e até mesmo pelo AP-NORC aceitaram o movimento de securitização já que muitos apoiavam a anexação da Crimeia pela Rússia e compartilhavam da ideia de que o governo precisava proteger determinadas áreas, que tinham russos e falantes de russo. Consegue-se afirmar, com os estudos apresentados aqui, esse apoio porque até mesmo o argumento de que os ultranacionalistas ucranianos eram responsáveis pela crise e podiam propagar a violência pela Crimeia e pelas províncias do leste da Ucrânia foram aceitos por uma quantidade considerável de pessoas entrevistadas por esses dois centros de pesquisa.

Levando em consideração o resultado do referendo na Crimeia e as pesquisas feitas por esses três centros, pode-se considerar que parte da audiência apoiou a securitização da identidade política dos compatriotas, que segundo tal construção discursiva, estava em risco

devido à instabilidade política na Ucrânia. Nesse sentido, a única alternativa à Rússia como meio de proteger esse grupo de pessoas foi a anexação da Crimeia.

3.5.2 A propaganda na península da Crimeia e o apoio popular

Durante o mês de março, antes do referendo que votou pela anexação da Crimeia, diversos cartazes foram esalhados pela península. O interessante desses cartazes é a referência que eles fazem à situação interna da Ucrânia (associada ao nazismo e à insegurança) e à possibilidade de se unir aos russos (que era apresentando como total oposto da Ucrânia).

Figura 6 - Cartaz na Crimeia com suástica dentro do mapa da Crimeia



Fonte: BBC, 2014. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-26552066>

Na imagem acima é possível ver um letreiro com os dizeres “no dia 16 escolheremos”. Abaixo, de um lado, o mapa da Crimeia pintado de vermelho e preto com uma suástica, fazendo referência ao nazismo, e de outro, o mapa da Crimeia pintado com as cores da bandeira da Rússia. Em termos das cores utilizadas, vale ressaltar que, se por um lado o vermelho e o preto associados à suásticas transmitem uma sensação mais violenta enquanto, por outro lado, o fundo

azul claro, da outra imagem transmite certa tranquilidade, que é completada com as cores da bandeira da Rússia.

Figura 7 - Cartaz em Sebastopol sobre o referendo



FONTE: FONTE: MILLIN, Sandy. Disponível em:

<https://sandymillin.wordpress.com/2014/03/12/crimea-from-a-brit-who-lives-there/>

A imagem acima foi compartilhada é em uma plataforma online de blogs por uma professora, chamada Sandy Millin, que estava morando na Crimeia no momento da votação do referendo no ano de 2014. Ela compartilhou uma série de fotos com os cartazes e as propagandas que ocorriam naquele momento. Esta imagem traz dizeres como “pare o fascismo” e “todos vão ao referendo” e novamente utiliza uma suástica para fazer referência ao nazismo. Essa suástica e as referências ao nazismo também aparecem na imagem abaixo.

Figura 8 - Pare o fascismo



FONTE: FONTE: BBC, 2014. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-26552066>

Novamente um outdoor que fala sobre o referendo e está escrito “vote no referendo para acabar com o fascismo”. Como já dito, é interessante notar como todos os cartazes expostos até aqui passam uma mensagem de que o povo da Crimeia precisa escolher entre continuar num país dominado por nazistas ou se unir aos russos, que são apresentados como o oposto. Em outras palavras, se o povo votar a favor da emancipação e da anexação, eles viverão livres do nazismo. A ideia exposta nos cartazes se aproxima aos discursos de Vladimir Putin e Vitaly Churkin sobre os radicais nacionalistas, nesse caso ligados ao nazismo, que teriam tomado o poder em Kiev e, nesse contexto, os russos e moradores da Crimeia estão em perigo em função da violência por esse novo governo.

Nas duas imagens abaixo, o slogan “Crimeia é nossa” se tornou frase de cartazes em protestos e até de camisetas utilizadas por atletas, por exemplo. A frase reforça mais uma vez a ideia de que Crimeia e a Rússia possuem uma ligação e são partes do mesmo país.

Figura 9 - Crimeia é Nossa: cartaz



FONTE: WORLD POLITICS REVIEW, 2014. Disponível em:
<https://www.worldpoliticsreview.com/articles/14544/for-the-west-freezing-2014-s-conflicts-will-top-agenda-in-2015>

Figura 10 – A Crimeia é nossa!



FONTE: TWITTER, 2022. Disponível em:
<https://twitter.com/SlavaMalamud/status/1500225641807032327?t=z1zIYHMfizTwWFKhG1180g&s=1>

Na figura 10, especificamente, Semyon Varlamov, goleiro russo de hóquei que atualmente joga nos Estados Unidos, veste a camiseta com o dizer “Crimeia é nossa”, que aparece ao lado de uma imagem do presidente russo Vladimir Putin. As imagens do goleiro e da mulher nos protestos confirmam o apoio popular à ideia de que a Crimeia é parte da Rússia e, portanto, aprovam a anexação do território.

3.6 Considerações finais sobre o capítulo

A crise na Ucrânia, que começou com protestos contra a recusa do presidente ucraniano de assinar um acordo com a EU, começou no final de 2013 e atingiu outro patamar no ano de 2014 quando Viktor Yanukovich, eleito presidente da Ucrânia em 2010, saiu do poder. Essa situação que se desenrolou no território ucraniano é um momento marcante das relações entre Kiev e Moscou no pós-Guerra Fria.

O escalonamento da violência em território ucraniano levantou discussões na Rússia e posicionamentos do governo russo sobre a situação da Crimeia e do status da língua russa naquele país. Como visto neste capítulo, a história dos russos com a Crimeia data da época do império russo, perpassa a União Soviética e continua após o colapso do comunismo. Uma grande quantidade de russos e falantes de língua russa formam a sociedade da Crimeia e é lá que se encontra a Frota do Mar Negro que é importante militarmente para Moscou. Essa quantidade de falantes de russos e a BSF permitem a elite política russa construir o argumento de proximidade entre russos e os moradores da Crimeia e a justificar uma ação humanitária na região e a própria anexação da Crimeia.

O argumento exposto ao longo deste trabalho é de que o governo russo, através de sua elite política securitizou a identidade política dos compatriotas russos que moram na península, justificando, então, a anexação da Crimeia. Ao discorrer que os indivíduos russos e compatriotas estavam sendo privados da sua língua (russa) pelos novos governantes e poderiam sofrer com a violência que se espalhou por Kiev, o governo consegue construir um argumento de que a Crimeia e os compatriotas estavam em uma situação de insegurança e, portanto o governo russo precisava agir em defesa desses.

Através da análise dos discursos percebe-se como essa ideia de insegurança é apresentada tanto por Vitaly Churkin quanto por Vladimir Putin. Os discursos desses dois que

representam a elite política do governo russo também ressalta as questões históricas e religiosas que unem os dois territórios, e a importância da BSF para a Rússia e para os interesses russos na região. Através do discurso enquadram o novo governo ucraniano, que se formou após a saída de Yanukovich, como radical, ultranacionalista e que foi apoiado pelo Ocidente com o intuito de desestabilizar o país. Essa desestabilização contribuiria para o aumento da violência e para a situação de insegurança no país e na Crimeia.

Nota-se, ao analisar pesquisas de opinião realizadas na Rússia e até mesmo na Ucrânia, que boa parte dos entrevistados na Rússia e na região da Crimeia aceitaram a anexação e a ideia de uma situação de insegurança na península devido aos acontecimentos em Kiev e a saída de Yaukovych. Ideias como a Crimeia ser parte da Rússia e de que a península poderia ser alvo de uma espécie de “ucranização” são apontadas como possíveis justificativas para apoiar a anexação.

Pode-se observar que o argumento de que a Ucrânia estava sob o comando de forças ultrarradicais e nacionalistas e até mesmo nazistas também aparece nos cartazes espalhados pela Crimeia antes da votação do referendo. Os dizeres dos cartazes se aproximam dos discursos proferidos por Putin e Churkin ao apresentar a anexação da Crimeia à Rússia como uma saída segura para o nazismo que se instalava na Ucrânia. Ademais, dizeres como a “Crimeia é nossa”, em referência à península pertencer aos russos também passaram a ser adotados pela própria população russa, sendo estampados em cartazes de protestos e em camisas. Todas as imagens aqui analisadas articulam a ideia de que a Crimeia e a Rússia são apenas um território e que ao escolher os russos, a Crimeia estava escolhendo ser protegida em relação às inseguranças que a rondavam devido à situação política da Ucrânia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No dia 18 de março de 2022, data que marca exatamente 8 anos da anexação da Crimeia pelos russos, o presidente da Rússia Vladimir Putin fez um discurso durante uma espécie de showmício que comemorava a data. Estima-se que uma multidão de 95 mil pessoas assistiu ao discurso do presidente dentro do estádio de futebol Luzhniki, em Moscou, enquanto outras 100 mil pessoas acompanhavam as festividades do lado de fora (THE MOSCOW TIMES, 2022). Como estamos testemunhando, a comemoração dos oito anos de anexação da Crimeia ocorreu no meio da guerra que se desenrola entre Ucrânia e Rússia.

Figura 11 - Estádio Luzhniki no dia 18 de março de 2022



FONTE: KREMLIN, 2022. Disponível em: <http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts/68016>

Como pode ser visto na imagem acima, a multidão tomou o estádio empunhando bandeiras da Rússia enquanto os telões mostravam a figura de Putin discursando. Ao concluir essa dissertação, é interessante analisar o discurso proferido por Putin no momento da anexação da Crimeia em relação ao de comemoração do aniversário de anexação deste ano de verificar que certas ideias presentes nos discursos antes e depois da anexação da Crimeia, proferidos no ano de 2014, não mudaram.

“On our land, united by common fate. This is what the people of Crimea and Sevastopol must have been thinking as they went to the referendum on March 18, 2014. They lived and continue to live on their land, and they wanted to have a common fate with their historical motherland, Russia. They had every right to it and they achieved their goal. Let’s congratulate them first because it is their holiday. Happy anniversary!”⁶¹ (PUTIN, 2022, s/p, grifo nosso)

No discurso do dia 18 de março de 2022, Vladimir Putin faz referência a algo que ele já havia falado em 2014: que a Crimeia e a Rússia possuem um destino em comum, uma história em comum. Isto é, que russos e crimeios compartilham a mesma história e o mesmo passado. Ressalta também que os moradores da península da Crimeia tinham o direito de escolher o seu destino (ou seja, de se unir novamente à Rússia) e esta escolha foi feita por meio do referendo de anexação em 2014. Como dito, esses argumentos são parecidos com os discursos proferidos – e analisados ao longo da dissertação – por Vladimir Putin e por Vitaly Churkin em 2014 que ressaltam a história comum da Rússia e da Crimeia, e a necessidade de escolha do povo da península.

"These decisions are not even as important as the fact that the residents of Crimea and Sevastopol made the right choice when they put up a firm barrier against neo-Nazis and ultra-nationalists. What was and is still happening on other territories is the best indication that they did the right thing."⁶² (PUTIN, 2022, s/p)

Durante o discurso, Putin comenta que os cidadãos da Crimeia e de Sebastopol tomaram a decisão correta ao escolherem a anexação, pois, se colocaram contra os neonazistas e ultranacionalistas que estavam governando a Ucrânia. Esse argumento de que o território ucraniano estava sendo governado por radicais e neonazistas é o mesmo argumento apresentado por Vladimir Putin e Vitaly Churkin em 2014. Essa ideia do nazismo dominando a Ucrânia também pode ser encontrada nos cartazes que foram apresentados e analisados no terceiro capítulo desta dissertação. Mesmo oito anos após a anexação da Crimeia, o discurso de que

⁶¹ Na nossa terra, unidos por um destino em comum. Era sobre isso que o povo da Crimeia e de Sebastopol deviam estar pensando quando votaram no referendo em 18 de março de 2014. Eles viveram e continuam a viver em suas terras. Eles queriam ter um destino em comum com sua terra natal histórica, a Rússia. Eles têm todo o direito e conquistaram esse objetivo. Vamos dar os parabéns a eles primeiro, pois o feriado é deles. Feliz aniversário.

⁶² Essas medidas não são tão importantes quando o fato de os cidadãos da Crimeia e de Sebastopol terem tomado a decisão certa ao colocarem uma barreira sólida contra neonazistas e ultranacionalistas. O que aconteceu e ainda está acontecendo em outros territórios é a prova de que eles fizeram a coisa certa

neonazistas e ultra-radicais governam a Ucrânia ainda é proferido pela elite política do governo russo e tais grupos ainda são apresentados como uma ameaça ao povo russo e aos compatriotas russos.

Em 2022, Putin, então, reafirma algo que o governo russo já argumentava em 2014: o que aconteceu na Ucrânia em 2014, que levou à deposição de Viktor Yanukovich, foi um golpe de Estado. No aniversário de 8 anos da anexação da Crimeia, Putin discursa novamente sobre esse golpe de Estado, mas compara a situação da Crimeia com a da região de Donbass. "People who lived and live in Donbass did not agree with this coup d'état, either. Several punitive military operations were instantly staged against them; they were besieged and subjected to systemic shelling with artillery and bombing by aircraft – and this is actually what is called “genocide”⁶³(PUTIN, 2022, s/p)". Se em 2014 eram os compatriotas e moradores da Crimeia que vivenciavam uma situação de possível genocídio e de insegurança crescente, agora são os moradores e compatriotas da região do Donbass que estão em perigo nessa construção discursiva. Esse processo de securitização dos moradores de Donbass autoriza – novamente - a ação excepcional do governo russo, mas dessa vez a ação é na região do Donbass e é uma ação militar que iniciou a guerra entre Rússia e Ucrânia.

Analisar o discurso proferido por Putin durante a comemoração dos 8 anos da anexação da Crimeia é importante para as considerações finais desta dissertação pois, a hipótese desenvolvida ao longo deste trabalho foi a de que o governo russo apresentou a situação da Crimeia como uma região que estava ameaçada pelo novo governo ucraniano, ultranacionalista e radical, e, por conta dessa situação, os compatriotas russos (grupo que abrange desde os russos étnicos até aqueles que possuem alguma ligação com o Estado russo), que moravam na península, estavam ameaçados. Essa hipótese foi analisada a partir dos instrumentos teóricos oferecidos pela teoria da securitização e pelos trabalhos dos estudiosos da chamada Escola de Copenhague dos estudos de segurança.

A teoria da securitização fornece uma espécie de passo a passo para analisar como um tema se torna uma questão de segurança através dos discursos de um determinado ator. Utilizando as ferramentas da teoria da securitização, podemos identificar quem são os atores, o objeto e audiência da securitização da identidade dos compatriotas russos na Crimeia. O ator da securitização, no caso desta dissertação, é a elite política do governo russo que apresenta o

⁶³ Pessoas que vivem em Donbass também não concordaram com esse golpe de estado. Uma série de operações militares foi lançada contra eles instantaneamente. Eles foram vítimas de ataques de artilharia e bombardeios. E é isso que nós realmente chamamos de genocídio.

objeto de referência (a Crimeia e a identidade política dos compatriotas) como aquele que está em estado de insegurança e ameaçado. Esse estado de insegurança advém, segundo articulado nos discursos da elite política do governo russo, do novo governo ucraniano ultranacionalista e radical que está governando a Ucrânia de forma ilegal. Nesse caso, o novo governo ucraniano é o sujeito referente dentro da teoria da securitização.

Securitização é um processo discursivo pelo qual uma questão é dramatizada e apresentada como um problema de segurança. Ao denominar algo como uma questão de segurança, um agente reivindica uma necessidade e um direito de conduzir e tratar essa questão por meios extraordinários. Então, o governo russo ao apresentar que os compatriotas estavam sendo privados do seu direito à língua, e sua segurança e identidade política estavam em risco, promoveu a necessidade de proteger e tratar essa situação de uma forma excepcional, isto é, anexando a Crimeia, que até então era parte do Estado ucraniano.

Sobre a audiência que acata ou não o discurso de securitização proferido pelo ator securitizador, nesse caso a audiência é formada tanto pela população da Crimeia quanto pelos russos que vivem dentro das fronteiras geográficas da Federação Russa. É através da análise da percepção dessa audiência que se descobre se o movimento de securitização feito pelo governo foi aceito ou não pela audiência. Dessa forma, o movimento de securitização por si só não significa que a securitização foi bem-sucedida. É necessário que a audiência, nesse caso a população, aceite tal movimento e apoie o discurso produzido pelo governo russo. E para identificar se esse discurso de securitização foi aceito ou não, este trabalho analisou dados obtidos por centros de pesquisas para saber qual foi a opinião da população, se eles eram a favor ou contra a anexação da Crimeia pela Rússia.

Para compreender como essa ameaça foi apresentada, seu contexto e a medida excepcional da Rússia de anexar o território da Crimeia foi preciso investigar sobre a política externa russa, a atuação russa no espaço pós-soviético e quem são os compatriotas russos que estavam ameaçados. Esses pontos são fundamentais para essa pesquisa e para compreender como o governo russo constrói seus argumentos e justifica suas ações perante sua audiência.

Ao analisar a política externa russa pós-colapso da União Soviética, é perceptível que a expansão da OTAN e da União Europeia, que são consideradas forças Ocidentais neste trabalho, são compreendidas pelo governo russo como uma ameaça aos seus interesses no espaço pós-soviético e aos compatriotas russos que vivem na região. Essa expansão da OTAN e da UE também são lidas pelo Kremlin como uma ameaça à existência de Moscou e transmite uma

mensagem de que a Guerra Fria acabou, mas a Rússia ainda é um inimigo que precisa ser combatido e controlado.

Essas instituições são uma ameaça porque, nos discursos proferidos por Vladimir Putin e Vitaly Churkin, os ocidentais aparecem como incentivadores, por exemplo, da situação de crise que tomou conta da Ucrânia no final de 2013 e início de 2014. O Ocidente seria aquele que incentiva o caos e que cruzou uma linha ao intervir na Ucrânia de acordo com os discursos de Moscou aqui analisados. Esse acontecimento e o incentivo ao caos servem para construir o argumento russo de que a Crimeia e os compatriotas russos estavam em perigo, em uma situação de insegurança, e precisavam da ajuda humanitária da Rússia.

Como analisado no capítulo 2, esses compatriotas citados anteriormente e alvo de várias políticas específicas do governo russo se encontram espalhados pelos países que um dia formaram a União Soviética e em territórios como o da Ucrânia. Os compatriotas são, seguindo a definição apresentada nesta dissertação, os russos étnicos, os falantes de russo, aqueles que possuem alguma ligação histórica, cultural ou religiosa com a Rússia. Ou seja, é um conceito que abarca diversos indivíduos e esses indivíduos, através de políticas criadas pelo governo e de instituições e fundações como Russkiy Mir, tem seus laços com a Rússia incentivados e mantidos.

Argumentamos, assim, que esses compatriotas se tornaram uma peça fundamental da política externa russa durante os anos de governo de Vladimir Putin e eles não podem ser ignorados nas análises que envolvem a Rússia e o espaço pós-soviético, em especial, as relações da Rússia com a Ucrânia e a Crimeia. Os compatriotas são tratados em documentos importantes como os Conceitos de Política Externa russa, de doutrina militar e até mesmo nos discursos proferidos pela elite política russa durante a crise ucraniana e a anexação da Crimeia.

Para compreender os discursos proferidos por Vladimir Putin e por Vitaly Churkin em 2014 sobre favoráveis à anexação da Crimeia é preciso entender o contexto ucraniano que levou à derrubada de Viktor Yanukovich. Afinal, o governo russo apresenta a deposição de Yanukovich, em fevereiro de 2014, como um golpe de Estado e não aceita a legitimidade do novo governo ucraniano. Os atores da elite política russa também apresentam a situação do território ucraniano pós-golpe de 2014 como a situação de um país que foi dominado por ultrarradicalistas, nacionalistas conservadores e nazistas.

Sobre as análises de conteúdo feitas ao longo do capítulo 3, buscamos compreender como o discurso da securitização foi produzido e como o governo russo apresentou a questão da Crimeia, considerando quais referências foram citadas, se o Ocidente aparece como

incentivador da situação de crise da Ucrânia, e se os compatriotas são citados nos discursos. O intuito dessa análise foi identificar como o governo russo, através do presidente e do representante russo no CSNU, securitizou a situação da Crimeia e a identidade política dos compatriotas, e, nesse sentido, construiu um discurso particular para a audiência.

Tanto Vitaly Churkin quanto Vladimir Putin proferiram em seus discursos que as forças Ocidentais atuaram na crise ucraniana e são responsáveis pela instabilidade que dominou o país e, conseqüentemente, pela situação em que se encontram os moradores e compatriotas da península da Crimeia. Além disso, durante os respectivos discursos analisados, o governo russo ressalta a ideia de que existe uma ameaça à segurança dos compatriotas russos e dos moradores da Crimeia e que a única forma de reverter essa insegurança seria a saída da Crimeia da Ucrânia e sua reunificação com a Rússia.

Assim como o discurso de comemoração de 8 anos da anexação da Crimeia ressalta as ligações entre Rússia e a península da Crimeia, os discursos de Vladimir Putin e Vitaly Churkin também o fazem. A importância de Sebastopol, da Frota do Mar Negro e as ligações históricas e culturais entre russos e a Crimeia são lembradas em diversos momentos dos discursos analisados ao longo deste trabalho. Percebe-se, então, ao analisar as falas de Putin e Churkin, que as ligações históricas, culturais e religiosas também fazem parte do repertório do governo e ajudam a aproximar ainda mais os compatriotas russos que estão dentro do território da Crimeia aos russos que estão dentro das fronteiras da Federação Russa. Ao falar sobre religião, história, cultura e como essas também estão ameaçadas pelo que ocorre dentro do país vizinho, o governo russo constrói um argumento de que não apenas a identidade política dos compatriotas naquela região está em perigo, mas a própria cultura e história da Rússia está em risco. Por isso, o governo precisa agir de forma excepcional e promover a anexação de um território, pois esta é a única maneira de proteger os compatriotas, a Crimeia, os interesses russos e o próprio Estado russo do que se desenhava dentro da Ucrânia.

Os resultados do referendo mostram que dentro da Crimeia, venceu a ideia de que se unir à Rússia significava a proteção da população da península, que permanecia insegura enquanto parte da Ucrânia. Dessa forma, argumentamos que o movimento de securitização do governo russo foi bem-sucedido. Somado a isso, os resultados obtidos através de pesquisas feitas com a população russa e da Crimeia pelos centros de pesquisa comprovam que o movimento de securitização promovido pela Rússia foi aceito pela audiência.

Considerando os resultados apresentados no terceiro capítulo a partir da análise dos dados obtidos por meio das pesquisas promovidas pelo Levada Center, AP-NORC e Pew

Research, pode-se afirmar que a maior parte dos entrevistados concorda com o movimento de securitização promovido pelo governo russo visto que a maioria apoiou a anexação da Crimeia pela Rússia. Além disso, muitos dos entrevistados compartilham do argumento de que o governo russo precisava proteger determinadas áreas, onde vivem falantes de russo e compatriotas, e uma dessas áreas seria a Crimeia. Dessa forma, argumentamos que a audiência apoiou a securitização o processo de securitização da identidade política dos compatriotas, que estava ameaçada pelos acontecimentos na Ucrânia, abrindo-se espaço, então, para ações excepcionais, como a anexação da Crimeia.

Este trabalho não contribui apenas para o entendimento do discurso russo acerca da anexação da Crimeia ou sobre como Moscou construiu o argumento de que os compatriotas russos estavam ameaçados e que medidas precisam ser tomadas para garantir a segurança dos compatriotas russos na península. Este trabalho permite também pensar e analisar as dinâmicas de segurança envolvendo a Rússia e o espaço pós-soviético e a construção de inseguranças nessa área pelo discurso oficial do governo russo.

Analisar o processo de securitização promovido pela elite política do governo russo ilumina a análise crítica das relações entre russos e ucranianos. Por exemplo, a teoria da securitização e análise de conteúdo dos discursos da elite política russa contribuem também para compreensão de outros discursos produzidos pelo governo e seus posicionamentos sobre outras questões, como a não anexação de Donbass. Destacamos isso porque no momento em que esta dissertação é finalizada uma guerra entre Rússia e Ucrânia tem início após o governo russo aceitar a independência de Donbass e iniciar o que chamou de uma operação militar de proteção das repúblicas de Donbass.

Novamente, a ideia de proteção dos russos e dos compatriotas russos aparece nos discursos do governo russo, porém, dessa vez, esse discurso adquire um novo caráter: o da guerra entre dois Estados. Apesar da posição do governo russo, até esse momento, não ser de anexar o território de Donbass, paralelos entre a situação da Crimeia em 2014 e de Donbass em 2022 podem ser traçados e, principalmente, devem ser investigados. Vale ressaltar que desde 2014 até o começo de 2020, o governo russo distribuiu cerca de 200,000 passaportes para moradores da região de Donbass (BURKHADT, 2020). Apesar da distribuição de passaportes não ser algo inédito, como foi mencionado nesta dissertação, essa ação fortalece o argumento russo acerca da necessidade de proteger os compatriotas e pode justificar o que o governo, por exemplo, denomina de operação militar de proteção as repúblicas de Donbass.

Enfim, da mesma forma que questionamos aqui, futuras pesquisas podem analisar e questionar os discursos do governo russo sobre a necessidade de proteger Donbass e invadir a Ucrânia. Será que o governo russo também pode ter securitizado a situação das repúblicas separatistas de Donbass? Existem semelhanças sobre a situação de Donbass e da Crimeia? A política de passaportes foi implementada nas duas regiões? Por que anexar a Crimeia e não anexar Donbass? Todos esses questionamentos podem ajudar a avançar novas agendas de pesquisa que focam na complexa relação entre compatriotas russos e a Era Putin no espaço pós-soviético.

REFERÊNCIAS

ADAM, Gabriel Pessim. A Rússia como grande Potência e a Parceria Estratégica com a China. IN: ALVES, André Gustavo de Miranda Pineli (org). **O Renascimento de uma Potência?** Vinte Anos de Transformações Na Rússia. Brasília: IPEA, 2012, 51-95p.

AP-NORC CENTER FOR PUBLIC AFFAIRS RESEARCH. **Public Opinion in Russia: Russians' Attitudes on Economic and Domestic Issues.** 2014. Disponível em: <<https://apnorc.org/wp-content/uploads/2020/02/RussiaWorldCupOlympicTopline.pdf>> Acesso em: 8 mar 2022.

BALZACQ, Thierry; LÉONARD, Sarah; RUZICKA, Jan. 'Securitization' revisited: Theory and cases. **International relations**, v. 30, n. 4, p. 494-531, 2016.

BENNETT, Christopher. Building effective partnerships. **Nato Review 2003.** Bruxelas: OTAN, 2003. Disponível em: <<https://www.nato.int/docu/review/articles/2003/09/01/building-effective-partnerships/index.html>>. Acesso em: 20 fev. 2022.

BERSTEIN, S.; MILZA, P. **História do século XX:** volume 3: de 1973 aos dias atuais: a caminho da globalização e do século XXI. São Paulo, SP: Companhia Editora Nacional, 2007.

BURKHARDT, Fabian. Russia's "passportisation" of the Donbass: the mass naturalization of Ukrainians is more than a foreign policy tool. **Stiftung Wissenschaft und Politik**, n.41, 2020.

BUZAN, Barry; WÆVER, Ole; WILDE, Jaap de. **Security: A New Framework for Analysis.** Colorado: Lynne Rienner Publishers Inc, 1998. p. 21-47.

CAVALCANTE, Ricardo Bezerra; CALIXTO, Pedro; PINHEIRO, Marta Macedo Kerr. Content analysis: general considerations, relations with the research question, the possibilities and limitations of the method. **Informação & Sociedade: Estudos**; v. 24, n. 1, n. 2, 2014.

CHARRON, Austin, Whose is crimea? Contested sovereignty and regional identity, **Region, Regional Studies of Russia, Eastern Europe, and Central Asia**, v. 5, n. 2, p. 225–256, 2016.

CHURKIN, Vitaly. 2014. In: UNSCOR., 7124th Mtg, UNDOC S/PV.7124, 1 mar 2014. Disponível em: <<https://www.securitycouncilreport.org/un-documents/document/spv7124.php>>. Acesso em: 10 nov. 2021.

_____. 2014a. In: UNSCOR, 7125th Mtg, UNDOC S/PV.7125, 3 mar 2014. Disponível em: <<https://www.securitycouncilreport.org/un-documents/document/spv7125-1.php>>. Acesso em: 10 nov. 2021.

_____. 2014b. In: UNSCOR, 7134th Mtg, UNDOC S/PV.7134, 13 mar 2014. Disponível em: <https://www.un.org/ga/search/viewm_doc.asp?symbol=S/PV.7134>. Acesso em: 10 nov. 2021.

_____. 2014c. In: UNSCOR, 7138th Mtg, UNDOC S/PV.7138, 15 mar 2014. Disponível em: <<https://www.securitycouncilreport.org/un-documents/document/spv7138.php>>. Acesso em: 10 nov. 2021.

_____. 2014d. In: UNSCOR, 7144th Mtg, UNDOC S/PV.7144, 19 mar 2014. Disponível em: <<https://www.securitycouncilreport.org/un-documents/document/spv7144.php>>. Acesso em: 10 nov. 2021.

_____. 2014e. In: UNSCOR, 7154th Mtg, UNDOC S/PV.7154, 13 apr 2014. Disponível em: <https://digitallibrary.un.org/record/768584?ln=zh_CN>. Acesso em: 10 nov. 2021.

COSTA, Wanderley Messias da. **O reerguimento da Rússia, os EUA/OTAN e a crise da Ucrânia**: a Geopolítica da nova Ordem Mundial. *Confins* [Online]. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/confins/10551>>; DOI: 10.4000/confins.10551. Acesso em: 02 jan. 2020.

DUQUE, Marina Guedes. O papel de síntese da escola de Copenhague nos estudos de segurança internacional. **Contexto Internacional** [online]. 2009, v. 31, n. 3, pp. 459-501. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-85292009000300003>>. Acesso em: 24 ago. 2021.

FEDERAÇÃO RUSSA. The foreign policy concept of the Russian Federation. Ministry of Foreign Affairs of the Russian Federation, 2000. Disponível em: <<https://fas.org/nuke/guide/russia/doctrine/econcept.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2022.

FEDERAÇÃO RUSSA. The foreign policy concept of the Russian Federation. Ministry of Foreign Affairs of the Russian Federation, 2013. L

GRIGAS, Agnias. **Beyond Crimea**: the new Russian empire. Yale University Press, London, 2016.

KARAGIANNIS, Emmanuel. The Russian interventions in South Ossetia and Crimea compared: Military performance, legitimacy and goals. **Contemporary Security Policy**, v. 35, n. 3, p. 400-420, 2014.

KARAZIM, Nikolai. Do amor à patria ao orgulho nacional. IN: GOMIDE, Bruno B. **Antologia do pensamento crítico russo: 1802-1901**. São Paulo: Editora: 34, 2015. p.29-36.

KUZIO, Taras. JAMESTOWN FOUNDATION (WASHINGTON, DC). **The Crimea: Europe's next flashpoint?**. Washington, DC: Jamestown Foundation, 2010.

LARUELLE, Marlene. Russia as a “divided nation,” from compatriots to crimea: A contribution to the discussion on nationalism and foreign policy, **Problems of Post-Communism**, v. 62, n. 2, p. 88–97, 2015.

LAVROV, Sergei. Reflexões sobre um novo estágio do desenvolvimento internacional. In: CARRASCO, Lorenço; PALACIOS, Silvia (org.). **A Missão da Rússia: na atual mudança de época**. Trad. Geraldo Luís Lino. Rio de Janeiro, Capax Dei Editora, 2019. p. 93-105.

LEVADA CENTER. **We treat him like he's mad, but Vladimir Putin's popularity has just hit a 3-year high**. 2014. 21 mar 2014. Disponível em: <<https://www.levada.ru/en/2014/03/21/we-treat-him-like-he-s-mad-but-vladimir-putin-s-popularity-has-just-hit-a-3-year-high/>>. Acesso em: 8 mar. 2022.

_____. **Crimea**, 2014a. 12 nov 2014. Disponível em: <<https://www.levada.ru/en/2014/11/12/crimea/>>. Acesso em: 2 mar. 2022.

LOFTUS, Suzanne. **Insecurity & The Rise of Nationalism in Putin's Russia: Keeper of Traditional Values**, Cham, Switzerland: Palgrave Macmillan, 2019.

MAZAT, Numa. SERRANO, Franklin. A Geopolítica da Federação Russa em relação aos Estados Unidos e à Europa: Vulnerabilidade, Cooperação e Conflito. ALVES, André Gustavo de Miranda Pineli (org.). **O Renascimento de uma Potência? Vinte Anos de Transformações na Rússia**. Brasília: IPEA, 2012. 9-50p.

MCDONALD, Matt. Constructivism. In: WILLIAMS, Paul (Ed.). **Security studies: an introduction**. New York: Routledge, 2007. p 59-72.

MEARSHEIMER, John J. Why the Ukraine Crisis Is the West's Fault: the liberal delusions that provoked Putin. New York: **Foreign Affairs**, 2014. Disponível em:

<<https://www.foreignaffairs.com/articles/russia-fsu/2014-08-18/why-ukraine-crisis-west-sfault>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

MEREZHKO, Oleksandr. Crimea 's Annexation by Russia – Contradictions of the New **Russian Doctrine of International Law**, *ZaöRV*, v. 75, p. 167–194, 2015.

MIELNICZUK, Fabiano. A Crise Ucraniana e suas implicações para as Relações Internacionais. Rio Grande do Sul: **Revista Conjuntura Austral**, v. 5, n. 23, p. 4-19, abr./maio 2014.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. **A desordem mundial: O espectro da dominação: guerras por procuração, terror. Caos e catastrofes humanitárias**. Rio de Janeiro: editor José Olimpio, 2016.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. **A Política Externa dos Estados Unidos**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

PECEQUILO, Cristina Soreanu; LUQUE, Alessandra Aparecida. Estados Unidos e Rússia: Convergência e Divergência Geopolítica (1989-2016). **Meridiano 47**, 17, p 2-17, 2016.

PEW RESEARCH, 2014. **Despite Concerns about Governance, Ukrainians want to Remain one Country**. 8 mai 2014. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/global/2014/05/08/despite-concerns-about-governance-ukrainians-want-to-remain-one-country/>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

PIEPER, M. A. Russkiy mir: the geopolitics of Russian compatriots. **International Affairs**, 2018, v. 84, n. 6, p. 1145-71.

PLESHAKOV, Constantine. **The Crimean Nexus: Putin's War and the clash of civilizations**, 1. ed. New Haven; London: Yale University Press, 2017.

PLOKHY, Serhii. **The Last Empire: the final days of the Soviet Union**. New York: Basic Books, NY, 2014. 560p.

PUTIN, Vladimir. **Annual Address to the Federal Assembly of the Russian Federation**, 2005. Disponível em: <<http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts/22931>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

_____. **Vladimir Putin answered journalists' questions on the situation in Ukraine**, 2014. Disponível em: <<http://en.kremlin.ru/events/president/news/20366>>. Acesso em: 01 fev. 2022.

_____. **Address by President of the Russian Federation**, 2014a. Disponível em: <<http://en.kremlin.ru/events/president/news/20603>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

_____. A nova ordem: novas regras ou jogo sem regras. In: CARRASCO, Lorenço; PALACIOS, Silvia (org.). **A Missão da Rússia**: na atual mudança de época. Trad. Geraldo Luís Lino. Rio de Janeiro: Capax Dei Editora, 2019. p. 57-73.

_____. **Concert marking the anniversary of Crimea's reunification with Russia**, 18 mar 2022. Disponível em: <<http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts/68016>>. Acesso em: 24 mar 2022.

ROSSOTRUDNICHESTVO, 2022. Disponível em: <<https://rs.gov.ru/en/>>. Acesso em: 02 fev. 2022.

RUDZIT, G. O debate teórico em segurança internacional. Mudanças frente ao terrorismo?. **Civitas** - Revista de Ciências Sociais, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 297-323, 2005. DOI 10.15448/1984-7289.2005.2.5

RUSSKIY MIR (site official), 2022. Disponível em: <www.russkiymir.ru/en/fund/index.php>. Acesso em: 01 fev. 2022.

SANTOS, Rosiane Martins dos. A geopolítica russa em relação aos Estados Unidos nos anos 2000. **Oikos**, v. 16, n. 1, p. 86-98, 2017.

SEGRILLO, Angelo. **De Gorbachev a Putin**: a saga da Rússia do socialismo ao capitalismo. Curitiba: Prismas, 2014. 254p.

_____. **Os russos**. Editora Contexto, 2015.

SILVA, Caroline Cordeiro Viana; PEREIRA, Alexsandro Eugenio. A Teoria de Securitização e a sua aplicação em artigos publicados em periódicos científicos. **Revista de Sociologia e Política**, v. 27, 2019.

SOSNOVSKY, Dmitry. Crimean Identity: Yesterday, Today, Tomorrow?. **Russia in Global Affairs**, June, v. 7, p. 2014, 2014. Disponível: <<https://eng.globalaffairs.ru/articles/crimean-identity-yesterday-today-tomorrow/>>. Acesso em: 30 jan. 2022.

TABACHNIK, Maxim, **Citizenship, Territoriality, and Post-Soviet Nationhood: The Politics of Birthright Citizenship in Azerbaijan, Georgia, and Moldova**, London: Palgrave Macmillan, 2019.

TANNO, Grace. A contribuição da escola de Copenhague aos estudos de segurança internacional. **Contexto Internacional** [online]. 2003, v. 25, n. 1, pp. 47-80. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-85292003000100002>>. Acesso em: 30 jul. 2021.

TASS. 2016. **Russian Justice Ministry source explains recognizing** Levada-Center NGO a "foreign agent". 6 set 2016. Disponível em: <https://tass.com/politics/898199?utm_source=google.com&utm_medium=organic&utm_campaign=google.com&utm_referrer=google.com>. Acesso em: 8 mar. 2022.

TEPER, Yuri. Official Russian identity discourse in light of the annexation of Crimea: national or imperial?. **Post-Soviet Affairs**, v. 32, n. 4, p. 378-396, 2016.

TOAL, Gerard. **Near abroad: Putin, the west, and the contest over Ukraine and the Caucasus**. Oxford University Press, 2016.

TOMÉ, L. O grande jogo Geopolítico nos Espaços do “Espaço Pós-Soviético”. **Geopolítica**, p 187-240, 2007.

TRENIN, Dmitri. **The End of Eurasia: Russia on the Border Between Geopolitics and Globalization**. Washington: Carnegie Endowment for International Peace, 2001. 340 p.

_____. The Ukraine crisis and the resumption of great-power rivalry. Moscow: **Carnegie Moscow Center**, 2014, 38p. Disponível em: <https://carnegieendowment.org/files/ukraine_great_power_rivalry2014.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2022.

THE MOSCOW TIMES. **Putin marks Crimea anniversary, defends ‘special operation’ in Ukraine in Stadium Rally**. 18 mar 2022. Disponível em: <<https://www.themoscowtimes.com/2022/03/18/putin-marks-crimea-anniversary-defends-special-operation-in-ukraine-in-stadium-rally-a76995>>. Acesso em: 24 mar. 2022.

VIANA, Alexander Martins. Russificação soviética e pós-soviética: autoridade política e etnicidade, 1917-1997. **Revista Cantareira**, n.2, p. 1-10, 2002.

WILLIAMS, Paul (Ed.). **Security studies**: an introduction. New York: Routledge, 2007.

ZEVELEV, Igor A. Russia in the Post-Soviet Space: Dual Citizenship as a Foreign Policy Instrument. **Russia in Global Affairs**, v. 19, n. 2, p. 10-37, 2021.